

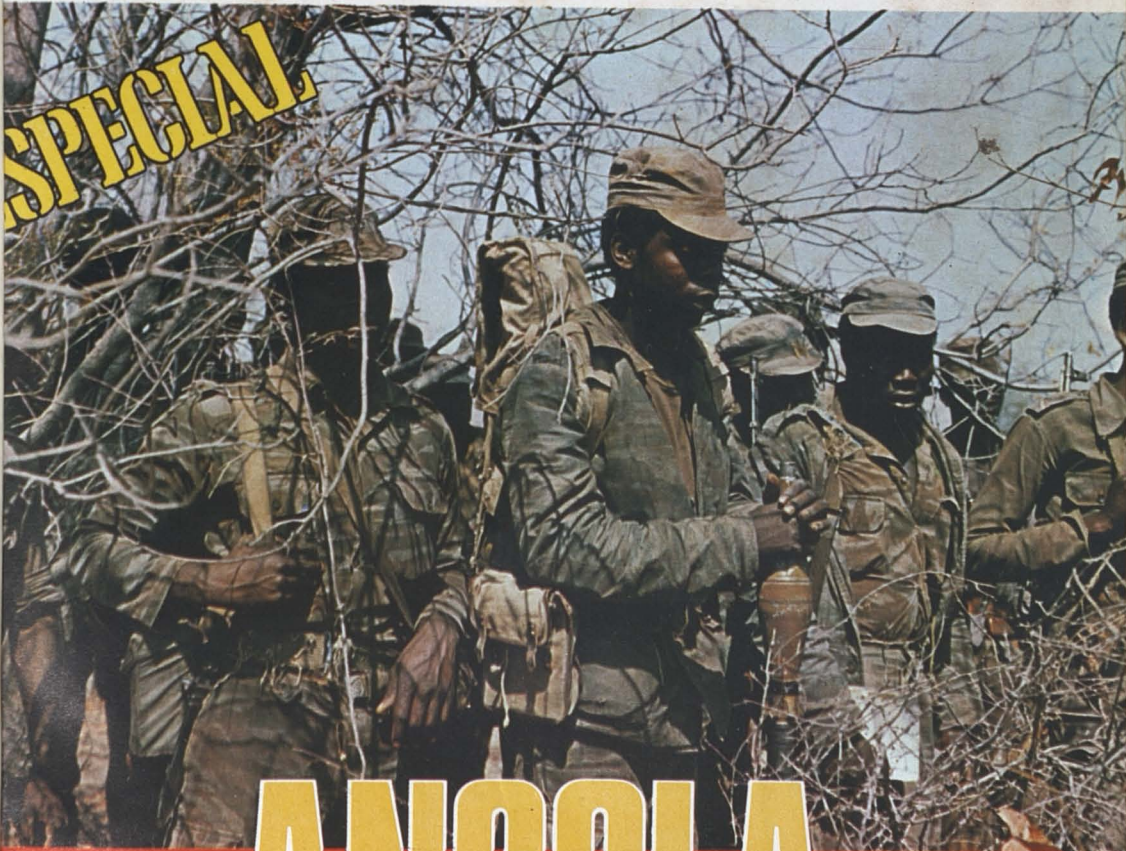
cadernos do

# terceiro mundo

Mensal • Janeiro 1984 • Esc. 100\$ • Mt 80\$ • Pg 80\$ • CV 80\$ • Cr\$ 700 • Ano VII • N.º 61

ÍNDIA  
A oposição acusa

SPECIAL

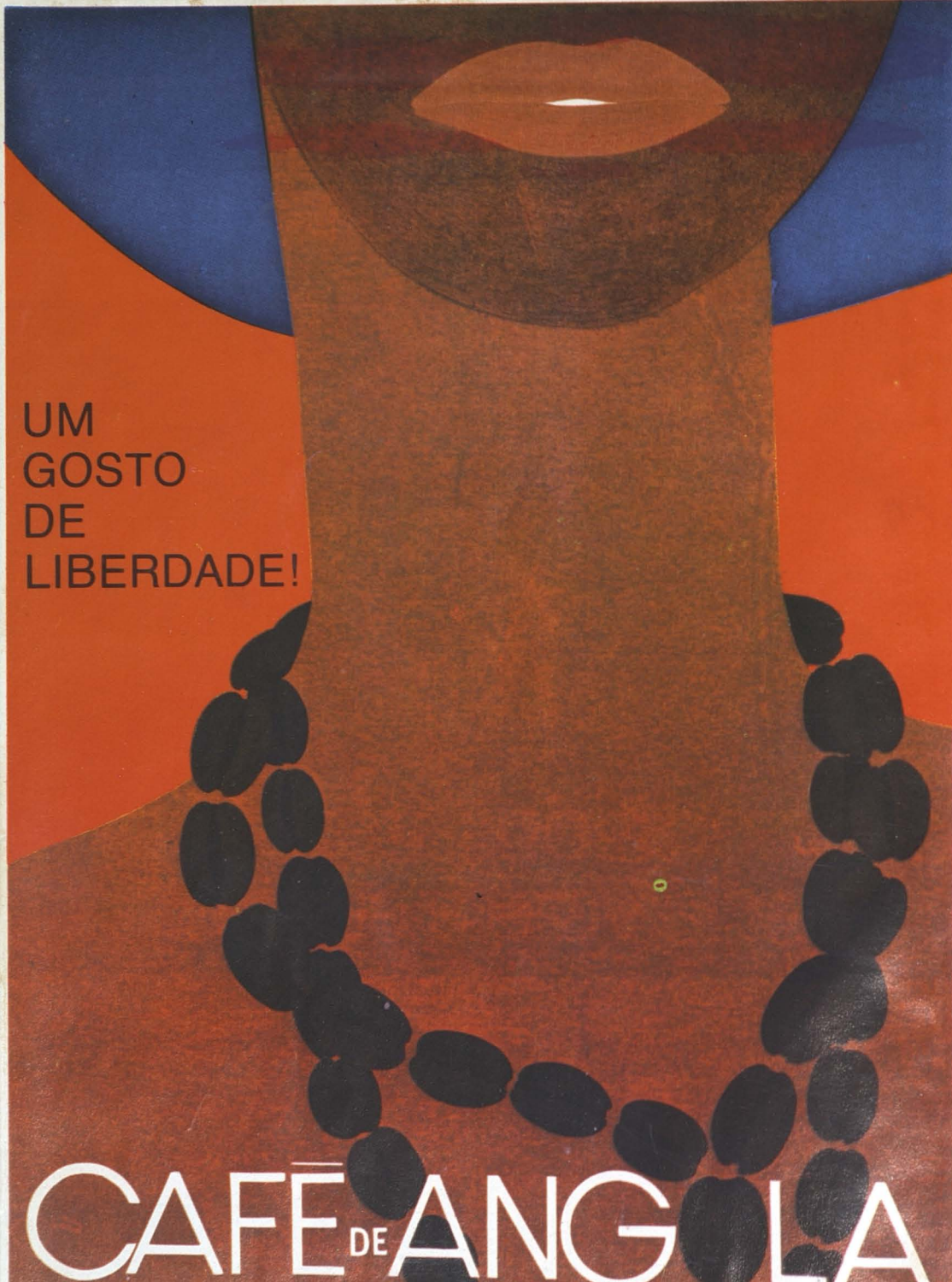


# ANGOLA

Vinte anos de guerra

Oito anos de Independência





UM  
GOSTO  
DE  
LIBERDADE!

# CAFÉ DE ANGOLA

av. 4 de fevereiro No. 107 Luanda

Tel. 342 3442  
Telex 342 3442  
CAFÉ DE ANGOLA



## Um grão de areia

Com este número, a edição portuguesa de "Cadernos do Terceiro Mundo" completa seis anos de publicação consecutiva. Seis anos em que tivemos muito que trabalhar, ultrapassar muitas dificuldades, e remoer, também, algumas frustrações. Apesar de algumas melhorias, pensamos que muito há ainda a fazer para o apuro informativo e jornalístico de "cadernos do terceiro mundo". Temos perfeita consciência que a cobertura do continente africano não está ainda ao nível do conseguido na América Latina. Há factores que, em parte, explicam esta disparidade; o facto do projecto "cadernos" ter nascido no continente latino-americano, de aí se encontrarem mais, e em maior número, meios de comunicação são, de certo, atenuantes, mas não limitações inultrapassáveis. Por outro lado, muitos são os leitores que nos escrevem a exigir da nossa parte maior atenção para os problemas ou situações vividas no seu país, na sua região, ou no seu continente. E se aos africanos nos vemos, em consciência, obrigados a dar inteira razão, aos outros temos porém que recordar-lhes que "cadernos" pretendem ser, desde a sua origem, uma revista de grande divulgação internacional, que leve a cada um dos seus leitores a realidade, a experiência, os avanços ou recuos vividos por povos, por vezes de nós tão distantes, mas cujas aspirações de nós estão tão perto. Quantas vezes os grandes meios de comunicação internacional ligados às grandes transnacionais dos *mass media* bloqueiam ou deturpam essas realidades, reduzindo essas lutas e essas aspirações de justiça social e independência aos simplistas e mal-intencionados juízos de valor da retorcida lógica da confrontação Leste-Oeste. Ignoram, no fundo,

que existem povos, com a sua cultura e a sua história, com aspirações muito mais antigas do que a lógica em que assentam os seus raciocínios ou das superpotências que afirmam protagonizar essa confrontação. É contra isso que, desde há seis anos, nos batemos. O apoio dos nossos leitores, dos mais diversos continentes, tem sido decisivo. Com o seu apoio estamos certos que prosseguiremos, se possível, com maior eficácia no futuro.

Curiosamente, tal como há seis anos, também esta edição tem como temas de capa Angola e a Argentina. Argentina onde a retirada dos militares que impuseram a ditadura e a vitória do radical Raul Alfonsín marcam "o fim de um ciclo e o início de um processo" (ler editorial).

Os nossos companheiros Neiva Moreira e Beatriz Bissio estiveram recentemente em Angola onde se entrevistaram com quadros e figuras de primeiro plano do MPLA — Partido do Trabalho, do governo e das Forças Armadas. Procuram fazer um levantamento das conquistas alcançadas nestes anos de independência e, ao mesmo tempo, tomar conhecimento *in loco* das dificuldades e sacrifícios impostos por uma guerra de agressão movida pela África do Sul contra Angola. É esta longa reportagem que dá corpo a esta edição de aniversário de cadernos.

Esperamos, juntamente com os nossos leitores e amigos — a quem desejamos felizes e justas realizações em 1984 — continuar a mover um grão de areia que seja para que cheguemos ao próximo ano sem Hiroshimas, novas Beirutes ou outras Granadas. Para que a Humanidade possa viver livre do terror do Holocausto nuclear.



Editor e Director: Artur Baptista

**Propriedade:**

Tricontinental Editora, Ld.ª

**Redacção e Sede da Administração:**

Calçada do Combro, 10-1.º

tel. 320650 1200 Lisboa

telex 42720 CTM TE P

Tiragem desta edição: 36.000 exemplares

Número de registo do Serviço de Depósito

Legal: 789/82.

**Editor Geral**

Neiva Moreira

**Editores Associados**

Pablo Piacentini e Beatriz Bissio

**Conselho Editorial Internacional**

Darcy Ribeiro – Juan Somavia

Henry Pease Garcia

Aquino de Bragança

Wilfred Burchett

**Edições em português**

**ANGOLA – CABO VERDE  
GUINE-BISSAU – MOÇAMBIQUE  
PORTUGAL – S. TOMÉ e PRÍNCIPE**

**Redacção**

Baptista da Silva

Carlos Pinto Santos

Alice Nicolau

Guiomar Belo Marques

**Paginação**

Helena Salvador

José Santa-Bárbara

**Revisão**

Estevam Reis

**Documentação e Arquivo**

Cristina Assis

**Serviços Comerciais**

José C. Figueiredo

**Publicidade**

José Ferreira

Cristina Campos

Maria João Macedo

**Composição e Impressão**

Jornal do Comércio e Gráfica Europam

**Distribuição**

CDL Central Distribuidora SARL

**Representantes**

**Angola**

Luis Henriques, C.P. 3593, Luanda

**Moçambique**

Etevaldo Hipólito e João Escadinha

Rua Kongwa, 153, Maputo

tel. 25140

**BRASIL**

**Director e Editor**

Neiva Moreira

**Director Administrativo**

António Neiva

**Secretário de Redacção**

José C. Godim

**arte**

Samara! (editor de arte)

Sonia Freitas

**Revisão**

Cláudia Guimarães

**Documentação e Arquivo**

Lidia Freitas

Eunice H. Senna

**Composição**

Ronaldo Fonseca

**Distribuição e Assinaturas**

Inácio D. Santos

Maria José S. Santos

**Divulgação**

Henrique Menezes

**Representantes**

Clóvis Sena (Brasília)

Paulo Cannabrava Filho (São Paulo)

Caixa Postal 60086 – CEP 05033

Beatriz Schiller (Estados Unidos)

18 East. 18th. Street ap. 3E

Nova York – NY 10003

Tels: (212) – 691-9142/929-5783

**Fotolito e Impressão**

Ebano Gráfica e Editora Ltda.

Rua do Senado, 349

Tels: 250-2505/232-0123

**editora terceiro mundo ltda.**

Rua da Glória, 122 – grupo 105/106

**Tel.: 242-1957/Telex: 2133054CTMB/BR**

CEP20.241 – Rio de Janeiro – RJ

Registo na Junta Comercial do Estado

do Rio de Janeiro n.º 33.200.306.291

C.G.C. (MF) n.º 30.876.783/0001-32

Inscrição Estadual n.º 81.341.400

Registo no INPI n.º 013.539

Registo no SCDP/SV/DPF

n.º 2.195 – P. 209/73

**Edições em espanhol**

**MÉXICO – AMÉRICA CENTRAL  
AMÉRICA DO NORTE e CARAÍBAS**

**Editor**

Roberto Remo

**Gerente Geral**

Gerónimo Cardoso

**editora periodistas del tercer mundo a.c.**

calle Califrónia, 98A – Coyocacán

México, 21 DF – telephone: 689-1740

Correspondência: Apartado Postal, 20 572

México, 20, DF

**BOLÍVIA – CHILE – COLÔMBIA  
EQUADOR – PERU – VENEZUELA**

(Edição andina)

Publicada por DESCO: centro de Estudios y

Promoción del Desarrollo

Avenida Salaverry, 1945

Lima, 14 Peru – Teléfono 724-712

**Edições em inglês**

**ESTADOS UNIDOS – CANADÁ  
EUROPA e PAÍSES DE LÍNGUA  
INGLESA NO TERCEIRO MUNDO**

**Editor**

Fernando Molina

**Editor Consultivo**

Cedric Beffrage

Apartado Postal, 20.572 b– México, DF.

**DISTRIBUIDORES**

**ANGOLA:** EDIL – Empresa Distribuidora Livreira UEE, Avenida Luis de Camões, 111, Luanda. **BELIZE:** Cathedral Book Center, Belize City. **BOLÍVIA:** Tecnolibros S.R.L., Casilla de Correo 20288, La Paz. **BRASIL:** Fernando Chingaglia Distribuidora S.A., Rua Teodoro da Silva, 907 – Rio de Janeiro. **CABO VERDE:** Instituto Cabo-Verdiano do Livro, Rua 5 de Julho, Praia. **CANADÁ:** Third World Books and Crafts, 748 Bay St. Ontário, Toronto – The Bob Miller Book Room, 180 Block St. West, Toronto. **COLÔMBIA:** Ediciones Suramérica Ltda., Carrera 30 n.º 23-13, Bogotá. **COSTA RICA:** Semanário Nuevo Pueblo, Av. 8 Calles 11 y 13 N.º 1157, San José. **CHILE:** Distribuidora Sur, Dardignac 306, Santiago. **EQUADOR:** Edicionesociales, Córdova 601 y Menduburo, Guayaquil – RAYD de Publicaciones, Av. Colombia 248, of. 205, Quito Ed. Jaramillo Arteaga, Tel. 517590, Reg. Sendip Pex 1258. **EL SALVADOR:** Librería Tercer Mundo, Primeira Calle Poniente 1030, San Salvador – El Quijote, Calle Arce 708, San Salvador. **ESTADOS UNIDOS:** Guild News Agency, 1118 W. Armitage Ave., Chicago, Illinois – New World Resource Center, 1476 W. Irving Pl., Chicago, Illinois – Librería Las Américas, 152 East 23rd. Street, New York, N.Y. 10010 – Third World Books, 100 Worcester St. Boston, Mass 02118 – Librería del Pueblo, 2121 St. New Orleans, LA 70130 – Papyrus Booksellers, 2915 Broadway at 114th St. New York, N.Y. 10025 – Tom Mooney Bookstore, 2595 Folsom Street, San Francisco, CA 94110 – Book Center, 516 Valencia St. San Francisco, CA – Red and Black, 4736 University Way, Seattle – Groundwork Bookstore, U.C.S.D. Student Center B-023, La Jolla, CA. **FRANÇA:** Centre des Pays de Langue Espagnole et Portugaise, 16 Rue des Ecoles, 75005 Paris. **GRÁ-BRETANHA:** Latin American Book Shop, 29 Islington Park Street, London. **GUINE-BISSAU:** Departamento de Edição-Difusão do Livro e Disco, Conselho Nacional da Cultura. **HOLANDA:** Athenaeum Boekhandel, Spui 14-16, Amsterdam. **HONDURAS:** Librería Universitaria «José Trinidad Reyes», Universidad Autónoma de Honduras, Tegucigalpa. **ITALIA:** Paesi Nuovi, Piazza de Montecitorio 59/60, Roma – Feltrinelli, Via de Babuino, 41 Roma – Alma Roma, Piazza P. Paoli, 4-A, Roma – Spagnola, Via Monserrato, 35/6, Roma – Uscita, Bianchi Vecchi, 45 Roma. **MÉXICO:** Unión de Expendedores y Vocabadores de Periódico, Humbolt N.º 47, México 1, D.F. – Distribuidora Sayrols de Publicaciones, S.A., Mier y Pesado N.º 130, México 12, D.F. – Librerías México Cultural, Mier y Pesado N.º 128, México 12, D.F. – Metropolitana de Publicaciones, Librería de Cristal e 100 librerías em todo o país. **MOÇAMBIQUE:** Instituto do Livro e do Disco, Ave. Ho Chi Minh 103, Maputo. **NICARÁGUA:** Ignacio Briones Torres, Reparto Jardines de Santa Clara, Calle Oscar Pérez Casas N.º 80, Quinta Soledad, Managua, Nicaragua. **PANAMÁ:** Librería Cultural Panameña, S.A., Ave España 16, Panamá. **PERU:** Distribuidora Runamarca, Camaná 878, Lima 1. **PORTUGAL:** CDL, Av. Santos Dumont, 57, 1000 Lisboa. **PORTO RICO:** Librerías La Tertulia, Amalia Marin Esq. Ave Gonzalez, Rio Piedras – Pensamiento Crítico, P.O. Box 29918, 65th inf. Station, Rio Pedras, P.R. 00929. **REPÚBLICA DOMINICANA:** Centro de Estudios de la Educación, Juan Sanchez Ramirez 41, Santo Domingo – DESVIGNE, S.A., Ave Bolívar 354, Santo Domingo. **REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA:** Gunther Hopfenmüller, Jeringstr 155, 2102 Hamburgo. **S. TOMÉ e PRÍNCIPE:** Ministério de Informação e Cultura Popular. **SUÉCIA:** Wernngren-Williams AB, S-10425, Stockholm. **VENEZUELA:** Publicaciones Españolas, S.A., Ave México Lechosa a Pte. Brion, Caracas.

**Circulação em 70 países**

cadernos do terceiro mundo utiliza os serviços das seguintes agências: **ANGOP** (Angola), **AIM** (Moçambique), **INA** (Iraque), **IPS** (Inter Press Servic), **SHIHATA** (Tanzania), **Wafa** (Palestina), e do pool de agências dos Países Não-Alinhados. Mantém um intercâmbio editorial com as revistas **Nueva** (Equador), **Novembro** (Angola), **Tempo** (Moçambique) e com o jornal **Daily News** de Dar-es-Salaam (Tanzania).





- 4 **Cartas**
- 
- 6 **Panorama Tricontinental**
- 
- 13 **Editorial: Argentina, fim de um ciclo**
- 
- 18 **Matéria de capa: Angola agredida, N. Moreira/B. Bissio**
- 
- 20 "O imperialismo e os racistas não passarão", discurso do presidente José Eduardo dos Santos
- 27 A geopolítica sul-africana
- 35 O preço da liberdade
- 42 Ontem como hoje, os mesmos jovens, feridos e mutilados
- 44 Do Movimento ao Partido, entrevista com o dirigente Lúcio Lara
- 51 O mundo fecha os olhos, entrevista com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Paulo Jorge
- 57 Petróleo, ferro e diamantes
- 60 Agricultura — Sector decisivo da actividade económica
- 61 Pesca — Prioridade para o consumo
- 63 Saúde Pública — Utilizar os recursos locais
- 65 Educação — Mudar o conteúdo para um ensino libertador
- 67 A experiência do Poder Popular, entrevista com o comissário-adjunto de Luanda, Alberto Almeida



*Angola:  
a luta continua!*

**América Latina**

- 73 **Panamá:** Conservadores perdem força, *Paulo Cannabrava Filho*
- 77 **Uruguai:** O poder das panelas, *Micaela Ramada*

**Ásia**

- 81 **Índia:** Mudar os estilos políticos, *Adrian Soto*

**Economia**

- 86 **Futuro sombrio para o Terceiro Mundo**
- 87 **A armadilha do petróleo**

**Comunicação**

- 88 **A SIP boicota a ALASEI**
- 89 **Notas**

**Cultura**

- 90 **Humboldt e Bolívar: o teatro ao serviço da causa popular, Maluza Stein**
- 92 **Notas**
- 93 **Livros**
- 96 **Humor: Mariano**



*Índia:  
um rival de Indira?*



# cartas cartas cartas cartas cartas cartas cartas

## Carta do Mês Uruguai: Defesa dos direitos humanos

Queridos Amigos.

Quero aproximar-me de vocês por meio desta carta a fim de lhes explicar brevemente o que temos vivido no Uruguai nas últimas semanas, devido aos acontecimentos que culminaram com a proibição das actividades do Serpaj (Serviço Paz e Justiça).

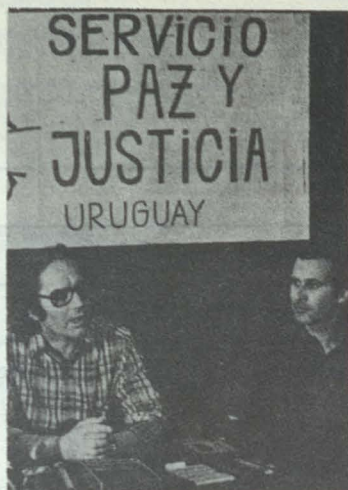
As nossas actividades na defesa e amparo de pessoas cujos direitos fundamentais são violados, tinham aumentado consideravelmente nos últimos meses. Um momento de máxima tensão foi a denúncia que fizemos, pela primeira vez publicamente, dentro do país, da tortura brutal a que são sujeitos estudantes que haviam sido presos. Esta denúncia teve um enorme eco na opinião pública e os meios de comunicação deram-lhe um espaço considerável. Meios políticos também se ocuparam da nossa denúncia e exigiram um esclarecimento e punição para os culpados.

Em consequência dessa denúncia, fui convocado pelos serviços de segurança e submetido a interrogatório durante 12 horas sem interrupção. Como costuma acontecer nessas ocasiões, em vez de investigar a denúncia, investigaram o denunciante... Até ao momento não houve nenhuma resposta ou esclarecimento do facto.

Poucos dias depois, a 2 de Agosto, por decreto do Poder Executivo, foi suspensa toda a actividade política no país e proibido todo o tipo de informação referente a actividades políticas e sindicais. Até ao momento continua a proibição. Simultaneamente, alguns amigos informaram-me confidencialmente que o Ministério do Interior havia requerido o meu processamento e a proibição das actividades do Serpaj.

Diante dos rumos que estavam tomando os acontecimentos pensei que seria oportuno recorrer a uma medida externa, que mexesse com a opinião pública, se não conseguisse impedir as decisões tomadas ou que o Ministério do Interior estava em dias de tomar, que ao menos elevasse o "preço político" a pagar... Foi assim que decidi começar um jejum prolongado que devia concluir num dia de "Reflexão Nacional". O jejum durou do dia 10 de Agosto até ao dia 25. Sem dúvida, o resultado foi positivo, já que colocou o país numa dinâmica nova e o tempo de reflexão culminou com o primeiro protesto popular de massa do povo uruguaio.

O processo de jejum foi muito positivo, fecundo e detonador de atitudes novas em todos os sectores: trabalhadores, políticos, estudantes, eclesiásticos etc. Sem dúvida nenhuma isso preocupou as autoridades, que finalmente tomaram a decisão de nos aplicar as leis de excepção no país designadas por "Medidas Prontas de Segurança", pondo fim às nossas actividades, declarando-nos ilegais e confiscando-nos todas as nossas ferramentas de trabalho.



Pérez Aguirre (à direita)  
com Pérez Esquivel

Como Serpaj, interpusemos um recurso legal impugnando a fundamentação e validade do decreto. Esse recurso permitenos, no momento, pedir a revogação da decisão e a devolução dos bens confiscados.

Neste momento continuo a trabalhar nesta causa irrenunciável da defesa dos direitos do homem e do povo, a título pessoal. Sem dúvida que corro muitos riscos, porém sinto-o como uma obrigação da consciência. Não há decreto que possa impedir essa convicção e actuação. Preocupa-me o vazio, criado pela proibição do Serpaj, dado que era a única organização de defesa dos direitos humanos que estava a actuar no país. De momento, estamos a tratar de consolidar novas estruturas, como a "Comissão Nacional de Direitos Humanos". Falta muito para a tornar algo operativa, mas alguns passos já estão sendo dados.

Para consolidar a luta estamos a procurar também outros apoios e pessoas. Precisamos para esta tarefa (que não deixa de ser arriscada e neste momento muito exposta ao controlo e à repressão) do maior apoio internacional possível e do reconhecimento por parte de organizações de prestígio ou personalidades, a fim de mostrar ao nosso regime que o que está a correr no Uruguai está sendo observado com atenção.

Adolfo Pérez Esquivel — Prémio Nobel da Paz — amigo e companheiro de lutas, pode confirmar e ampliar tudo o que aqui digo. Temos estado em estreito contacto durante estes anos. Actualmente, e devido aos últimos acontecimentos, foi proibida a sua entrada no Uruguai (...).

Quanto a mim, já estou totalmente recuperado do prolongado jejum e já retomei todos os meus trabalhos. Confio na solidariedade dos amigos para encerrar o futuro. Quero que saibam que estamos mais do que nunca convencidos da ur-

gência e importância da tarefa que estamos desenvolvendo há vários anos na defesa e promoção dos direitos humanos no Uruguai.

Peço que divulguem esta carta e que a traduzam para outros idiomas, se for preciso. Por razões de tempo e por causa da falta de meios em que ficamos, não posso fazê-lo de outro modo. Confio muito em todos vocês e na solidariedade para esta causa tão justa e humana. De agora em diante, provisoriamente, peço para enviar a correspondência em meu nome a Soriano 1472 — Montevideo — Uruguai.

Desde já agradeço por tudo o que possam fazer para nos proteger, apoiar o nosso trabalho e remediar a situação de precariedade em que ficamos. Envio-lhes um forte e sincero abraço de Paz e Saúde.

Padre Luis Pérez Aguirre, Montevideo, Uruguai.

## América Central

Parabéns pelo número 58 de *cadernos* sobre a América Central. Temos a certeza de que a Nicarágua não é Granada: o Império não conseguirá pô-la de joelhos. Mais uma vez, vemos que os imperialistas, como já expressou Giap, estão obcecados, por uma concepção mecanicista da guerra... a mesma que os levou à derrota no Vietname.

Rondon Carneiro, Porto Alegre, RS, Brasil.

## Fazer amigos

(...) Estou muito desejoso de trocar correspondência com os leitores de *cadernos*. Espero uma resposta para estabelecermos um intercâmbio de ideias no que diz respeito à situação do mundo.

António Rodrigues, Bissau, República da Guiné-Bissau.

## Ainda o "Proálcool"

Pela primeira vez tive a oportunidade de ler integralmente *cadernos*, mais precisamente a edição de Outubro, passado, excelente, com destaque para a matéria "Álcool — alternativa energética para o Terceiro Mundo?". Realmente esclarecedora, como também a entrevista com o escritor Eduardo Galeano, um digno defensor da América Latina.

Roberto Resende, São Paulo, SP, Brasil.

## Nova confecção gráfica

Considerando o interesse de encadernar os *cadernos* do terceiro mundo, sugiro mudança na sua confecção gráfica: ao invés de brochura, fazê-la em cadernos. Naturalmente os custos vão aumentar, repercutindo-se no preço da assinatura. Mas para ter a publicação numa encadernação perfeita, aceito pagar esse onus. Com a palavra a Editora.

Jorge Luis Santos, Itabuna, BA, Brasil.



## Colaborar com "cadernos"

*Cadernos do terceiro mundo* é uma revista de altíssima qualidade e importância. Para nós, aqui nos Estados Unidos, é muito difícil obter notícias verdadeiras sobre as lutas do Terceiro Mundo, já que até as fontes mais respeitadas, como o *New York Times*, dão um retrato muito distorcido e fragmentado dos factos.

Ralph Davis, Esmont, Virginia, Estados Unidos.

## Mais ênfase ao social

(...) Primeiro, sugiro que publiquem mais notícias sobre o Brasil (muito oportuna a matéria sobre o álcool combustível e a crise energética). Segundo tenho observado no trabalho de divulgação que venho desempenhando em prol da revista, as pessoas queixam-se do excesso de cobertura sobre as guerras no Terceiro Mundo, em prejuízo da cobertura do aspecto social e económico, além das reportagens não fazerem uma retrospectiva dos acontecimentos, o que dificulta um fiel seguimento dos factos, sem a possibilidade de se avaliar as causas destes. A origem, a causa dos acontecimentos devem ser bastante tratados. (...) Observei que as importantes secções "Comunicação" e "Cultura" estavam melhores nas edições dos números dos anos anteriores.

Carlos Davi Maia, São Miguel do Araguaia, GO, Brasil.

## Estudar na América Latina

Na semana que vem parto para São Paulo, Brasil, onde passarei um ano estudando. Queria agradecer a vocês de *cadernos* por me terem ajudado a decidir continuar os meus estudos na América Latina. Com toda certeza, procurarei *cadernos do terceiro mundo* em São Paulo. (...) Tenho esperança de me encontrar com alguns dos amigos novos que conheci por intermédio da vossa secção "Intercâmbio".

Linda Jeroma, Turlock, CA, Estados Unidos.

## Lorgio Vaca

É incrível como uma boa revista de âmbito internacional, ao ser lida, nos traga surpresas tão agradáveis; não somente pelo valor das suas reportagens, como também o reencontro de velhas amizades (creio ser este o meu caso). Na minha juventude, morei na cidade de La Paz, na Bolívia. (...) Entre os meus companheiros havia um rapaz que se chamava Lorgio Vaca. Já se passaram quase 30 anos e ao ler *cadernos* do mês de Julho do corrente ano, encontrei uma magnífica entrevista realizada com um artista de nome idêntico (...), excelente artista plástico muralista, que traduz na sua pintura as características natas de um pintor revolucionário; resultado lógico de juventudes que se desenvolveram num país de

tradições revolucionárias, como é a Bolívia. Gostaria de ter o endereço do entrevistado (Lorgio Vaca), que no caso de não ser aquele que penso (meu amigo de juventude), é um artista que pelos seus ideais, também me interessa trocar correspondência.

Marcos O. Andreani Miranda, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

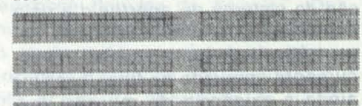
## Uma gralha

A fraca cobertura realizada pela televisão portuguesa sobre a histórica visita do presidente Samora Machel foi, de certa forma, compensada nas páginas de imprensa escrita, que, na maior parte dos casos, conseguiu transmitir o clima de entusiasmo e emoção verificados durante a presença no nosso país desse grande dirigente africano.

Li com muito interesse a reportagem publicada nos *Cadernos do Terceiro Mundo*. Porém, há nela um dado que não corresponde com a informação vinda noutros jornais sobre o mesmo acontecimento. Refiro-me quando se diz que Samora Machel almoçou num hotel do Estoril com cerca de duas dezenas de empresários. Em todos os outros órgãos de informação esse número é de duas centenas. O erro não é de extrema importância, mas pode dar uma imagem incorrecta do impacto que a visita de Samora Machel provocou nos empresários portugueses. Dai eu pensar ser útil uma rectificação.

António M. Cunha da Silva  
Lisboa

n.d.r.: *Tem o nosso leitor toda a razão. Na página 58 da edição de Novembro "saltou" uma gralha tipográfica, deixada passar na revisão do texto. As duas centenas de empresários que acorreram ao Hotel Estoril Sol para almoçar e ouvir o presidente Samora Machel passaram a duas escassas dezenas, o que dá, como assinala o leitor, uma ideia imprecisa da relevância dedicada pelo empresariado português aos contactos com o presidente moçambicano. E podemos acrescentar que as duas centenas de presenças só não foram ultrapassadas devido à limitação de espaço da ampla sala onde se realizou o almoço organizado pela Associação Industrial Portuguesa, que se viu obrigada a encerrar as inscrições dias antes do acontecimento.*



## Intercâmbio:

• **Silvia Gil de Castilhos**  
Rua Santa Rosa, 3060  
Taquara — RS — CEP.: 95.600  
Brasil

• **António Rodrigues**  
Livraria Vitória — Caixa Postal 49  
Bissau — República de Guiné-Bissau

• **O. Geraldo Silva Gilz**  
A/c — Caixa Postal 113  
Ilhéus — BA — CEP.: 45.660 — Brasil

• **Carlos Veloso de Melo J.**  
R. Dom João Moura, 432  
Eng. do Meio — Recife — PE  
CEP.: 50.000 — Brasil

• **Estela Maria Alves**  
Rua João Corazzari, 745  
Vinhedo — SP — CEP.: 13.280  
Brasil

• **Rogério Diniz Junqueira**  
Rua Albano José de Carvalho, 122  
Ribeirão Preto — SP — CEP.: 14.100  
Brasil

• **Adão Capemba**  
Caixa Postal 60 ou 95 — Caiundo  
K. K. Menongue — Rep. Pop. de  
Angola

• **João Pedro D. Lunualo**  
Caixa Postal 232 — Uíge  
Rep. Pop. de Angola

• **José Lumbo**  
Caixa Postal 741 — Namibe  
Rep. Pop. de Angola

• **Luiz Danton dos Santos**  
Rua Padre Guerra, 1454  
Parquelândia — Fortaleza — CE  
CEP.: 60.000 — Brasil

• **Manuel Ganga Chino**  
Caixa Postal 10.566 — Luanda  
República Popular de Angola

• **Francisco Corrêa da Silva**  
Rua Paissandú, 283 — Apto. 204  
Flamengo — Rio de Janeiro — RJ  
CEP.: 22.210 — Brasil

• **Artur Bastos Correia Neto**  
Caixa Postal 251 — Wako Kungo, Cela  
República Popular de Angola

• **Patrícia Costa Coelho de Souza**  
Praça Júlio de Castilhos, 92 — Apto. 42  
Moínhos de Vento — Porto Alegre  
RS — CEP.: 90.000 — Brasil

• **Kunzika Inocência Clemente**  
C. P. 2141, Luanda  
República Popular de Angola

• **Manuel António Francisco**  
Bairro Nelito Soares, Rua de Cela  
Bloco 33, Apto. B — 1.º andar  
Luanda — República Popular de Angola



## Cimeira de Bissau:

# A unidade actuante

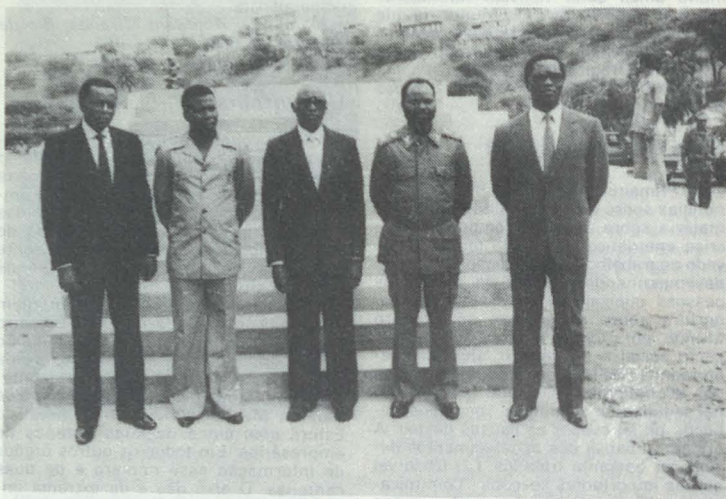
□ Caracterizando-se por um forte sentido de unidade e por um desejo comum de estreitar cada vez mais a cooperação, decorreu durante a penúltima semana de Dezembro, a IV Cimeira dos Chefes de Estado dos países africanos de expressão oficial portuguesa, em Bissau. "A solidez da nossa concertação assenta na força política das nossas análises e opções, já que, como sublinhámos inúmeras vezes, Angola Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe constituem uma família única, nascida na luta contra o inimigo comum e da convergência de projectos de sociedade pelos quais se batem os nossos povos. Assim, a plataforma de coordenação dos nossos Estados é essencialmente definida pelas posições políticas assumidas e cimentadas pela comunidade comum e pela comunidade cultural", salientou Nino Vieira, durante o discurso de encerramento.

Reafirmando uma vez mais a adopção do português como língua oficial, Portugal seria, no entanto, duramente criticado ao longo da Cimeira, na sequência das posições que o governo português tem assumido relativamente à questão de Timor-Leste e de Angola.

No campo da cooperação entre si, os "cinco" acordaram um plano de acção no sentido de intensificarem os estudos para a criação de empresas comuns nas áreas da banca, dos seguros e dos transportes aéreos e marítimos. Na primeira destas áreas tudo aponta para a criação de uma instituição financeira comum, sobre a qual um primeiro estudo da NOEI será apreciado em Março do próximo ano.

Estão ainda agendados acordos de cooperação cultural e técnico-científica, bem como a formação de quadros técnicos.

No âmbito internacional, a IV Cimeira dos Chefes de Estado dos países africanos de expressão por-



tuguesa lança, na sua declaração final, um apelo ao secretário-geral das Nações Unidas "no sentido de levar a cabo o mandato que lhe foi atribuído pela 37.ª sessão da Assembleia Geral", apelando para o governo português no sentido de "assumir integralmente as suas responsabilidades históricas, políticas e jurídicas em relação à questão de Timor-Leste, para, em conjunto com a Fretilin, encontrar a justa solução do conflito". A Cimeira reafirmou ainda a sua "solidariedade incondicional para com a justa luta do povo sul-africano conduzida pela ANC, seu único e legítimo representante, a saudou calorosamente a intensificação da luta, para a eliminação do sistema do *apartheid* e pela construção de uma sociedade democrática e de justiça social". O documento aprovado no final, exprime ainda a exigência da retirada imediata e incondicional do exército indonésio e o fim das medidas restritivas impostas às organizações internacionais de carácter humanitário, pelo regime indonésio, em Timor-Leste.

Em resposta à mensagem enviada pelo Presidente da República Portuguesa, General Ramalho Eanes, a IV Cimeira, através do Presidente da Guiné-Bissau, Bernardo Vieira, agradeceu numa carta dirigida ao Chefe do Estado Português, dizendo nomeadamente: "A IV Cimeira recebeu com agrado a mensagem de Vossa Excelência testemunhando a profunda amizade e solidariedade que liga os nossos povos, e o seu empenhamento pessoal em reforçar esse relacionamento. Desejosos de reforço das relações de amizade e cooperação entre os nossos povos e Estados, endereçamos a si e ao povo português votos de boa saúde, paz e prosperidade".

A IV Cimeira demonstrou ao longo de cinco dias e meio a capacidade dos "cinco" em se unirem e se imporem internacionalmente. Ao fim de quatro anos de existência o "grupo dos cinco" encontra-se coeso, encerrando nessa coesão toda a expressão da sua força, frente ao mundo. A próxima Cimeira, a realizar em São Tomé, reafirmará a concretização dos planos agora traçados.



# Resumo da Declaração Final

□ Segundo a declaração final divulgada durante a sessão de encerramento da IV Cimeira dos "Cinco", a conjuntura internacional caracteriza-se por uma crise sem precedentes com efeitos nefastos sobre a situação política, económica e social dos países em desenvolvimento, em especial sobre a situação dos cinco países, não obstante as múltiplas tentativas com vista a encontrar soluções para os principais problemas mundiais. Após pormenorização dos principais aspectos da cooperação, a declaração final salienta a forma positiva como se têm desenvolvido as relações privilegiadas de cooperação multiforme entre os cinco países, após o acesso à independência, bem como pela vontade inequívoca de cada um dos cinco Estados em velar por uma maior concretização das acções de cooperação nos diversos domínios.

Relativamente à adopção da língua portuguesa como idioma oficial, os chefes de Estado manifestam o seu apreço pelos significativos passos já dados no sentido da efectivação das recomendações emanadas a este respeito na anterior Cimeira, bem como pela receptividade demonstrada por Portugal, pelo Brasil e pela UNESCO.

No contexto da situação internacional, particular destaque foi dado, como seria natural, à especificidade da África Austral. Assim, afirma a declaração final que "a situação explosiva permanece nesta região, constituindo um perigoso foco de tensão que ameaça gravemente a paz e a segurança internacional". Os chefes de Estado "exprimiram a convicção de que o responsável por esta situação é o regime racista e minoritário da África do Sul que ocupa ilegalmente a Namíbia, executa a política desumana do *apartheid*, agride e desestabiliza os países independentes e soberanos da região". Ainda em relação à Namíbia foi exigida a "implementação imediata e incondicional da resolução 435/78 do Conselho de Segurança da ONU e o plano nela contido para a independência deste território, como única base para a solução pa-

cífica do conflito". A declaração reafirma, por outro lado, "a sua rejeição da absurda ligação ou paralelismo entre a independência da Namíbia e a retirada das forças internacionalistas cubanas do território soberano da República Popular de Angola, o que constitui uma inaceitável ingerência nos assuntos internos da República Popular de Angola. Esta ligação é um obstáculo deliberadamente levantado no já amplo leque de pretextos ilegítimos com os seus principais aliados, com vista a impedir a libertação deste território, permitindo deste modo a actividade ilícita de interesses estrangeiros e a pilhagem das riquezas e recursos naturais da Namíbia". Os "cinco" manifestaram ainda o seu apreço pelos esforços dispensados pelo secretário geral das Nações Unidas, tendentes à real independência do território. "Face à intransigência da África do Sul na manutenção do sistema do *apartheid* e da sua recusa obstinada em implementar a resolução 435, os cinco chefes de Estado reiteram a necessidade da aplicação urgente de sanções globais e obrigatórias, pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas, à luz do Capítulo VII da Carta da ONU". A Declaração Final dá ainda a conhecer a sua forte condenação da "invasão e ocupação de parte do território da República Popular de Angola pelas tropas racistas sul-africanas, em flagrante desrespeito pela soberania do povo angolano e pelas normas do direito internacional e exigiu a sua retirada imediata e incondicional, condenando igualmente o fomento e utilização de grupos fantechas pelo regime do *apartheid*, como factor de desestabilização da República Popular de Angola". Os chefes dos cinco Estados saudaram "o apoio militante abnegado prestado pela República Popular de Angola à luta de libertação do povo namibiano e à SWAPO, seu único e legítimo representante".

A Cimeira condenou "vigorosamente os actos de agressão e de violação da integridade territorial levados a cabo contra a República Popular de Moçambique pelo regime

nazi-racista de Pretória", ao mesmo tempo que repudiou, em particular, o "bombardeamento aéreo da cidade de Matola, realizado em 23 de Maio de 1983, pelo exército racista da África do Sul, que se traduziu em perda de vidas inocentes, de crianças, mulheres e outro cidadãos pacíficos e trabalhadores". A Cimeira dirigiu igualmente uma saudação muito especial e militante "aos países da Linha da Frente pela solidariedade e pelo apoio indefectível que têm dado à justa luta dos povos namibianos e sul-africanos e lançaram um veemente apelo à comunidade internacional para que incremente a sua ajuda àqueles países".

Uma outra questão analisada pela Cimeira foi a Sahara Ocidental tendo sido reafirmado o apoio dos "Cinco" à luta do povo saharauí pela afirmação do seu direito inalienável de dispor livremente do seu destino, bem como a legitimidade da admissão da República Saharauí Democrática como membro de pleno direito da Organização de Unidade Africana. Ainda em relação a esta questão os cinco chefes de Estado saudaram o contributo dado na procura de uma solução justa e definitiva para o problema, pela XIX Cimeira da OUA, tendo constatado contudo, a persistente recusa do Reino de Marrocos em aceitar negociações directas com a Frente Polisário. Neste contexto, exortaram a parte marroquina a agir em conformidade com as resoluções da Organização de Unidade Africana, o que implica, nomeadamente: o cessar-fogo e a realização de um referendo de auto-determinação permitindo, deste modo, a livre expressão da vontade do povo saharauí.

Os "Cinco" analisaram igualmente o problema do Tchad, tendo reiterado o seu apoio à resolução da XIX Cimeira da OUA a este respeito. Apelaram ainda para o respeito "estrito da independência nacional e da integridade territorial deste país africano, convidando as partes em conflito a encetar negociações construtivas com vista à solução pacífica das divergências que as opõem, sem ingerência de forças estrangeiras".



Nicarágua

Conferência europeia condena Estados Unidos

☐ Cerca de quinhentos políticos, sindicalistas, artistas e intelectuais participaram no passado mês de Dezembro numa Conferência Europeia de Solidariedade com a Nicarágua, os povos da América Central e pela paz. A Conferência, que se efectuou em Paris e na qual estiveram presentes representantes de catorze países da Europa Ocidental, condenou a política de desesta-

bilização dos Estados Unidos na Nicarágua.

Numa das suas resoluções, que será entregue ao secretário-geral das Nações Unidas, Perez de Cuellar e ao Presidente da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos, Thomas O'Neill, a Conferência condena "a longa tentativa de desestabilização do governo da Nicarágua pela administração Reagan"

apoiando ainda os esforços de paz desenvolvidos pelo Grupo de Contadora.

No decorrer dos trabalhos, diversos oradores propuseram o envio de "Brigadas Internacionais" para aquele país centroamericano com o objectivo de guardarem as fronteiras dos eventuais ataques norte-americanos.

Aprovada lei do serviço militar

☐ O Conselho de Estado da Nicarágua aprovou a lei do serviço militar patriótico, um projecto criticado pela hierarquia católica e por alguns partidos da oposição. A lei estabelece a obrigatoriedade do serviço militar aos jovens entre os 18 e os 21 anos de idade.

Depois de um mês de debates no Conselho de Estado e outros organismos políticos do país, a maioria dos membros do organismo colegislativo saudou com aplausos o voto favorável à lei. Enquanto se realizava a votação, cerca de 200 membros da Juventude Sandinista "19 de Julho" e das milícias populares aplaudiram a decisão dos conselheiros de Estado, gritando as palavras-de-ordem "poder popular" e "todas as armas ao povo".

Noutras partes da cidade, como vinha acontecendo desde a divulgação do projecto do serviço militar, outros jovens aglomeraram-se em frente dos consulados da Costa Rica, Honduras e Estados Unidos para solicitarem vistos de saída do país diante da possibilidade de serem chamados às armas.

A lei estabelece, no entanto, que os jovens devem apenas registar-se, calculando-se que apenas uns 15 mil serão chamados a prestar serviço nas forças armadas. Depois de aprovada a lei, o presidente do Conselho de Estado, Carlos Núñez, qualificou a reunião como "histórica". Núñez declarou ainda que "com a aprovação desta lei não pretendemos dar uma resposta às agressões que a Nicarágua sofre neste momento, mas sim elevar a preparação e o nível militar e político do povo".

Durante o debate, as organizações femininas nicaraguenses fizeram ouvir os seus protestos por considerarem que o projecto excluía as mulheres das actividades militares. A questão foi resolvida através de uma emenda que permite a incorporação voluntária das mulheres.

Os políticos da oposição rejeitaram a lei por con-



sidarem que "o serviço militar será instrumento de uma organização política", em referência à Frente Sandinista para a Libertação Nacional (FSLN). A hierarquia católica também acusou o governo de "identificar o Estado com o Partido, criando uma ditadura de um partido político que se constitui pela força em senhor absoluto do Estado, das suas instituições e de todo o tipo de actividade social".

Sectores da igreja católica que apoiam o processo sandinista rejeitaram os argumentos dos bispos e classificaram o documento eclesiástico como "reação partidária e não como posição da igreja católica".



## Alemanha Federal

### Indústria de armamento emprega um milhão

□ Segundo dados recentemente divulgados pelos Sindicato Metalúrgico e a Associação Federal da Indústria Alemã, 250 mil postos de trabalho dependem directamente da indústria armamentista, na Alemanha Federal. Se, a este número já de si elevado, juntarmos o dos trabalhadores de empresas que se encontram ligadas indirectamente a esta indústria, chegaremos à conclusão que ronda o milhão, o número de trabalhadores alemães federais que de uma forma ou de outra trabalham no fabrico de armas.

O peso da indústria armamentista não se destaca apenas pelo elevado número de postos de trabalho que ocupa, mas também pelo seu peso no Produto Social Bruto do país. Com



efeito, dois por cento deste tem origem na produção de armamento.

Os países do Terceiro Mundo investiram, por seu turno, em 1980, cerca de 120 mil milhões de dólares em armamento, segundo informações divulgadas pelas Nações Unidas, implicando esta quantia apro-

ximadamente 23 por cento do total dos gastos registados no mesmo período de tempo. As Nações Unidas informaram ainda que os gastos militares a nível mundial, durante o mesmo ano, atingiram os 500 mil milhões de dólares, representando 17 por cento do Produto Social Bruto global.

"A corrida aos armamentos aumentou as diferenças económicas com o Terceiro Mundo", referiu no passado mês de Dezembro o primeiro ministro sueco, Olof Palme, num encontro operário pela paz, realizado em Estocolmo. Olof Palme afirmaria um pouco mais adiante ser a paz "a condição essencial para alcançar a libertação da classe trabalhadora".

## Itália

### venezianos autonomistas

□ OS movimentos autonomistas são fortes em várias partes do mundo, ligados, em geral, a minorias marginalizadas. Mas também na desenvolvida Itália há quem postule a autonomia administrativa: Veneza. Segundo Moreno Sagramora, representante no Brasil da "Liga Veneto", organização política dos autonomistas da região, "os 4,5 milhões de venezianos constituem-se como povo com características históricas, políticas e culturais distintas do restante dos italianos".

Nas últimas eleições nacionais italianas, a Liga obteve 10% dos votos na região, elegendo dois senadores. "Foi um bom índice para uma primeira apresentação, já que não contávamos com nenhuma máquina pública", disse Sagramora.

O movimento tem raízes históricas e económicas. Até à unificação da Itália os venezianos tinham uma economia sólida e nunca tiveram que se preocupar com emigrar. Porém, as coisas depois mudaram. Segundo Moreno, a emigração em massa, inclusive para o Rio Grande do Sul, no Brasil, "não foi de italianos mas sim de venezianos".

A valorização do idioma veneziano (tanto no espaço público como a nível educacional) bem como a obrigatoriedade de aplicação local de 90% de tudo que é arrecadado em impostos na região, são algumas das principais propostas da "Liga". Os votos que ela obteve nas últimas eleições permitiram-lhe fazer parte da reunião do Parlamento Europeu, em Estrasburgo.

## Terceiro Mundo

### O uso e abuso de pesticidas proibidos

□ O Parlamento Europeu debreuchou-se no passado mês de Outubro sobre a exportação de pesticidas proibidos ou de uso limitado na Europa, para os países em vias de desenvolvimento. Nesta reunião foi aprovado por unanimidade um pedido no sentido de que a exportação destes produtos para o Terceiro Mundo seja antecedida de uma informação pormenorizada para os países importadores.

Quinhentos mil casos de intoxicação destes produtos, são anualmente detectados, dos quais 50% nos países em vias de desenvolvimento e as mortes atingem o número de dez mil, dois terços das quais no Terceiro Mundo.



## Bangladesh

### partidos desafiam militares

OS 32 partidos do Bangladesh preparam-se para um confronto decisivo com o governo militar do general H. M. Ershad devido à data das próximas eleições. Os políticos exigem que as eleições parlamentares sejam realizadas em Março, antes da votação para municípios e governos civis. O projecto do governo prevê a realização das eleições municipais entre Dezembro e Março, seguidas da votação para o Parlamento.

Os partidos que exigem a mudança do calendário eleitoral são a aliança de 15 grupos políticos liderados

pela Liga Awami, a aliança de sete partidos liderada pelo Partido Nacionalista e a coligação de dez partidos liderada pela Liga Democrática. A disputa em torno de datas prende-se com interesses estratégicos dos partidos e do governo. Os primeiros querem que a eleição parlamentar se realize antes para poderem beneficiar com a tendência da maioria dos eleitores em votar na oposição. O governo, por seu turno, tem o apoio de chefes políticos regionais que muito provavelmente usarão favores oficiais para se elegerem presidentes de Câmara.

Os partidos querem também que o governo suspenda a lei marcial durante o período eleitoral, para que o general Ershad não possa usar os poderes especiais para desvirtuar o resultado do pleito. O ditador de Bangladesh alega que a extinção da lei marcial deixará vulnerável o cenário político. Os dirigentes civis denunciaram perseguições e intimidações por funcionários do governo e prometeram intensificar a campanha de mobilização popular até ao final do ano.

## Nicarágua

### guerras mutilaram 1/4 da população

A Nicarágua tem mais do dobro da média mundial de deficientes físicos por habitantes. Segundo a Organização Mundial de Saúde, no resto do mundo a média é de quatro deficientes para cada grupo de cem pessoas, enquanto na Nicarágua a proporção é de um para cada quatro.

A elevada incidência de deficientes é uma consequência directa do terremoto de 1972, da guerra contra a ditadura de Somoza e dos actuais combates contra grupos contra-revolucionários que pretendem derrubar o governo sandinista da Nicarágua. O problema tornou-se tão grave que o governo criou a Organização de Revolucionários Mutilados para tentar melhorar as condições de vida de quase 620 mil nicaraguenses.

Na sua maioria, são feridos de guerra ou pessoas soterradas em 1972. As pessoas nestas condições confrontam-se com uma série de problemas devido ao facto das cidades nicaraguenses não serem adaptadas para oferecer facilidades de deslocação a quem, por exemplo, é obrigado a usar cadeira de rodas. A



Organização de Revolucionários Mutilados está a estudar a introdução de portas especiais nos transportes colectivos, rampas de acesso

nas calçadas, balneários públicos adaptados e melhores condições de trabalho para utilizar a capacidade produtiva das pessoas deficientes.



## UNESCO

### Um minuto pela Paz

□ A XXII conferência geral da organização das Nações Unidas para a educação, ciência e cultura (UNESCO), reunida recentemente em Paris, exortou a comunidade internacional a suspender as suas actividades durante um minuto no próximo dia 22 de Março, como forma de demonstrar "a sua aspiração à paz, à compreensão internacional e à cooperação universal".

A decisão adoptada em sessão plenária pelos 161 estados membros da organização, no sentido de se suspender todas as actividades durante um minuto pelo meio dia de 22 de Março, havia sido inicialmente defendida pela ministra grega da cultura Melina Mercoury.

A resolução salienta que o potencial de autodestruição acumulado e o aumento assustador de venda de

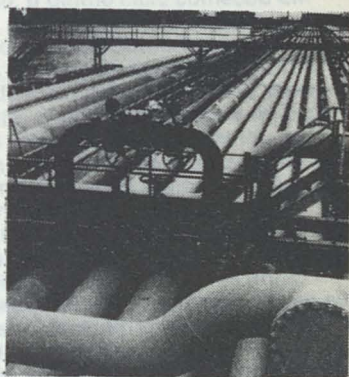
armas à escala planetária, constituem factores que agravam os riscos de uma conflagração mundial. "E se é na mente dos homens que as guerras nascem — acrescenta a resolução —, é também na sua mente que haverá que erigir os baluartes da paz, o que constitui a razão de ser da UNESCO".

### Países industrializados importam maioria do petróleo consumido

□ Sessenta e quatro por cento do petróleo consumido pelos países industrializados do Ocidente é importado, cabendo um terço desta percentagem aos Estados Unidos.

Segundo entendidos na matéria, os Estados Unidos terão duplicado as reservas potenciais desta matéria prima e os dirigentes norte-ameri-

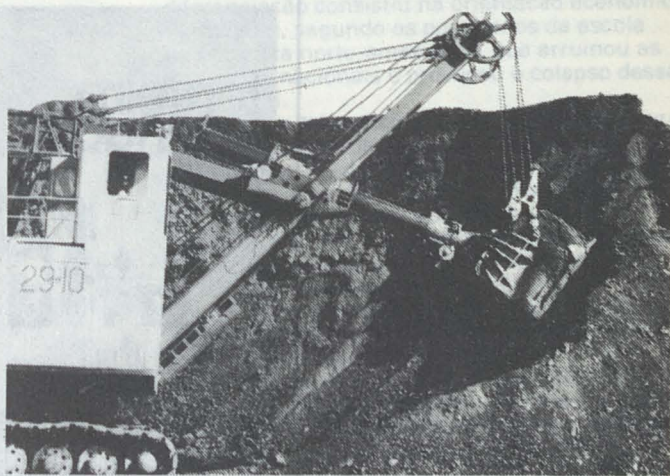
canos não escondem o intuito de incrementar as importações com o objectivo de manterem como reserva os jazigos do país. Esta política de Washington origina um aumento das tensões nos mercados internacionais e tudo indica que nada deterá aquela potência.



### Produção de carvão triplicará daqui a vinte anos

□ Enquanto a produção mundial de petróleo aumentou duas vezes e meia nos últimos dois decénios e a do gás triplicou, a do carvão não chegou a aumentar vez e meia. Esta situação é tanto mais preocupante e contraditória quando a verdade é que os especialistas das Nações Unidas veem no carvão a possibilidade de um combustível alternativo, até que novas fontes de energia possam ser plenamente aproveitadas.

Em 1981, a produção mundial de carvão aproximou-se dos 3 700 milhões de toneladas, representando o carvão cerca de 90 por cento do conjunto dos potenciais recursos de



combustível orgânico. Segundo previsões da Confederação Energética Mundial, o carvão extraído deverá

triplicar até ao ano 2000, correspondendo uma parte considerável deste aumento à União Soviética.



Bangladesh

partidos desafiaram

em 1975, o general Yahya Khan foi deposto e a liderança do país passou para as mãos dos militares. Em 1977, ocorreu a eleição para a Assembleia Nacional, mas os resultados foram anulados por fraude. Em 1980, ocorreu a eleição para a Assembleia Nacional, mas os resultados foram anulados por fraude. Em 1985, ocorreu a eleição para a Assembleia Nacional, mas os resultados foram anulados por fraude.



Três edições  
Tricontinental Editora

Preços especiais para assinantes

## SOBRE A UNIDADE NO PENSAMENTO DE AMILCAR CABRAL

Sérgio Ribeiro



### Sobre a unidade no pensamento de Amílcar Cabral

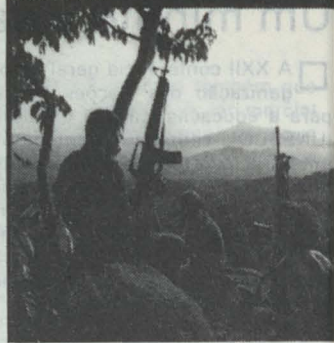
Sérgio Ribeiro

Interpretação de um dos temas fundamentais do pensamento de Amílcar Cabral

Prefácios de Alfredo Moura  
e Vasco Cabral

## EL SALVADOR O caminho dos guerrilheiros

Carlos Gil



### El Salvador O caminho dos guerrilheiros

Carlos Gil

Quinze dias com os guerrilheiros  
Frente Farabundo Martí

Vinte páginas de fotos da guerrilha.  
A história recente da luta do povo salvadoreño  
Os principais documentos da revolução

Prefácio de  
José Cardoso Pires



guia do terceiro mundo 1983



## Argentina: Fim de um ciclo, início de um processo

O fracasso do regime militar argentino, a realização de eleições e o assumir da presidência por Raul Alfonsín, originam o fim de um ciclo e o início de um processo pleno de consequências à escala latino-americana.

O autoritarismo militar é um dos antigos males da região, que na Argentina remonta a 1930, altura em que um pronunciamento castrense derrubou o presidente Hipolito Yrigoyen, dirigente máximo da União Cívica Radical (UCR), cuja herança pertenceu a Alfonsín. A nível latino-americano, o último ciclo começou em Março de 1964, com o golpe que derrubou, no Brasil, o governo de João Goulart. Posteriormente, um outro presidente da UCR, Arturo Illia, foi deposto pelos uniformes. Nesta sucessão golpista, o ano mais sombrio foi o de 1973, quando a força das armas instalou os primeiros regimes militares conhecidos nos países latino-americanos de maior tradição democrática: Uruguai e Chile. Em Março de 1976, uma Junta Militar terminou com o governo civil da Argentina e com um interregno democrático que durou menos de três anos.

Estas três ditaduras, que enlutaram o cone sul da América, desenvolveram uma repressão feroz, que correspondeu, negativamente, ao desenvolvimento alcançado pelos sectores e organizações populares. Uma outra nota de diferenciação consistiu na orientação económica ultraliberal, segundo os postulados da escola monetarista norte-americana, que arruinou as indústrias nacionais e provocou o colapso dessas economias.

O longo e trágico ciclo decorrido sob a palavra de ordem militar da doutrina de segurança nacional, está a dar lugar ao processo de democratização. Em 1982, assumiu o poder, na Bolívia, depois de uma era castrense que começou em 1971, o governo civil e progressista de Herman Siles Zuazo. As forças armadas retiraram-se divididas, desprestigiadas e manchadas por uma corrupção cujo aspecto mais escandaloso foi a cumplicidade dos seus chefes no tráfico de cocaína.

No Uruguai e no Chile, dois governos militares incapazes e falidos, assentes num monopólio de armas, contempõem desconcertados a vigorosa ressurreição da actividade política, das mobilizações maciças de protesto e exigência do regresso aos quartéis e a realização de eleições. As cúpulas militares estão isoladas, carecem de fórmulas políticas e económicas para enfrentar a crise. Entretanto, no Brasil produz-se um lento e



relativamente pacato regresso à vigência da democracia liberal.

Neste contexto de transição e de retrocesso militar, insere-se a vitória argentina que parece destinada a constituir-se num acelerador da democratização regional.

Quais são as características deste processo em relação aos que o precederam?

Os governos derrubados no Brasil, em 1964, na Bolívia, em 1971, e no Chile, em 1973, tinham em comum a sua identidade progressista e os programas de reformas estruturais profundas. Simultaneamente, na Argentina e no Uruguai, as forças de esquerda tinham crescido rapidamente, enquanto surgiam fortes organizações guerrilheiras.

Nesses anos turbulentos, parecia possível que no cone sul a democracia liberal, que no geral tinha estado associada aos sistemas vigentes, derivasse em democracias de conteúdo popular e de sinal socialista. Estas removeram as velhas instituições de dependência, o atraso e os privilégios minoritários, mediante programas de transformação que, a partir do cone sul, fariam todo o continente orientar-se para a esquerda e afastá-lo-iam da órbita de influência dos Estados Unidos. O Chile, de Salvador Allende e da Unidade Popular, foi aquele que mais claramente encarnou esta perspectiva.

Na verdade, as condições para tais mudanças tinham, objectivamente, amadurecido. Mas foi exactamente isto que deu origem a uma conspiração por parte dos interesses que já não podiam valer-se dos mecanismos da democracia liberal para prevalecer, e acudiram ao emprego da força como última razão para a preservação das suas posições.

As forças progressistas, que uma a uma foram derrubadas e reprimidas pela reacção castrense, puderam cometer não poucos erros, mas a sua queda não se explicou em função destes, já que, entre outras coisas, tinham conservado um maioritário apoio popular. Os motins castrenses

foram possíveis graças à aliança dos sectores oligárquicos com o imperialismo norte-americano, cuja influência sobre as forças armadas da América Latina constituiu a causa eficiente da série de golpes inspirados na doutrina de segurança nacional que, efectivamente, conjuraram os perigos que alarmaram os interesses coligados.

Actualmente, não existem dúvidas de que os governos militares fracassaram e carecem de viabilidade, mas também é verdade que o ciclo autoritário condicionou o presente em relevantes aspectos.

A repressão castrense concentrou-se na destruição dos partidos, das organizações e dos sindicatos da área da esquerda, e na eliminação física, detenção ou exílio dos dirigentes. Os dirigentes foram, portanto, literalmente dizimados e estão agora empenhados na tarefa de reorganização, formação de quadros e de organizações que são necessariamente lentas.

Por outro lado, a longa e dura luta contra a ditadura favoreceu a unidade e a valorização dos princípios comuns a todas as forças democráticas e adversas ao autoritarismo, sem distinção de sinais doutrinários.

A polarização inerente pôs de um lado as cúpulas militares, os tecnocratas monetaristas, os interesses financeiros e os pequenos grupos favorecidos pelo regime. Do outro lado, um amplo espectro que abarca a nível político a quase totalidade do panorama: liberais, centristas, social-democratas e as diferentes formações de esquerda. A nível social compreende os estratos baixos, até às classes médias e ainda aos expoentes das indústrias nacionais devastadas pelo ultraliberalismo.

Pode assim supor-se que esta experiência, uma vez recuperados os mecanismos democráticos, fará com que a natural competência ideológica interpartidária, careça das oposições que se verificaram no período precedente e se desenvolveram de forma





LEVAR:  
INFORMAÇÃO  
CULTURA  
CIÊNCIA  
FORMAÇÃO

compatível com o processo democrático. Uma vez que a ninguém interessa o regresso a um passado ignóbil que a todos prejudicou, é de calcular que a dialéctica política não se afastará dos cânones democráticos. Estes deverão, por seu turno, admitir e garantir o funcionamento e as opiniões das organizações progressistas, as quais se prevê que, conforme se reorganizem no âmbito democrático, adquiram uma importância crescente.

Entre a pesada carga que legam aos seus países os chefes militares, destaca-se o agravamento da bancarrota económica. A resposta a esta crítica situação consiste igualmente num acordo para a reconstrução económica que é correlativa à aliança político-social. Visto que as ditaduras, coincidindo em afundar a dependência das transnacionais, contrair uma dívida externa intolerável, atrofiar o mercado interno e as indústrias nacionais, existe consenso sobre as tarefas fundamentais para os próximos anos.

Trata-se de despender um grande esforço colectivo para sair da crise. A defesa das indústrias nacionais deverá ser paralela a uma expansão do mercado interno que aumentará o poder aquisitivo das classes trabalhadoras e que, em termos globais, procurará um rápido crescimento dos Produtos Nacionais Brutos. Tal não se conseguirá de modo significativo e duradouro sem uma concertação entre os diferentes actores económicos que não poderá deixar de contemplar as aspirações básicas dos trabalhadores. Os fundamentos para tal concertação provêm do interesse comum em terminar com uma orientação económica voltada para o exterior e, pelo contrário, imprimir uma viragem endógena sem a qual não se poderá lograr a reconstrução das economias nacionais.

Existem, além do mais, problemas comuns aos diferentes países da região. A direcção endógena da economia não se pode esgotar na esfera das fronteiras nacionais, devido às realidades

inquestionáveis, tais como as reduzidas dimensões dos mercados individuais, como deve dar-se, igualmente, no marco da integração latino-americana, visto que apenas a esta escala a região é viável e poderá superar a dependência. No mesmo caminho se encontra a harmonização de políticas para que as condições de pagamento da vida resultem compatíveis com a soberania nacional e a situação particular de cada país e não constituam, como até aqui, um impedimento para a recuperação e o desenvolvimento económico.

O caso argentino tem, como é natural, conotações específicas. Estas eleições disputaram-se entre dois partidos, a UCR e o peronismo. Sabia-se que a direita e a esquerda tradicionais careciam de possibilidades e os resultados — 52 por cento para o radicalismo, 40 por cento para o peronismo — confirmaram-no.

A escassa presença da esquerda, que não é nova na Argentina, deve-se ao facto do peronismo ter absorvido os sectores trabalhadores e ter promovido desde o governo ao sindicalismo organizado, com um eixo na Confederação Geral de Trabalhadores (CGT), a irupção do peronismo, em meados dos anos quarenta, produziu uma polarização que arrastou os sectores baixos e, em particular, a classe operária, enquanto os estratos médios se identificaram com o radicalismo.

Foi assim que o peronismo se tornou maioritário e venceu todas as eleições realizadas sem limitações nem impedimentos, entre 1946 e 1974, sem excepção.

O triunfo de Alfonsín implica, portanto, a quebra deste quadro político, pois não teria sido possível sem uma deslocação de uma importante percentagem do eleitorado operário a favor da sua candidatura.

O declínio do peronismo deveu-se a diversos sectores. Dentro deste movimento original, formado em torno de um líder, coexistiram diversas alas e correntes que originaram uma



violenta luta interna pelo controlo partidário. Isto sucedeu antes da morte de Juan Domingo Perón, em 1974, que era, no entanto, o ponto de referência essencial de todos os sectores. Mas a disputa interna sem a presença do líder, retirava ao movimento uma perspectiva de solução de unidade. A campanha do peronismo não fez senão realçar os conflitos partidários.

Assim, um triunfo peronista haveria de, necessariamente, levar a luta intestina ao Estado e daria lugar a um governo dividido pela discórdia. O peronismo não demonstrava garantia de estabilidade e realçava o perigo de, por si mesmo, com o passar do tempo, os problemas oferecerem pretextos para outra aventura militar. Estava fresca a lembrança do último governo peronista, facilmente dominado pelos comandantes dos três ramos das forças armadas, que se apoderaram de um país aturrido pela violência e temeroso do caos. Além disso, a burocracia sindical peronista corrompida, inclinada para entendimentos com os militares e escassamente representativa das suas bases, exercia uma forte influência sobre o aparelho partidário. Verificou-se, portanto, uma dissociação entre os dirigentes políticos e sindicais e o tradicional eleitorado peronista, facilitando a vitória de Alfonsín.

O novo presidente exhibe, pelo contrário, os requisitos para um governo estável. Uma vez que Alfonsín representa a ala progressista do partido radical, a sua abertura frente às camadas populares descontentes com os dirigentes peronistas, gozou de credibilidade, e deu-lhe uma maioria suficiente para se dotar de governamentalidade. É muito provável que a perspectiva de levar ao governo um partido minado pelas rivalidades interiores e, portanto, menos exposto às conspirações militares, tenha tido tanta gravitação na maciça inclinação por

Alfonsín.

A afirmação da democracia e a reconstrução nacional devem ser assumidas agora por todos os sectores políticos, incluindo os peronistas. A proposta de Alfonsín sobre um consenso para os grandes problemas do país, corresponde, sem dúvida, aos interesses nacionais e populares nesta etapa e receberão, certamente, o apoio que solicitaram.

Mas, com independência do governo radical e do desejável consenso nacional, desenha-se uma incógnita no futuro do peronismo. Uma das possibilidades é a de que o debate interno derive numa depuração dos dirigentes não representativos e burocratizados. Nesse caso, haveria uma relação directa entre os líderes políticos e sindicais e as bases, e o peronismo poderia reafirmar a sua condição de partido popular enraizado nos núcleos operários e nos segmentos marginais da sociedade argentina.

Se tal não suceder, as bases continuarão divorciadas do aparelho peronista e prosseguirá o declínio do movimento. Isto deixaria, por seu turno, um espaço disponível para a articulação de um pólo progressista que se poderia constituir na futura esquerda argentina.

Depois da redistribuição de forças que se verificou na Argentina, o dilema parece colocar-se nos seguintes termos: ou o peronismo se transforma na esquerda argentina, ou decai para lhe dar lugar. Numa ou noutra eventualidade, a Argentina teria um leque político normal e correspondente às opções clássicas e vigentes em termos de classe e doutrinas políticas. Não se pode ainda desprezar a menos construtiva das hipóteses: que ambos os extremos se neutralizem e, durante mais algum tempo, a Argentina continue a ser um país que não saiba onde se encontram a sua direita, o seu centro e a sua esquerda.

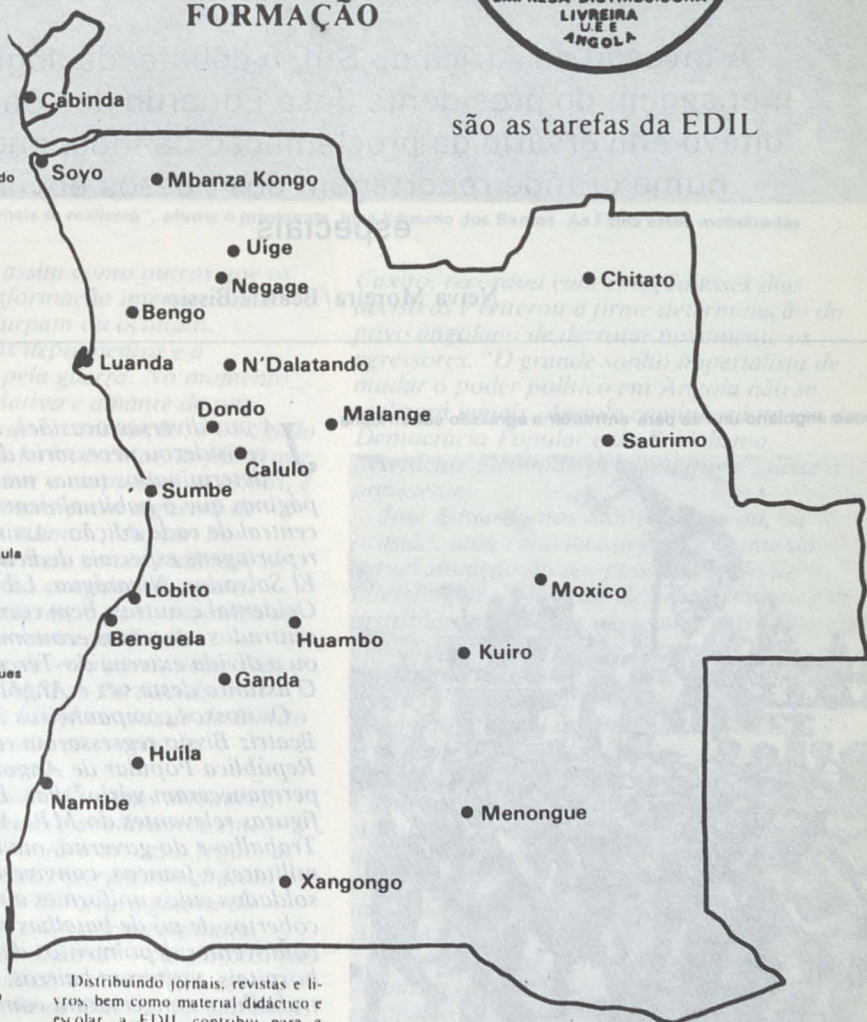


- BENGUELA  
Livraria 10 de Fevereiro
- BIÉ  
Livraria 11 de Fevereiro
- CABINDA  
Livraria Lunda  
Quiosque Maiombé
- CALULO  
Livraria 17 de Setembro
- DONDO  
Livraria 2 de Março
- GANDA  
Livraria 1.º de Maio
- HUAMBO  
Livraria 8 de Fevereiro  
Quiosque Albano Machado
- HUÍLA  
Livraria 27 de Março
- K. KUBANGO  
Livraria Kilamba
- KUANZA-NORTE  
Livraria 10 de Dezembro
- KUANZA-SUL  
Livraria Aníbal de Melo
- LOBITO  
Livraria 11 de Novembro
- LUANDA  
Casa de Venda  
Armazém Venda Grosso  
Quiosque 4 de Fevereiro  
Livraria Centro do Livro  
Livraria Augusto N'Gangula  
Livraria 4 de Fevereiro
- LUNDA-NORTE  
Posto de Venda
- LUNDA-SUL  
Livraria Deolinda Rodrigues
- MALANGE  
Livraria 1.º de Agosto  
Quiosque N'Dongo
- MOXICO  
Livraria 14 de Fevereiro
- NAMIBE  
Livraria Lutuíma
- NEGAGE  
Livraria Saily Mingas
- SOYO  
Livraria Lundogi
- UÍGE  
Livraria 10 de Dezembro
- ZAIRE  
Livraria Sagrada Esperança

**LEVAR:  
INFORMAÇÃO  
CULTURA  
CIÊNCIA  
FORMAÇÃO**



são as tarefas da EDIL

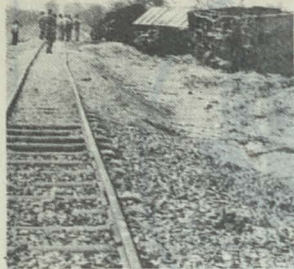


Distribuindo jornais, revistas e livros, bem como material didático e escolar, a EDIL contribui para a formação cultural do povo de Angola. A EDIL é a distribuidora exclusiva de cadernos do terceiro mundo para todo o território angolano.

**EDIL** Empresa Distribuidora Livreira  
Caixa Postal 1245 - Rua da Missão, n.º 107/111  
Luanda - República Popular de Angola



# Angola agredida



A invasão da África do Sul, o debate ideológico, a mensagem do presidente José Eduardo dos Santos no oitavo aniversário da proclamação da independência, numa grande reportagem dos nossos enviados especiais

Neiva Moreira/Beatriz Bissio

O povo angolano une-se para enfrentar a agressão sul-africana



**J**Á por diversas ocasiões, a nossa revista considerou necessário dedicar a determinados temas maior número de páginas que o habitualmente reservado ao tema central de cada edição. Assim sucedeu com as reportagens especiais dedicadas ao Vietname, a El Salvador, Nicarágua, Líbano, Sara Ocidental e outras, bem como certos "dossiers" centrados em temas económicos, como o álcool ou a dívida externa do Terceiro Mundo. O assunto desta vez é Angola.

Os nossos companheiros Neiva Moreira e Beatriz Bissio regressaram recentemente da República Popular de Angola, onde permaneceram vários dias. Entrevistaram figuras relevantes do MPLA-Partido do Trabalho e do governo, ouviram relatórios militares e francos, conviveram com oficiais e soldados cujos uniformes ainda se encontravam cobertos de pó de batalhas recentes, registaram cobventes depoimentos de feridos nos hospitais, visitaram bairros, centros de trabalho e conversaram com pessoas na rua ou em suas casas. Tal como anteriormente, durante a guerra de libertação, na batalha de Luanda e nas lutas que se sucederam à independência daquele país, o trabalho dos nossos companheiros cobriu factos mais ou





"O sonho imperialista jamais se realizará", afirma o presidente José Eduardo dos Santos. As Fapla estão mobilizadas para defender a Pátria

menos conhecidos, assim como outros que os grandes meios de informação internacionais frequentemente deturpam ou ocultam.

A tónica geral dos depoimentos é a frustração causada pela guerra. No momento em que um povo criativo e amante da paz, empenhado na luta de reconstrução, é obrigado a abandonar os seus lares, escolas, as fábricas e as lavouras para voltar a empunhar as armas, é natural que todos amaldiçoem a guerra de agressão de que são vítimas. Mas um dos aspectos mais sensíveis da actual realidade de Angola é que, hoje, ao contrário do que se notava há dois anos atrás, o povo mobiliza-se para a guerra e fá-lo numa profunda consciência dos seus deveres patrióticos. Não foi por acaso que o MPLA-Partido do Trabalho escolheu a histórica cidade de Caxito para comemorar os seus oito anos de independência nacional.

Caxito é um símbolo. Nos seus arredores, nas suas ruas tranquilas e acolhedoras e nos campos agrícolas — onde o arroz, o feijão, as hortaliças e também as esperanças voltaram a brotar — travaram-se durante a guerra da independência duros e decisivos combates. "Acabamos de perder Caxito" — dizia-nos, em 1975, uma jovem militante do MPLA, do Serviço de Informação de Guerra, lavada em lágrimas. Contendo o pranto, dizia-nos, porém, com determinação: "mas vamos retomá-la".

E assim foi feito.

O presidente José Eduardo dos Santos, durante as cerimónias que tiveram lugar no

Caxito, recordou com emoção esses dias decisivos e reiterou a firme determinação do povo angolano de derrotar novamente os agressores. "O grande sonho imperialista de mudar o poder político em Angola não se realizará jamais. Angola caminhará na via da Democracia Popular e do Socialismo, livremente escolhido pelo seu povo", disse o presidente.

José Eduardo dos Santos destacou, na ocasião, uma característica importante da actual situação do seu país: a decisão de interromper o plano de desenvolvimento e de distribuir os recursos nacionais, entre as exigências da guerra e as tarefas da paz.

As reportagens sobre o trabalho dos diferentes ministérios, a maneira como o comissariado de Luanda está a enfrentar os graves problemas da capital, o debate ideológico que se aborda na entrevista com Lúcio Lara e no seminário sobre a poesia de Agostinho Neto, a luta no campo diplomático que o ministro Paulo Jorge explica na sua entrevista; enfim, todos os aspectos da vida quotidiana, são tratados neste "especial" sobre Angola.

Esperamos que os nossos leitores dos quase 70 países em que circulamos façam a sua avaliação da realidade angolana, sem se esquecer de que na África Austral se está a travar uma batalha muito importante para os povos do Terceiro Mundo. Batalha numa região que, embora distante, tem a ver com o futuro e a paz de todos nós.





## “O imperialismo e os racistas não passarão”

Nas comemorações dos oito anos de independência, o chefe do Estado angolano fez uma avaliação da situação política interna e da geopolítica regional

O presidente do MPLA-Partido do Trabalho e da República Popular de Angola, José Eduardo dos Santos, pronunciou o seguinte discurso durante a cerimónia central das comemorações do “11 de Novembro”, na cidade de Caxito, capital da província do Bengo:

Caros camaradas:

Como todos sabem, um trágico acontecimento assolou a nação há poucos dias. Por razões que ainda se desconhecem até ao momento, e que parecem ser da natureza técnica, 126 cidadãos perderam a sua vida num acidente de aviação na cidade do Lubango.

Por esse motivo, várias mensagens de condolências foram recebidas do estrangeiro que agradecemos oportunamente.

Embora estejamos em dia de festa, uma grande tristeza ainda envolve o nosso povo e sobretudo os cidadãos que perderam os seus familiares.

Peço, por isso, a todos os presentes que dediquemos à memória das vítimas desse irreparável acidente, um minuto de silêncio.

É a primeira vez que realizamos o acto central alusivo ao 11 de Novembro na cidade de Caxito.

No ano passado, comemorámos esta data em Mbanza Congo, na província do Zaire, onde foram inaugurados importantes empreendimentos económicos no domínio do petróleo.

Hoje viemos à província do Bengo. A nossa presença nesta praça recordará a todos os duros combates e as grandes batalhas que se desenrolaram nesta área, durante a segunda guerra de libertação nacional. Graças à valentia e firmeza dos nossos combatentes, Caxito foi algumas vezes arrancada das mãos dos invasores e inimigos do nosso povo que pensavam instalar aqui a sua retaguarda segura para marchar sobre a capital e impedir a proclamação da independência nacional.

Em toda Angola, e mesmo no estrangeiro, o nome de Caxito tornou-se bastante conhecido pela resistência heróica, oferecida no campo de batalha ao imperialismo e aos seus fantoches e agentes. Homens, mulheres, velhos e crianças levantaram-se todos unidos para rechaçar o inimigo.

Uma valiosa contribuição foi dada à luta de libertação nacional pelos militantes do MPLA e pela população da sua antiga 1.ª região político-militar, tanto na primeira como na segunda guerra de libertação.

A nossa presença aqui é, pois, uma deferência, um

**Presidente José Eduardo dos Santos:**  
um balanço de oito anos de independência





estímulo, um momento de atenção que os membros do nosso Partido de Caxito e as populações da província do Bengo em geral merecem.

O inimigo, aqui, foi travado como também foi parado no Keve, na sua sanha assassina e destruidora contra o povo. A partir das fronteiras norte e sul, marcharam colunas bem treinadas e armadas de exércitos estrangeiros invasores em conluio com traidores e fantoches angolanos, que pretendiam aniquilar o MPLA pela força, depois da derrota político-militar que sofreram em Julho-Agosto de 1975. O seu objectivo era implantar o neocolonialismo e manter a opressão e a dependência política do povo angolano ao imperialismo.

As nossas gloriosas Fapla (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola) não permitiram isso. Nós vencemos o inimigo, porque fizemos uma guerra justa de todo o povo contra a agressão estrangeira que contou com o apoio de todo o mundo e de todos aqueles que no mundo defendem a liberdade, a independência dos povos e a justiça social.

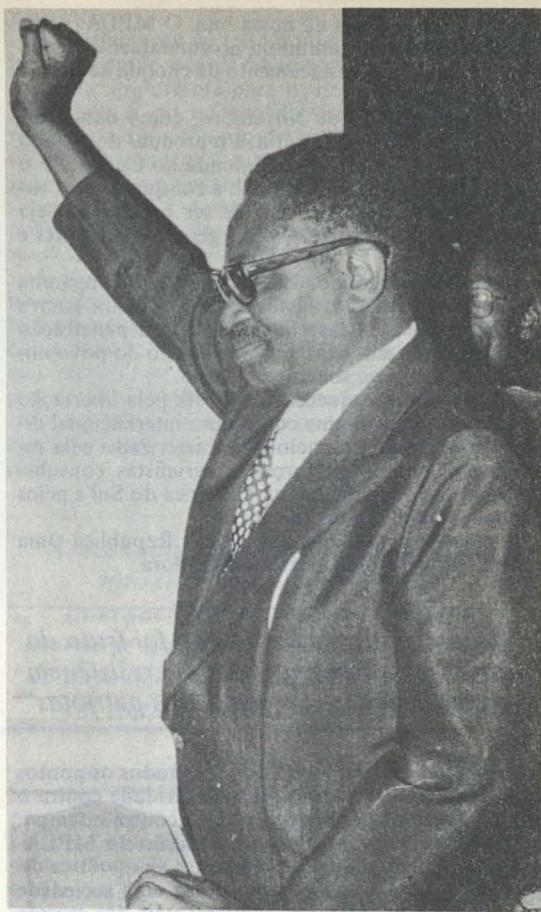
A população deste município deu excelentes provas de determinação e encarnou bem o desejo do nosso povo de ser livre e de dispor do seu próprio destino quando, de forma decidida, apoiou as forças armadas e participou nos combates que detiveram o avanço do inimigo e lhe infligiram derrotas e pesadas baixas, fazendo dezenas de prisioneiros, entre os quais mercenários e outros soldados estrangeiros que, por terem a pele negra, quiseram fazer-se passar por libertadores. Nessa acção foi reforçada a unidade do povo com o seu braço armado, as Fapla, e ficou demonstrado, diante da opinião internacional, que Angola pouco antes da sua independência já era vítima de uma agressão e ocupação por forças estrangeiras a mando do imperialismo, também pelo norte, que tentavam impedir a sua ascensão a uma independência real e completa, conforme preconizava o programa do MPLA.

Se as forças inimigas não fossem detidas em Kifangondo, depois dos duros combates efectuados em Caxito, elas teriam progredido em direcção à capital e a independência teria sido proclamada em condições mais difíceis.

O 11 de Novembro é pois o culminar de uma grande epopeia da luta revolucionária do nosso povo. Ela é, ao mesmo tempo, um ponto de chegada e um ponto de partida, em que o programa mínimo do MPLA cumprido cria as condições políticas necessárias para a aplicação do seu programa maior, passando da etapa, da libertação política para a libertação económica.

Foi longa a trajectória percorrida para se alcançar este objectivo. Vários patriotas angolanos, entre os quais soldados desconhecidos, heróis anónimos e conhecidos, mutilados, órfãos, antigos combatentes etc. sofreram as vicissitudes da luta clandestina, os sacrifícios e privações da guerra de guerrilha, e muitos foram os que ficaram deficientes físicos ou tombaram para sempre no campo de batalha, fertilizando com o seu generoso sangue o nosso solo pátrio libertado, e engrandecendo, com seu nome, a nossa dignidade.

A nossa independência não foi fruto do acaso, não foi algo entregue numa bandeja, foi o resultado de



Agostinho Neto, pouco depois da proclamação da independência, a 11 de Novembro de 1975

uma resistência secular de todos os verdadeiros patriotas, que assumiu diferentes formas no tempo e no espaço, sendo a longa luta armada de libertação nacional o seu factor determinante.

---

*“Nós vencemos o inimigo porque fizemos uma guerra justa de todo o povo contra a agressão estrangeira, que contou com o apoio de todo o mundo e de todos aqueles que no mundo defendem a liberdade”*

---

Ao MPLA, sob a direcção clarividente do saudoso presidente Agostinho Neto, coube o mérito e o papel histórico de unir todo o povo, de Cabinda ao Cunene, e de o conduzir, correctamente, nessa luta de que nasceu a República Popular de Angola e abriu as perspectivas para a edificação de uma sociedade mais justa, assente na vontade e nas aspirações das massas trabalhadoras.

O 11 de Novembro e o MPLA estão intimamente



ligados na trajectória da nossa luta. O MPLA, nessa trajectória da luta, caminhou profundamente ligado com o povo como destacamento de choque na defesa das suas aspirações.

Camaradas, o 11 de Novembro, como data mais significativa da nossa história, é o produto do esforço heróico do nosso povo, de Cabinda ao Cunene. É o dia da Independência Nacional, a conquista mais valiosa de todos nós, que tem de ser preservada seja quais forem os sacrifícios, pelas gerações presentes e vindouras.

Caxito, Kifangondo, Ebo, Cahama e Cangamba somam-se aos marcos históricos da primeira guerra de libertação e da fase de resistência à penetração colonial, traduzem bem a determinação do povo angolano de ser livre, soberano e digno.

Não podemos esquecer que a luta pela libertação económica ocorre numa conjuntura internacional difícil e num contexto nacional caracterizado pela intervenção armada de forças imperialistas consubstanciadas pelo regime racista da África do Sul e pelos bandos fantoches que utiliza.

É movida contra a nossa jovem República uma guerra não declarada e desestabilizadora.

---

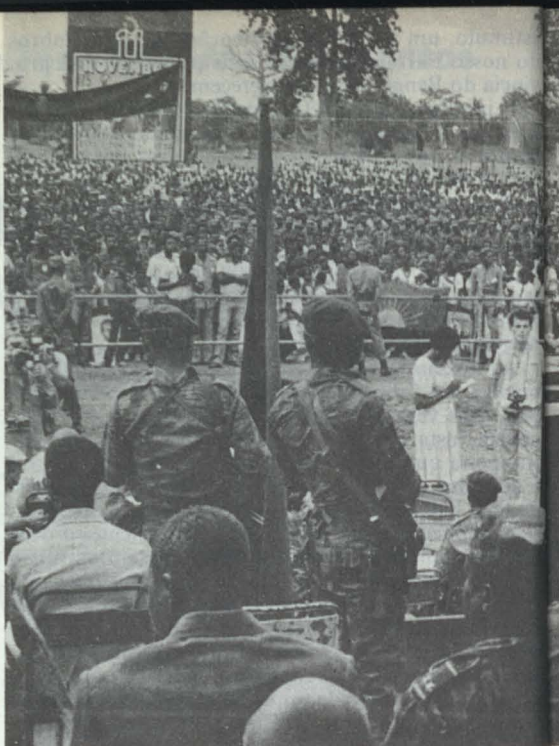
*"A nossa independência não foi fruto do acaso, foi o resultado de uma resistência secular de todos os verdadeiros patriotas"*

---

O inimigo externo aumentou, sob todos os pontos de vista, a sua actividade em agressividade contra o nosso país e numa autêntica corrida contra o tempo, pretendendo, em vão, forçar a direcção do MPLA-Partido do Trabalho a abandonar a sua política de princípios, baseada na construção de uma sociedade que satisfaça os interesses fundamentais das massas trabalhadoras, que assegure o controlo e a protecção das nossas riquezas naturais, a defesa intransigente da integridade territorial, a concessão da solidariedade indefectível aos povos oprimidos e subjugados pelo imperialismo, o exercício da política de não-alinhamento e de uma cooperação com os outros povos e Estados na base da igualdade e de vantagens recíprocas.

No campo militar, o inimigo procurou realizar acções impressionantes para chamar a atenção da opinião pública mundial e criar a falsa ideia de que estava às portas da capital do país. Enquadram-se nessas acções de banditismo e terrorismo a destruição da barragem de Lomaum, os ataques ao complexo do Alto Catumbela e ao município de Calulo, o descarrilamento do comboio no Lau, o rapto de cooperantes checoslovacos e de outras nacionalidades. Essas acções foram acompanhadas de uma campanha de intoxicação da opinião pública internacional para convencê-la a acreditar que o nosso país não é vítima de uma agressão externa, por parte da racista África do Sul, mas que vive um suposto clima de guerra civil.

A imprensa, a rádio e a televisão de certos países ocidentais veicularam, a propósito, informações falsas



Caxito: comemorações do 8.º aniversário da independência

ou distorcidas sobre o que se passava em Angola e apresentaram muitas vezes os seus desejos por realidade. Falaram de pretensos desentendimentos na direcção do MPLA-Partido do Trabalho, de manifestações imaginárias de elementos do povo e chegaram ao ponto de dizer que o poder se encontrava preso por um fio e prestes a ser tomado pelos lacaios dos sul-africanos, que estariam em Luanda no dia 11 de Novembro. Só não quiseram dizer que o nosso povo, de Cabinda ao Cunene, organizou importantes marchas e grandiosos comícios de repúdio às agressões sul-africanas e actividade bandidesca dos seus lacaios da Unita.

Também não quiseram dizer que o nosso povo compreende que são justamente os actos de sabotagem económica, as destruições de objectivos económicos e sociais e agressões armadas contra as nossas unidades militares e populações civis dos rascistas sul-africanos e das suas forças complementares integradas em bandos armados da Unita, que atrasam de facto a resolução de muitos problemas económicos e sociais das massas trabalhadoras. Mas esta é que é a verdade, que deve ser entendida para que se compreenda porque o nosso povo luta e está disposto a consentir em enormes sacrifícios para derrotar os agressores e seus lacaios.

Na verdade, o regime racista da África do Sul, com o apoio do imperialismo norte-americano, tinha planos para aniquilar a nossa revolução. Combinaram acções militares, diplomáticas e de propaganda para neutralizar as centrais hidro-eléctricas, os principais





bem-estar.

A participação de todo o povo na vigilância popular e no apoio aos combatentes das Fapla é extremamente importante para neutralizarmos os bandos fantoches. É do esforço de todos nós, do cumprimento, no dia-a-dia, do dever de cada um, da consciência de que temos que fazer a guerra para conseguir a paz, que depende a realização dos objectivos desejados, isto é, a defesa do território nacional e do povo e a construção de uma pátria próspera que garanta a felicidade para todos nós.

A guerra cruel que a África do Sul move contra nós afecta a todos os angolanos patriotas. As bombas lançadas pelos aviões sul-africanos, a destruição das culturas, das barragens e das pontes, as minas nas vias férreas, as chacinas e massacres de civis atingem directa ou indirectamente toda a nossa população que, naturalmente, não pode ficar indiferente às agressões nem à ocupação de parte do nosso território.

---

*“Uma campanha internacional visou  
intoxicar a opinião pública  
internacional para convencê-la a  
acreditar que o nosso país não é vítima  
de uma agressão externa, mas que vive  
um suposto clima de guerra civil”*

---

depósitos de combustível, bloquear as vias de comunicação através da destruição de pontes, orquestrar campanhas difamatórias de propaganda contra os dirigentes do MPLA e de promoção dos bandos da Unita na arena internacional. Este plano, que começou a ser executado com o seu ataque traiçoeiro contra Cangamba, encontrou uma resposta vigorosa das nossas forças armadas e de todo o povo, em particular da nossa camada mais jovem em idade militar.

A mobilização geral que se tem registado em torno da palavra-de-ordem “organizar a defesa armada do povo para defendermos a revolução” mostra claramente que a Revolução será defendida e que o imperialismo, os racistas sul-africanos, enfim, a reacção, não passarão.

O grande sonho imperialista de mudar o poder político em Angola não se realizará jamais! Angola caminhará na via da democracia popular e do socialismo livremente escolhido pelo seu povo.

Além dessa medida, outras que a direcção do nosso partido tomou, já têm produzido resultados positivos. Essas medidas, entre as quais se destacam a criação dos conselhos militares regionais, visam, na sua essência, neutralizar o inimigo interno e confinar a sua acção a áreas de fraco interesse económico e administrativo para, a partir daí, aniquilá-lo para sempre.

No prosseguimento da nossa acção teremos, ainda, que imprimir mais vigor no nosso combate e aperfeiçoar os nossos métodos de trabalho, para acelerarmos a vitória total sobre o inimigo. Só essa vitória nos trará a paz e a tranquilidade necessárias ao nosso

A guerra atinge-nos a todos, tanto mais quanto sabemos que muitos objectivos fixados no nosso programa económico e social, até agora não se concretizaram devido ao esforço financeiro que a Nação desenvolve para aumentar a sua capacidade defensiva e oferecer uma resistência crescente aos ataques do inimigo.

Só as agressões do exército regular sul-africano já causaram prejuízos materiais superiores a dez mil milhões de dólares, privando mais de cem mil pessoas dos seus bens e lares, no sul das províncias do Cunene e do Kuando-Cubango. O esforço de guerra faz-nos ainda desviar para a defesa da pátria uma grande percentagem do nosso orçamento geral do Estado.

Isso quer dizer que as agressões do exército racista sul-africano obrigam-nos a importar menos medicamentos, a construir menos escolas, menos hospitais, habitações, etc. Deixamos assim de investir em sectores que poderiam proporcionar um relativo bem-estar imediato ao nosso povo de modo a usufruir de facto dos frutos da independência e dos sacrifícios que experimentámos durante vários séculos.

São o imperialismo, os racistas sul-africanos e os seus lacaios que não estão interessados em ver o MPLA-Partido do Trabalho realizar o seu programa económico, porque têm medo que se prove que a igualdade, a justiça social e o bem-estar para todos, nos países da África Austral só podem ser alcançados numa sociedade socialista e, por isso, não são compatíveis com o racismo, com o *apartheid* e com a exploração do homem pelo homem.

Apesar disso, um grande esforço tem sido feito em





Uma jovem mãe ferida durante um dos bombardeamentos prol da reconstrução nacional, para assegurarmos o mínimo de condições de vida do nosso povo, no âmbito dos programas de emergência e não só. Não temos apenas reconstruído quase tudo o que o inimigo destrói, temos realizado e inaugurado novos empreendimentos todos os anos. A principal preocupação do nosso partido é, neste momento, criar condições que nos permitam realizar, mais rapidamente com sucesso, o programa de emergência da produção alimentar.

Passos firmes estão sendo dados no domínio da avicultura, da pesca e da produção do sal, do açúcar e de outros bens. Pretende-se, igualmente, melhorar o sistema de aquisição e distribuição de medicamentos e executar o programa de combate às grandes endemias e de cuidados primários da saúde. Esta é uma resenha muito breve do que se tem preparado e executado no quadro dos programas de emergência.

No campo económico, como em todos os sectores da vida do nosso país, uma das nossas principais dificuldades continua a ser a nossa deficiente capa-

---

*“O imperialismo, os racistas sul-africanos e os seus lacaios não estão interessados em ver o MPLA-Partido do Trabalho realizar o seu programa económico”*

---

cidade de controlo e organização. É uma situação que decorre da inexperiência dos quadros e sobretudo da falta de técnicos nacionais para execução e controlo das tarefas de grande complexidade.

Temos recorrido ao concurso de técnicos estrangeiros para suprir muitas dificuldades. Porém, a co-operação técnica estrangeira nem sempre se ajusta à nossa realidade e às nossas necessidades e o seu custo tem-se mostrado cada vez mais oneroso para o orçamento geral do Estado. O Partido e a Assembleia do Povo deram orientações claras sobre a necessidade do controlo da efectividade, da produtividade e dos custos dos cooperantes. E é urgente que essa tarefa



O esforço de guerra faz desviar para a defesa da Pátria uma grande parte do orçamento do Estado

se realize. Ultimamente, temos assistido a um aumento assustador de contratos de assistência técnica entre empresas nossas e estrangeiras, sobretudo de países ocidentais da Europa, com Portugal em primeiro lugar, através dos quais se transferem somas exageradas de dinheiro, quando a Europa Ocidental vive um sério problema de desemprego que afecta técnicos e operários qualificados. Esta situação deve merecer uma atenção especial dos organismos com-





O presidente salientou a importância da participação do povo na defesa e no apoio dos combatentes

petentes do governo, para que se estudem as medidas de ajustamento que se impõem e que tragam maiores benefícios para o nosso país.

Nesse contexto, a palavra benefício deve ser entendida num sentido lato, como sendo benefícios económicos, financeiros e também ideológicos. Devemos exercer a nossa vigilância para não permitir laços de cooperação com empresas ou entidades que possam aproveitar os resultados financeiros dessa cooperação para promover politicamente ou armar os inimigos do nosso povo.

A diversificação da cooperação económica deve ser convenientemente dosada e orientada para o nosso objectivo estratégico, desempenhando papel chave, nesse terreno, a secretaria de Estado da Cooperação e o ministério do Plano.

Sem renunciar à cooperação com os países ocidentais, por razões objectivas, temos de cuidar da consolidação e ampliação das relações económicas com os países da nossa opção ideológica. E é também aqui, naturalmente, que devemos cuidar bem dos nossos interesses para que a cooperação, mais barata e mais segura, que nos oferecem, sirva, de facto, para construção das bases materiais e técnicas da nova sociedade que queremos edificar.

Camaradas, como sabem, nós mantemos uma cooperação exemplar com Cuba em vários campos da vida civil e militar, apesar de todas as campanhas, de todas as pressões e chantagens dos nossos inimigos, continuamos a contar com internacionalistas vindos de países amigos, em especial com os camaradas cubanos que têm cumprido com coerência, espírito de sacrifício e dedicação revolucionária, junto dos seus irmãos de Angola, as grandes tarefas da defesa e da reconstrução nacional. Na nossa luta comum contra o inimigo, temos cimentado com sangue a nossa amizade e solidariedade militante, compartilhando as dificuldades e tristezas, os nossos erros e as alegrias

das nossas vitórias.

Desesperado com essa ajuda firme e desinteressada, o imperialismo acumula manobras atrás de manobras, tentando conseguir a sua retirada da República Popular de Angola sem sucesso, pois, pelo contrário, tem aumentado o apoio de todos os governos às nossas posições comuns justas e de princípio nesse assunto.

O atraso deliberado da África do Sul e dos Estados Unidos da América na aplicação da Resolução 435, que defende a independência da Namíbia, com o pretexto da presença cubana em Angola, tem merecido a mais vigorosa condenação da comunidade internacional.

Ainda muito recentemente o Conselho de Segurança das Nações Unidas rejeitou a pretensão absurda

---

*"A participação de todo o povo na vigilância popular e no apoio aos combatentes das FAPLA é extremamente importante"*

---

da África do Sul e dos Estados Unidos da América de ligar a descolonização da Namíbia à presença das forças internacionalistas cubanas em Angola, o que demonstrou o crescente isolamento internacional dos racistas e dos seus protectores.

Preocupados com esse isolamento, procuram de novo enganar a opinião pública com novas manobras políticas.

Pretendem atribuir à Namíbia o estatuto de "protegidos" da África do Sul porque acham que o povo namibiano ainda não reúne condições para ascender à independência.

A Namíbia é um país ilegalmente ocupado e colo-





nizado e não acreditamos que o povo namibiano se deixe enganar por esta manobra. Pensamos que ele não abdicará e continuará a sua luta justa pela conquista do seu direito inalienável à independência nacional sob a direcção da Swapo, que beneficia do apoio e da solidariedade de todos os povos amantes da paz e da liberdade, entre os quais a República Popular de Angola, que se encontra na primeira linha da sua retaguarda.

Não há dúvida de que o único meio para se ultrapassar a situação crítica existente na Namíbia consiste na conclusão de um acordo de cessar-fogo entre as partes beligerantes e na realização de eleições livres sob o controlo da ONU, em conformidade com a Resolução 435 do Conselho de Segurança.

De igual modo, a tentativa desesperada de romper o seu isolamento e de atenuar a força das condenações internacionais, através da farsa eleitoral que o regime de Pretória montou há pouco tempo e a que chamou "referendo", com vista a mudanças constitucionais de fachada, é uma grande ilusão.

Os direitos da maioria esmagadora do povo sul-africano não foram considerados. Como poderá cessar, então, a luta e a violência na África do Sul, sem a abolição do *apartheid*, que coloca à margem da sociedade mais de 20 milhões de pessoas só por serem negras? O regime de Pretória não deve procurar as causas dos seus problemas internos fora das suas fronteiras.

A luta do povo sul-africano oprimido e explorado, que já não é só luta do povo negro sul-africano, é produto de uma profunda injustiça social que atinge mais de duas dezenas de milhões de pessoas. Aliás, a própria farsa eleitoral que acabou de realizar não aconteceria se não houvesse essa luta interna.

Ela é, também, o resultado da pressão popular crescente pelos patriotas sul-africanos do ANC. Por isso, nós não aceitamos os argumentos que a África

do Sul utiliza para mover uma guerra não declarada de ocupação e desestabilização contra países soberanos da África Austral, e, particularmente, contra a República Popular de Angola.

Camaradas e compatriotas, nesta gloriosa data, não podemos deixar de recordar todos aqueles que deram a sua contribuição para que o dia de hoje fosse possível e, em especial, o saudoso presidente Agostinho Neto, que, com clarividência e coragem, dirigiu a luta de libertação e, sob pressão da guerra de agressão imperialista, declarou, ao mundo, a nossa independência.

O seu legado histórico deve ser sempre recordado, como fonte de inspiração para que prossigamos no combate contra os inimigos e construamos a pátria socialista, pela qual já tombaram muitos e valorosos companheiros de luta.

A vitória, a nossa vitória, foi possível porque o MPLA soube unir, debaixo da mesma bandeira da luta pela independência, pela justiça social e igualdade, todos os angolanos, sem discriminação de raça, de tribo ou de credo religioso.

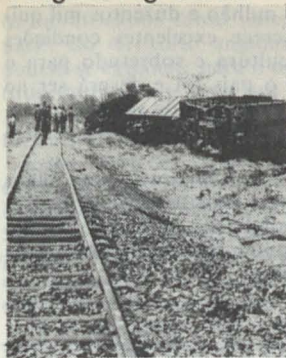
Na unidade do Partido, em torno dos seus princípios claros, na unidade da Nação e na unidade de todo o povo, assentará, sempre, a nossa força para a vitória.

Consolidemos, pois, a nossa unidade na luta.

Organizemos a defesa armada de todos para defendermos a Revolução.

Em vosso nome, em meu nome próprio, e no da direcção do nosso Partido, gostaria de aproveitar esta ocasião para transmitir uma saudação especial aos combatentes angolanos e internacionalistas que, nas suas trincheiras, nos quartéis e nos organismos de defesa e segurança, cumprem com abnegação o dever sagrado de defender a Pátria e a Revolução. □





# A geopolítica sul-africana

## As razões da invasão e das permanentes agressões ao território angolano por parte do regime de Pretória

**N**UMA sala reservada, jovens oficiais das Fapla (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola) explicam-nos o quadro militar. Nenhum deles tem mais de 25 anos. Como muitos outros dos seus camaradas, deixaram a Universidade directamente para a missão militar.

Uma das consequências mais graves da guerra é que mais da metade dos recém-formados é chamada a alistar-se nas forças armadas e alguns cursos científicos são suspensos para que os jovens neles matriculados possam atender às necessidades da defesa nacional.

No relatório que nos faziam, os jovens capitães não se detinham apenas na análise do quadro propriamente militar, mas antes se concentravam no exame dos factores políticos e económicos que deram origem à guerra. Eles estão conscientes que a agressão não decorreu de motivos históricos ou questões de fronteira e nem começou a partir de algum incidente que fugira ao controlo do Estado. Angola é vítima de uma agressão política e económica.

A desculpa para essa agressão é que o governo angolano apoia a luta de libertação da Namíbia e que seria uma espécie de santuário para as forças patrióticas que resistem ao terror sul-africano naquele país.

É verdade que Angola apoia a independência da Namíbia, como a África inteira — mesmo os governos mais reaccionários — também a apoiam. Como todos os povos democráticos do mundo e os governos comprometidos com uma nova ordem internacional, os angolanos solidarizam-se com a luta dos namibianos pela sua soberania. Cumprem o ideário do pai da pátria, presidente Agostinho Neto e o programa do movimento de libertação. No seu discurso em Menongue, em 1979, o presidente Neto disse: "Na Namíbia, o problema é claro. Quem é que está dominando a Namíbia? É, naturalmente, a África do

Sul, que tem tropas aqui perto da nossa fronteira, dezenas de milhares de homens, meios importantes

B. Bissio



Setembro de 1975: o presidente Agostinho Neto concede uma entrevista a Neiva Moreira, director internacional de "Cadernos do Terceiro Mundo", num momento particularmente crítico da guerra de libertação. Tropas inimigas fechavam o cerco sobre a capital e era esperado a qualquer momento o ataque decisivo, antes do dia 11 de Novembro, data fixada para a proclamação da independência. Com uma exemplar firmeza e serenidade, o presidente Neto disse-nos na ocasião: "Eles não passarão. Angola será independente." Realmente não passaram e a independência foi proclamada na data prevista. (Na foto de Beatriz Bissio, um momento da entrevista, em Fundungo de Belas, província de Luanda, que, sob o comando do grande líder africano, se havia convertido no estado maior da resistência angolana)



de ataque, meios modernos, estacionados na nossa fronteira para nos atacar, simplesmente porque temos esse sentimento de fraternidade para com os nossos irmãos da Namíbia. E podemos deixar de ser irmãos? Qual é o filho do mesmo pai e da mesma mãe que despreza o seu irmão? O que vamos nós fazer? Vamos continuar o nosso apoio à luta dos nossos irmãos da Namíbia”.

Angola assume, com imensos sacrifícios, as responsabilidades decorrentes de claras e insofismáveis decisões das Nações Unidas, em favor da independência, contra a ocupação da Namíbia pelos sul-africanos e de combate ao *apartheid*.

É evidente que se não existisse esse pretexto, o governo de Pretória procuraria outro, porque o problema não está na Namíbia, mas na própria Angola. Se Angola fosse um país pobre não estaria invadida, mesmo que apoiasse a independência da Namíbia.

Mas Angola é um dos países mais ricos da África. Produz petróleo, minérios, diamantes e tem uma costa muito apropriada à pesca industrial. Com uma

superfície superior a um milhão e duzentos mil quilómetros quadrados, oferece excelentes condições para a pecuária, a agricultura e sobretudo para o plantio do café, de que o país foi e deverá ser no futuro um dos maiores produtores da variedade “robusta”, essencial à preparação nos mercados ocidentais dos tipos *blends*.

Com sete a oito milhões de habitantes (esses dados poderão ser precisados pelo recente censo demográfico), Angola tem uma população criativa, dinâmica e que soube conquistar numa luta de muitos anos a sua própria independência.

#### Duas metas sul-africanas

Para a África do Sul e seus geopolíticos, a guerra de agressão justifica-se por dois motivos decisivos: a) o potencial económico de Angola; b) a instalação de um governo socialista no “*lebensraum*” (o “espaço vital”) do expansionismo sul-africano.

Grande parte do que Angola produz complementa a economia sul-africana, sobretudo o petróleo, de que

## Lisboa no eixo Washington-Pretória

OS grupos fantoches anti-angolanos usam Portugal como o ponto principal da sua propaganda, não apenas dirigida a esse país mas também a todo o mundo, principalmente através da agência noticiosa UPI que veicula a sua propaganda. Eles reivindicam acções de terrorismo, convocam conferências de imprensa, recrutam mercenários, reúnem-se sem serem minimamente incomodados, atacam o governo de Luanda com quem Lisboa tem relações diplomáticas, organizam conspirações.

Tais atitudes não são ignoradas em Luanda e nos outros países africanos de expressão oficial portuguesa. A Declaração Final da Reunião Cimeira da Praia, assinada há um ano pelos presidentes de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, continha uma séria advertência a governos que pela sua política são cúmplices de grupos fantoches africanos que utilizam os seus territórios para “fomento e preparação de acções subversivas e terroristas”. Portugal não era expressamente citado, mas todos os observadores consideram esses parágrafos da Declaração como dirigidos ao governo de Lisboa. Permitir a utilização do seu território como base de apoio para conspirações inseparáveis da escalada de ameaças e agressões contra Angola e Moçambique é, na prática, um acto de “cumplicidade para com os agressores dos nossos povos”, acentuaram os presidentes dos cinco países.

Apesar dessa posição, da denúncia feita em alguns órgãos de imprensa e por organizações políticas e de solidariedade portuguesas, a

escalada da conspiração prosseguiu com total impunidade. Os grupos anti-angolanos mantiveram as suas sedes e os seus representantes e sucederam-se as visitas de dirigentes norte-americanos e veteranos da CIA com os quais aquelas organizações discutem as operações. Em Setembro último, um enviado especial da revista católica francesa *Témoignage Chrétien* não escondia a sua surpresa: “Lisboa está transformada num centro de operação dos serviços secretos da África do Sul”.

#### Antecedentes e cumplicidade

A intensa actividade conspirativa começou em Portugal logo após a revolução de 25 de Abril de 1974. Em Agosto de 1975, um jornalista da revista espanhola *Cambio 16* escrevia: “Os enviados especiais dos jornais norte-americanos comentam com estupefacção a quantidade de agentes da CIA que conheceram no Laos, Vietname ou Kampuchea e que agora encontram nos bares dos hotéis de luxo de Lisboa”.

A maciça presença da CIA tinha a ver com as transformações políticas, sociais e económicas em Portugal mas visava também intervir nos processos de descolonização. Por pressão directa norte-americana, foram tentadas soluções de feição neocolonial. Mais tarde, os EUA passaram a financiar os grupos fantoches. De acordo com dados da própria CIA, só de Janeiro a Novembro de 1975, Washington forneceu uma ajuda militar à Unita e à FNLA de 31 milhões de dólares.

Em Agosto de 1982 traçaram-se planos

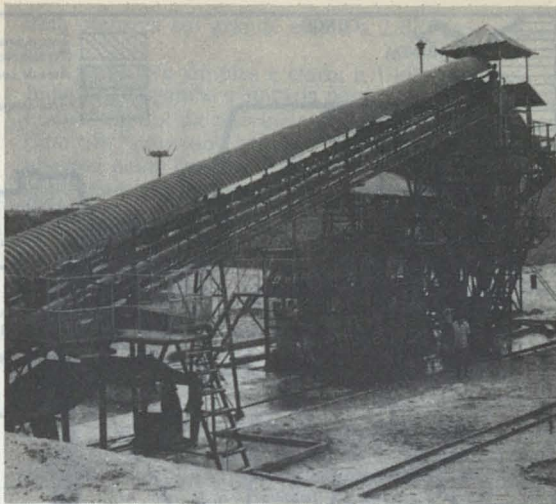


os sul-africanos tanto carecem. O facto de que, a partir do território angolano, as suas exportações podem se expandir para o norte do rio Congo, constitui um factor de peso nas ambições sobre Angola. A sua meta seria transformar Luanda numa plataforma exportadora como Taiwan ou Hong Kong.

Essas ambições expansionistas, mais do que tudo, explicam a guerra. Se fosse porque o governo angolano apoia a independência da Namíbia, a África do Sul teria, por uma questão de coerência, que declarar guerra à Nigéria, Gana, Argélia, a dezenas de países do continente e do mundo que, com maior eficácia, estão numa mesma posição.

Os sul-africanos vêm mantendo uma posição invariável na busca dos seus objectivos geo-económicos em Angola desde o tempo do colonialismo português, quando o problema namibiano não tinha assumido as conotações dos dias actuais.

E qual é a estratégia que vêm desenvolvendo? Ela tem três etapas definidas: a) a tentativa de controlar o processo de transição para a independência em conclusão com o colonialismo salazarista, deixando em



O potencial económico de Angola é cobiçado pelos sul-africanos

conspirativos muito graves. Tratou-se da "Operação Cubango", nome de código de um golpe de Estado em Angola preparado em Lisboa, envolvendo directamente a embaixada da África do Sul e com o conhecimento do então ministro português da Administração Interna e dirigente do PSD, Ângelo Correia.

O plano previa uma invasão do exército sul-africano e de cerca de dois mil mercenários, alguns dos quais recrutados em Portugal. Os conspiradores entraram, reuniram-se e saíram de Portugal tantas vezes quanto entenderam, tendo alguns "pivots" percorrido o país em reuniões de recrutamento de mercenários. O governo português mandou que a polícia judiciária fizesse uma investigação "a fundo" do caso. Porém nunca foram revelados quaisquer resultados. Todos os protestos, nacionais e internacionais, não alteraram a protecção à conspiração.

Em Março último, a agência noticiosa angolana *Angop* acusava frontalmente o governo de Lisboa de permitir "a existência de organizações que conspiram contra a República Popular de Angola", nomeadamente concedendo "visto de permanência a altos dirigentes dos agrupamentos fantoches angolanos".

A agência noticiosa angolana denunciava ainda o facto de a companhia de propaganda da Unita que precedeu, a sabotagem da baragem de Lomuan, no passado mês de Janeiro "ter sido organizada e posta em prática na capital portuguesa por elementos daquele agrupamento contra-revolucionário com a colaboração directa de agentes sul-africanos". A *Angop* esclarecia que a sabotagem foi

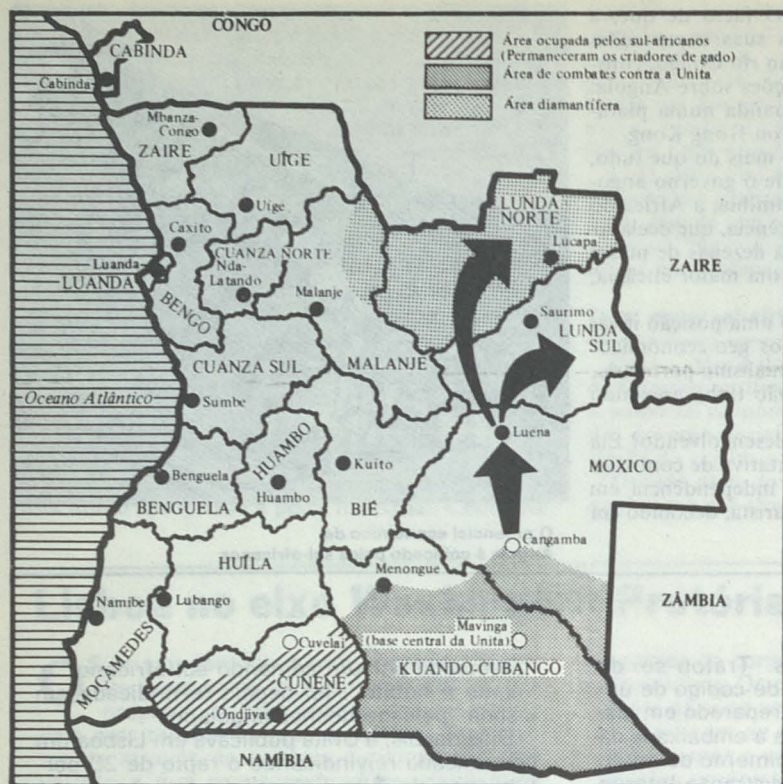
"efectuada por um comando sul-africano" e, "como é hábito", foi depois reivindicada em Lisboa "pelos fantoches angolanos".

Dias depois, a Unita publicava em Lisboa um comunicado reivindicando o rapto de 20 portugueses do Alto Catumbela, em Angola, e ameaçando que estes "perderão a vida" se a coluna que os transportava fosse atacada.

Ainda no plano interno português, essa posição governamental tem merecido inúmeras condenações do próprio presidente da República, general Ramalho Eanes, de altas personalidades, de organizações e de empresários que vêm em perigo a relação económica privilegiada de Angola com Portugal.

O ministro do Comércio Externo de Angola afirmou que o reforço de relações económicas com o seu país é incompatível com a "complacência em relação aos grupos perturbadores, apoiados pela África do Sul, que actuam a partir de Portugal e de outros países do Ocidente, nossos parceiros económicos, contra os interesses políticos, comerciais e humanos de Angola". Mais recentemente, o vice-ministro angolano das Relações Exteriores, Venâncio Moura, disse que as relações de Portugal com o seu país "poderão ser congeladas se a Unita continuar a actuar impunemente em território português". Afirmações no mesmo sentido têm-se repetido em Portugal alertando para o perigo que correm as relações políticas e económicas entre os dois países caso se mantenha a actual impunidade dos grupos fantoches africanos em território português. (*Bernardo Crespo*)





O mapa dá-nos uma ideia aproximada da situação militar: a província do Cunene, parcialmente ocupada, a província semidesértica de Kuando-Cubango, por onde se infiltrou a Unita até ser contida e derrotada em Cangamba e quais foram os objectivos frustrados dos sul-africanos: a ocupação de Luena, capital da província do Moxico, onde seria proclamado um "governo fantoche". Posteriormente seriam invadidas as ricas províncias de Lunda, centro da produção diamantífera de Angola. Em Cangamba, esses sonhos foram sepultados.

Luanda um governo títere; b) as grandes invasões militares com forças convencionais de 1981 e 1982; c) o recrudescimento das operações de sabotagem a partir da derrota da Unita na batalha de Cangamba.

A primeira fase terminou na batalha de Luanda. Os sul-africanos e os restos do regime salazarista lançaram à batalha os seus grupos fantoches da Unita e da FNLA, que haviam sido impostos pelo governo colonial português de então para formar com o MPLA o governo de transição. A vitória do MPLA na batalha de Luanda e a resistência ao avanço inimigo a partir do sul obrigaram os sul-africanos a bater em retirada. Através de bem-sucedidas operações de limpeza, as nascentes forças armadas angolanas destruíram todos os focos inimigos expulsando Jonas Savimbi e o seu grupo remanescente para a África do Sul.

### Fracasso estratégico

O período de 1975 a 1981 foi caracterizado por uma guerra de desgastes com ataques localizados e pressões renovadas. Os sul-africanos estavam organizando as suas forças expedicionárias e adestrando os grupos da Unita para a ofensiva de 1981, resistida com extremo vigor pelas Fapla. A esse ensaio seguiu-se o ataque ao Cunene no ano passado.

Nessas operações os *boers* empenharam enormes forças, brigadas de tanques e uma poderosa força aérea. Desde então, ocupam grande parte do Cunene,

província rica, onde se desenvolvia uma pecuária de qualidade. A área ocupada representa cerca de dez por cento de todo o território nacional angolano.

O plano estratégico sul-africano era atrair as Fapla para uma batalha decisiva, obrigando os cubanos a retroceder mais para o norte. Isto deixaria aos invasores o controlo de uma região muito importante de Angola, que compreende as decisivas províncias de Moçâmedes e Huíla. Segundo os especialistas de Pretória, se isso ocorresse, o governo do MPLA desestabilizar-se-ia.

O plano fracassou. Através de manobras hábeis e de confrontos nos pontos adequados e nos momentos precisos, as Fapla detiveram o exército invasor na linha do Cunene e os cubanos continuaram onde estavam.

O desenvolvimento dessas operações foi importante sob muitos aspectos, inclusive para a formação da nova força combatente. Hoje, Angola dispõe de um dos melhores exércitos africanos, com a vantagem de uma vasta experiência nos campos de batalha.

Os sul-africanos sabem que se avançarem, encontrarão pela frente esse exército. Mas eles temem também dois factores que lhes são muito adversos: a possibilidade de intervenção das poderosas forças cubanas e o facto de que um avanço racista mais para o norte pode desencadear uma crise na região e internacionalizar a guerra. Isso pode explicar a razão por que as suas forças se imobilizaram nessa região.

A segunda fase do plano estratégico sul-africano



ficou por aí, mas essa limitação de operações não significa que a guerra tenha acabado com a ocupação de parte da província do Cunene. Pelo contrário, entrou em uma nova fase: operações aéreas mais profundas, infiltração e sabotagem em larga escala.

Esta é a fase actual, a terceira do longo e cruel plano de domínio sul-africano sobre Angola.

O centro principal da nova ofensiva foi deslocado da província do Cunene para a de Kuando-Cubango, mais ao norte (ver mapa), cobrindo a fronteira de Angola com a Zâmbia. Ali se encontravam entrincheiradas as Fapla, numa linha defensiva cuja base central se situava na pequena cidade de Cangamba.

Kuando-Cubango é uma província territorialmente grande, sendo parcialmente desértica, pouco habitada: não mais de cem mil habitantes, hoje quase todos refugiados em Luanda ou em outras cidades.

Dadas as dificuldades de uma vigilância contínua sobre toda a província, foi possível ao inimigo concentrar ali as principais forças da Unita e desencadear

uma ofensiva em grande escala a 2 de Agosto passado.

O plano era simples e claro: a Unita romperia a linha de Cangamba e atacaria para o norte, ocupando Luena, capital da província de Moxico. Aí, instalariam um "governo" provisório que logo seria reconhecido pelos Estados Unidos, pela África do Sul e seus aliados. De Cangamba, desencadeariam nova ofensiva, rumo às províncias de Lunda, centro da produção de diamantes e fronteira com o Zaire.

A batalha, travada entre 2 e 11 de Agosto, foi extremamente violenta. As Fapla infligiram uma derrota categórica ao inimigo, que perdeu a sua melhor força, deixando no campo de batalha mais de 1200 mortos e feridos graves.

### Crise na Unita

Os sul-africanos não tardaram em ir em socorro da Unita e, a 14 de Agosto, realizaram, às primeiras

## "Intelligence Defense": O "cérebro" da agressão

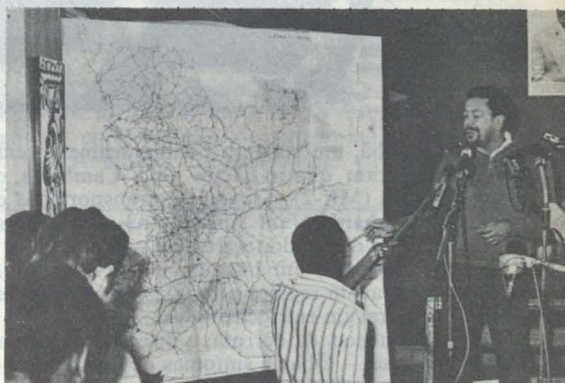
O tenente-coronel Nini Monteiro ("Ngongo"), chefe-adjunto do estado-maior general das Fapla, explica a nova etapa das agressões contra Angola iniciada com a criação de um corpo militar que coordena as acções da Unita com as do exército regular sul-africano. Eis as suas declarações:

"Gostaria de lembrar que a invasão de 23 de Agosto de 1981 aconteceu quando os mais racistas dos políticos sul-africanos, tendo à frente Pieter Botha, estavam no governo de Pretória. A partir daí, começámos imediatamente a verificar que havia um incremento de acções sul-africanas contra o nosso país. Logo após a chegada de Botha ao poder na África do Sul, dá-se a subida ao poder de Reagan, nos Estados Unidos. Foi nessa altura que se criou o 'Intelligence Defense', que é o organismo que passou a dirigir e coordenar na África do Sul todas as acções militares contra a República Popular de Angola.

"O 'Intelligence Defense' foi criado exactamente para isso: coordenar as acções das forças racistas sul-africanas com as do seu exército complementar, os bandos fantoches da Unita. Antes da criação desse organismo, não havia ainda a coordenação das acções militares dessas duas forças.

"À frente desse organismo, foi colocado o ministro da Defesa racista, general Magnus Malan. A partir de então, passámos a sentir maior coordenação nos esforços em fazer avançar a luta contra-revolucionária em Angola. Foram realizadas, então, acções mais agressivas não só por parte das forças racistas como também dos bandos fantoches.

"Sentiu-se, igualmente, o incremento das acções ao longo dos caminhos-de-ferro de Benguela, as sabotagens contra centros económicos importantes,



"Ngongo": denúncia dos planos de Pretória

o rapto de pacíficos cooperantes que aqui, connosco, apenas ajudam no desenvolvimento sócio-económico do nosso país. Estas e outras acções mostraram concretamente que, com o 'Intelligence Defense', as forças de defesa sul-africanas e os bandos fantoches da Unita tinham iniciado, de facto, um novo período nas agressões e na tentativa de destruição da revolução angolana.

"No ano passado, nós sentimos que os bandos da Unita introduzidos no nosso território tinham como missão principal o rapto de jovens angolanos, especialmente no campo, e o seu transporte para a Namíbia, para as bases racistas que se encontram ao longo da fronteira entre Angola e a Namíbia, ilegalmente ocupada pelas forças sul-africanas. É o caso da base de Dodge City, da base Omega, de Katma Mulilo (uma base aérea onde também se faz o treino dos bandos fantoches).

"Estes jovens angolanos raptados foram levados no ano passado para esses campos de treino e este ano começaram a ser introduzidos à força ao longo da fronteira entre Angola e a Zâmbia em direcção ao sul da província do Moxico."





horas da manhã, um violento bombardeamento em que participaram quatro jactos tipo **Camberra** e quatro **Impala** (MK-2). Tropas aerotransportadas e blindados **Panhard** foram lançados na área depois de a aviação ter destruído totalmente a cidade.

Quando estivemos em Luanda, no mês passado, as **Fapla** ocupavam regiões próximas de Cangamba e ali se encontravam entrincheiradas.

Em consequência da derrota, a direcção da Unita entrou em crise — e havia sintomas de grande desagregação entre os grupos de acção.

Essa ofensiva foi, como assinalámos, o início da terceira fase da guerra, e o facto de que tenha fracassado não impediu, ou até mesmo estimulou, a intensificação das operações de bombardeamento contra populações civis e objectivos económicos, a infiltração de grupos de sabotadores e o desembarque de comandos no interior do país.

O volume dos bombardeamentos contra pontes, escolas, hospitais, fábricas, caminhos de ferro e estradas, portos, pequenas vilas do interior, é espantoso.

A aviação sul-africana tem atacado plantações, com bombas incendiárias, usando, inclusive, desfolhantes químicos como no Vietname. O trânsito através de pequenas estradas secundárias tem sido permanentemente perturbado com ataques de metralhadoras, criando graves problemas ao fluxo da produção agrícola.

Essa política de "terra arrasada" é complementada com a infiltração de comandos terroristas a partir do Kuando-Cubango e de grupos que são desembarcados de aviões e helicópteros no interior do país.

Assinale-se que Angola tem uma parte do seu território escassamente habitado, por onde é mais fácil

a infiltração inimiga. A captura desses grupos é certa, mas exige a mobilização de reforços especiais, o que leva o seu tempo.

Foram localizados no interior de Angola seis grupos sul-africanos nas províncias de Huambo, Bié, Moxico, Malange, Kwanza Norte e Benguela. Os grupos aerotransportados são lançados, em geral, por aviões que voam pelas rotas internacionais, dificultando a sua percepção pelos **Migs** angolanos. Poderia ocorrer como com o avião sul-coreano, que apesar de estar nitidamente numa missão de espionagem, usava uma rota civil.

Nos últimos cem dias, as **Fapla** e as forças auxiliares têm obtido grandes êxitos na captura e destruição de bandos terroristas. Alguns deles foram surpreendidos quando estavam a colocar cartuchos de dinamite em pontes rodo-ferroviárias vitais à economia do país.

E por que razão demoraram os angolanos a enfrentar essa nova situação? É simples. O perigo maior sobre Angola provém das forças armadas regulares da África do Sul. Angola construiu um exército reconhecidamente eficaz, modernamente treinado e armado para enfrentar os sul-africanos em batalhas convencionais. Mas, paradoxalmente, um dos movimentos populares que mais conhece a teoria e a prática da guerrilha na África não estava adequadamente preparado para este tipo de guerra. E agora está.

Outro factor do êxito é de natureza política. A relação do guerrilheiro-povo é a mesma do peixe-água. Mao Tsé-Tung, Ho Chi Minh, Tito e "Che" Guevara conheceram bem estas regras e aplicaram-nas com maior ou menos êxito: O governo do MPLA beneficia largamente da vantagem de ter o povo ao seu lado, ao passo que os bandos terroristas são vi-



giados nas selvas por milhares de olhos ou perscrutados por muitos ouvidos, que são o imenso sistema de radar das forças armadas angolanas.

### O "perigoso" modelo socialista

Como acentuámos de início, essa política de destruição maciça não é casual. Faz parte do projecto geo-económico de Pretória (e do sistema transnacional que domina a economia da Namíbia e também a da África do Sul).

Nenhum estado-maior joga apenas com uma só hipótese e os sul-africanos não devem fugir a essa regra. Por mais sectários que sejam, eles já não podem duvidar que a ocupação de Angola não será possível com um simples passeio militar e que uma guerra total poderá ter consequências regionais imprevisíveis e graves desdobramentos no plano internacional. O governo de Pretória não pode, assim, deixar de considerar a hipótese de que a Namíbia conquiste a sua independência e que novos factores possam abrir caminho a uma paz verdadeira na região.

E daí? Um país como Angola, com excepcionais condições para fazer avançar um projecto socialista, poderá converter-se em um extraordinário polo de desenvolvimento não apenas económico, mas sobretudo político, transformando-se numa experiência exemplar para a África.

Para os racistas, esta é uma perspectiva mortal. Com uma população negra de 20 milhões, inquieta e

ganhando cada dia mais consciência política, os quatro milhões de brancos temem o impacto ideológico do exemplo de Angola, perigoso para o expansionismo sul-africano e o *apartheid*.

Mas como não está nas suas mãos o controlo de todos os factores políticos, diplomáticos, económicos e militares que incidem no complexo quadro da África Austral, e por não ter, por consequência, segurança quanto ao futuro, é que a África do Sul está a tentar destruir bases materiais importantes para o êxito da experiência socialista angolana. Os estrategos de Pretória consideram que, se não podem vergar militarmente Angola, pelo menos através de ataques brutais, de bombardeamento e sabotagens, podem transformar o país num verdadeiro caos, capaz de resultar na desestabilização do governo socialista de hoje, ou torná-lo inviável amanhã.

Este é um quadro que reflecte, aproximadamente, o plano sul-africano, mas que faz ressaltar de maneira muito nítida e indiscutível o papel histórico que Angola, no Atlântico, e Moçambique, no Índico, estão desempenhando na vanguarda de uma confrontação que transcende as suas fronteiras e se insere no processo histórico como uma contribuição de primeira grandeza à luta dos povos pela liberdade, pela democracia e pelo socialismo. "A revolução socialista em Angola será o fim do *apartheid*", disse recentemente aos jornalistas em Luanda o tenente-coronel Ngongo, chefe-adjunto do estado-maior geral das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola. □



**Ferbritas Empreendimentos Industriais e Comerciais**

## VIMOS EXECUTANDO NO PAÍS E NO ESTRANGEIRO

- Assistência Técnica a Material Ferroviário
- Projectos e Construções no Sector de Transportes
- Construção e Renovação de Vias Férreas
- Montagem e Exploração de Pedreiras

Sede — Av.ª da Liberdade, 227-7.º 1200 LISBOA — PORTUGAL  
Telef. 53 53 63/4 Telex 43568 FERBRI P





## EMPRESA INDUSTRIAL METALÚRGICA RAMOA, LDA.

**Fábrica de acessórios para redes eléctricas BT e MT  
e aparelhos de iluminação pública.**

*Accessoires pour reseaux electriques BT et MT  
et lampadaires pour eclaireage public.*

*Accessories for copper and aluminium LT and MT cables  
(insulated and non insulated) and luminaires for external lighting.*

**ACESSÓRIOS EM LATÃO (ligadores, suportes de barramento, buçins, uniões, concêntricos) • ACESSÓRIOS BIMETÁLICOS (ligadores, uniões, terminais) • ACESSÓRIOS DE ALUMÍNIO (ligadores, uniões, terminais sectoriais) • APARELHOS DE ILUMINAÇÃO PÚBLICA RURAL E URBANA • FERRAGENS • CAIXAS EM CHAPA E ALUMÍNIO FUNDIDO • ACESSÓRIOS DE SUBESTAÇÃO**

*ACCESSOIRES EN LAITON (raccords à griffe, connecteurs, matériel pour jeux de barres, manchons de jonction, matériel à serrage concentrique) • ACCESSOIRES BIMÉTALIQUES ALU-CUIVRE (raccords, manchons, cosses) • ACCESSOIRES EN ALUMINIUM (raccords, manchons, cosses angulaires) • LAMPADAIRES D'ECLAIRAGE PUBLIC • FERRURES POUR ISOLATEURS RIGIDES ET AUTRES FIXATIONS • BOÎTES DE DERIVATION • ACCESSOIRES DE SOUS-STATION*

**BRASS ACCESSORIES (connectors, bus supports for bars, fittings, joints) • ALUMINIUM/COPPER ACCESSORIES (connectors, two-way connectors and terminals) • ALUMINIUM ACCESSORIES (connectors, joints, straight terminals) • EXTERNAL LIGHTING LUMINAIRES • PIN-INSULATOR FITTINGS • CONNECTING BOXES • SUBSTATION ACCESSORIES**

**FÁBRICA:** Rua D. Pedro V  
**USINE:** 4700 BRAGA  
**FACTORY:** PORTUGAL  
TELEPHONE: 22568  
TELEX: 32114 RAMOA P

**DEPARTAMENTO DE EXPORTAÇÃO:** Av. General Roçadas, 93-B  
**DEPARTEMENT D'EXPORTATION:** 1100 LISBOA  
**EXPORT DEPARTMENT:** PORTUGAL  
TELEPHONE: 827344/849539  
TELEX: 42428 AUOCO P





# O Preço da Liberdade

A agressão sul-africana e as sabotagens da UNITA impõem ao povo angolano permanentes sacrifícios e uma determinação: vencer

**R**EVER a terra vermelha de Angola causou-nos tanto impacto como da primeira vez, naquele já distante mês de Junho de 1975, quando fizemos uma escala em Luanda na rota para Moçambique, onde iríamos assistir à festa da independência. No Uruguai, a terra vermelha é algo tão exótico que até mereceu uma música, popularizada nos anos 60 pelos *Los Olimareños*, uma destacada dupla de folcloristas. E em nenhuma parte a vimos com a agressividade que ela tem em Luanda e arredores, onde as vastas extensões de um vermelho vibrante parecem antecipar a dor deste país agredido.

Mas o tempo não passou em vão, e, apesar dos ataques permanentes, as mudanças são visíveis no próprio aeroporto "4 de Fevereiro", assim baptizado em homenagem à data em que foi atacada a prisão portuguesa de São Paulo por combatentes do MPLA, para libertar presos políticos.

Muitos angolanos, na sua maioria jovens, voltavam das suas férias ou de algum período de estudos no exterior. Constatámos que o que os angolanos mais gostariam de comprar no exterior são as valiosas aparelhagens de som, facto que mostra até que ponto esse povo tem o ritmo no sangue e no coração. "Economizei em tudo, até na comida, para juntar o dinheiro para comprar meu aparelho", havia-nos comentado um dos jovens durante o embarque, no Rio de Janeiro.

A barulhenta algazarra dos angolanos recém-chegados dava ao aeroporto um ar muito diferente daquele de 1975, quando o êxodo maciço de colonos portugueses que fugiam da guerra o havia transformado numa espécie de hotel-dormitório, com gente dormindo amontoados nos corredores; quando famílias inteiras carregando praticamente as casas às costas, procuravam desesperadamente um lugar na ponte-aérea que várias nações do mundo haviam estabe-

lecido entre Luanda e Lisboa.

Diferente, também, estava a estrutura organizativa do sector de imigração, onde funcionários melhor treinados lidam agora com naturalidade com fichas de embarque e desembarque, vistos e passaportes. Nas nossas últimas visitas, em 1977 e 78 — anos em que Angola e Moçambique eram verdadeiras escolas de formação de quadros em todos os campos da actividade humana —, os jovens destacados para trabalhar no aeroporto internacional sofriam com uma legislação migratória que não conheciam em toda a sua complexidade. Tínhamos conversado naquela ocasião com uma jovem cujas dificuldades em cumprir o seu trabalho eram visíveis. "Antes da independência o povo angolano não tinha acesso sequer a bilhete de identidade. De um dia para o outro o nosso governo e o nosso partido tiveram que destacar quadros para todas as partes. Aqui, temos que conhecer e cumprir a legislação internacional e, além disso, tratar com pessoas acostumadas a viajar e encontrar sempre tudo resolvido com a máxima eficácia", tinha-nos comentado. "E o aeroporto é a nossa janela para o mundo, não podemos pará-lo para estudar".

Os bairros próximos ao aeroporto mantêm a mesma pacífica fisionomia. A praça com os dois tanques como monumento, simbolizando — segundo nos explicaram — "a homenagem aos blindados, verdadeiros heróis, que possibilitaram a nossa vitória sobre as tropas invasoras", trouxe-nos lembranças da guerra conhecida aqui como a "segunda guerra de libertação". O pensamento levou-nos àquela conferência de imprensa a que havíamos assistido em fins de 1975, na qual um oficial de nome Antoine, do 2.º Batalhão Blindado do exército zaireense, feito prisioneiro pelas Fapla (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola), confirmava a invasão de Angola por colunas de tanques do seu país. No



## Um novo papel para as línguas nacionais

**D**URANTE a época colonial as línguas nacionais angolanas ficaram marginalizadas e restritas na sua função. O não reconhecimento da diversidade linguística do país criou distorções e privou vastas camadas da população do acesso à educação. Agora também as coisas mudaram neste campo. O governo angolano está empenhado em colocar as línguas nacionais em pé de igualdade com o português. À medida que o estudo das línguas permitir, vai ser definida a política a ser instrumentalizada para as utilizar na alfabetização, em publicações e nos meios de comunicação social.

Com o objectivo de estudar cientificamente estas línguas nacionais foi criado, em 1978, o Instituto Nacional de Línguas, constituindo uma dependência da Secretaria de Estado da Cultura.

Até à criação do Instituto, o único estudo existente sobre as línguas nacionais foi o realizado por missionários de diferentes nacionalidades que necessitavam desenvolver os seus conhecimentos nessas línguas para a sua tarefa evangelizadora.

Como as línguas nacionais faladas em Angola são muitas, o Instituto optou por começar a trabalhar com seis delas, escolhidas em função dos grupos étnicos do país. São elas: o *kikoongo* (falada igualmente no Zaire, Congo e Gabão); o *kinbundu*; o *cokuie* também falada no Zaire e Zâmbia); o *mbunda* (também falada na Zâmbia); o *umbundo* (região centro-sul de Angola); e o *kwanyama* (falada no Sul de Angola e na Namíbia).

"Não existia qualquer material escrito", assinala o prof. Cristóforo Mwaulange, director do Instituto. "Tivemos que ir recolher dados a partir de contos e narrativas históricas, lendas e conversações, acrescenta um colaborador do director, o prof. António Pascoal Manuel Inácio. Jovens e velhos camponeses, possuindo um vocabulário totalmente diferente de outras populações, foram os encarregados de fornecer todos os elementos para as pesquisas, nas diferentes regiões do país. Cada grupo de pesquisadores trabalhou com um gravador (cedido pelas Nações Unidas que ajudou o projecto financeiramente e também com assessoramento técnico), fazendo a recolha do material a partir da base. "Com este material já recolhido, aqui no Instituto fizemos a escuta e a transcrição", destaca o prof. Mwaulange.

Assim se procedeu ao estudo fonético, para elaborar os respectivos alfabetos.

Mas para essa tarefa era necessário um amplo conhecimento de cada uma das línguas; fazer comparações, consultar experiências anteriores de outros países, em processos semelhantes. Finalmente, realizou-se um Colóquio sobre as Línguas Nacionais, para chegar a algumas conclusões. Todos estes anos desde a criação do Instituto, em 78, até

B. BISSIO



O alfabeto da língua mbunda, proposto pelo Instituto

hoje, foram dedicados a estas duas tarefas: compilação e pesquisa. Agora estão a ser dados os passos necessários para se poder chegar à proposta de oficialização dos alfabetos das seis línguas estudadas.

### O uso na alfabetização

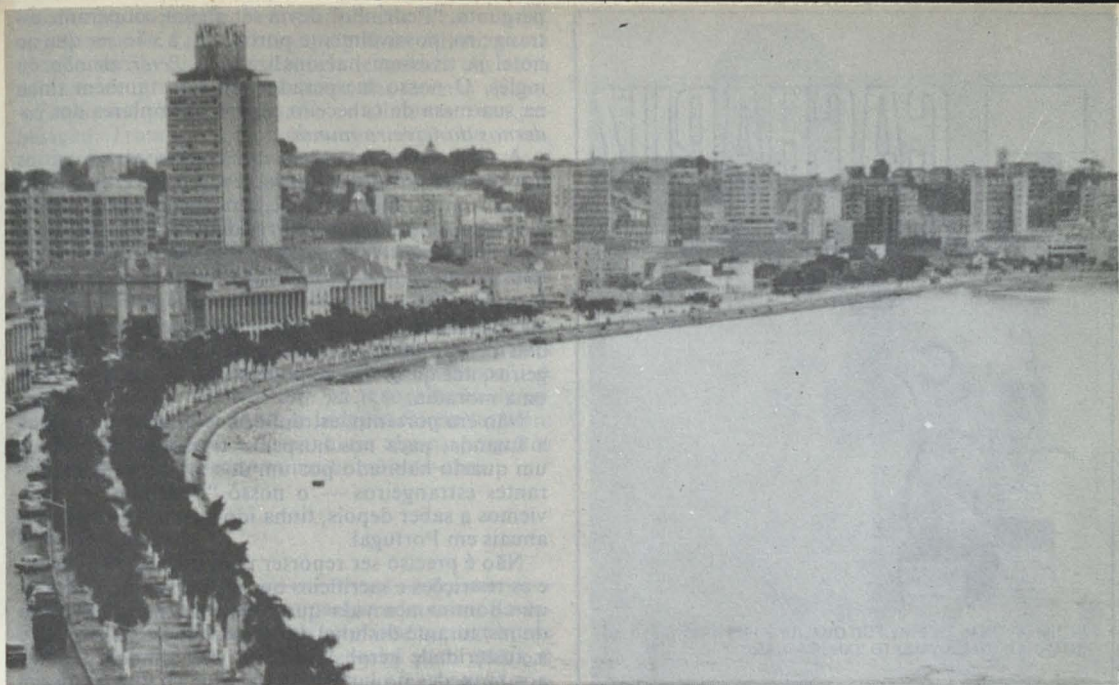
O Centro Nacional de Alfabetização desenvolve um intenso trabalho em língua portuguesa. Mas quando sai das áreas urbanas para o campo defronta-se com populações cuja língua materna não é o português. "Cientificamente está demonstrado que não se pode alfabetizar numa língua estranha. Daí a grande necessidade de oficializar os alfabetos elaborados pelo Instituto Nacional de Línguas. Poderá iniciar-se então o processo de alfabetização nas línguas nacionais", assinala o director do Instituto.

Já foi elaborado um pré-projecto nesse sentido, que irá ser submetido ao governo. O trabalho do Instituto não acaba, porém, com a oficialização dos respectivos alfabetos. Torna-se agora necessário elaborar materiais de leitura para as pessoas recém-alfabetizadas, que necessitam treinar os seus conhecimentos da língua através de leituras.

Uma vez elaborados os alfabetos, a direcção do Instituto deslocou-se a vários países vizinhos de Anhola, para conferir com os seus especialistas as conclusões a que se tinha chegado em relação às diferentes línguas.

Todos os resultados obtidos em Luanda em relação a determinada língua foram comparados com os que foram levantados noutros países onde as mesmas línguas nacionais são faladas, e nas propostas de alfabeto para cada uma delas foram incorporadas todas as sugestões recebidas neste intercâmbio de experiências.





Luanda: "É aqui que desembarcam os visitantes e a sua primeira impressão sera decisiva"

mundo inteiro as agências de notícias faziam ainda circular a informação mentirosa de que aqueles blindados eram das forças "angolanas" de Holden Roberto, líder da FNLA.

As divergências entre Angola e Zaire foram atenuadas em 1979, graças a um acordo habilmente negociado pelo presidente Agostinho Neto. Desde então os dois países conviveram pacificamente. Mas, nesta viagem, encontramos novamente preocupações com a atitude do governo de Kinshasa. "Estão-se a preparar para fazer de novo sabotagens, voltarem a actuar a partir do Zaire, em caso de se concretizar a independência da Namíbia", comentou um alto funcionário.

Na entrevista que mantivemos com o comissário-adjunto de Luanda, Alberto de Almeida, soubemos que nesses bairros periféricos do aeroporto terá início uma experiência piloto de limpeza da cidade através de trabalho voluntário. "É aí que desembarcam os nossos visitantes e a primeira impressão que tiverem de Luanda será decisiva", justificava o dirigente.

Tem razão. Para os que chegam das enganosas sociedades de consumo, onde brilham os letreiros luminosos, as praças têm sempre a relva verdinha e aparada e os edifícios ostentam luxuosas fachadas. A cara sem maquiagem de Luanda não dissimula as marcas da guerra.

Em Caracas, Rio de Janeiro ou México há muitas áreas carentes, bairros inteiros onde falta tudo e as construções são tão precárias como as condições de vida da população. Mas estão camuflados. Na cidade do México, convenientes muros protectores foram levantados para que os olhares desprevenidos dos tu-

ristas não se chocassem com a miséria das colónias proletárias próximas ao aeroporto. Mas os muros não amenizam os sofrimentos daquelas populações. É a "política do avestruz".

Em Angola, não. As dificuldades que *toda* a população atravessa (porque não há significativas diferenças sociais) aparecem sem disfarces farisaicos. Não pode haver dinheiro para manter os jardins verdes enquanto faltam para as necessidades prioritárias.

O dramático é que esses *kwanzas* (moeda local) que não podem ser destinados a embelezar a capital, muitas vezes — na maioria das vezes — não podem tão pouco ser canalizados para a reconstrução nacional, com a qual sonharam os dirigentes históricos, quando tomaram o poder em 1975. Vão para o orçamento de guerra.

### O quarto de Pedrinho

"São vocês que vão ocupar o quarto de Pedrinho?", perguntou uma das empregadas do Hotel Turismo, quando subíamos para o quarto pela primeira vez. "Não", respondi, sem entender bem a que se referia.

A habitação era ampla, com ante-sala e terraço. Mas, devido aos livros que havia nas estantes, às caixas de papelão cheias de pertences pessoais por todos os cantos, à roupa pendurada no armário e até a escova de dentes na casa-de-banho, mais parecia que estávamos entrando como intrusos num quarto de uma casa de família, do que a receber o quarto impessoal e vazio que esperávamos encontrar num qualquer hotel.

Foi então que compreendemos o sentido daquela





# CACHAPUZ

1928 • MAIS DE MEIO SÉCULO DE EXPERIÊNCIA DE FABRICO • 1983



«INTERNATIONAL TROPHY FOR QUALITY», 1979-1980-1981-1982  
«INTERNATIONAL AWARD TO EXPORT», 1982

O MAIOR FABRICANTE E EXPORTADOR PORTUGUÊS DE  
**EQUIPAMENTOS PARA PESAGEM**

BÁSCULAS E BALANÇAS DE  
TODOS OS TIPOS PARA



- **INDÚSTRIA**
- **AGRICULTURA**
- **PECUÁRIA**
- **PESCAS**
- **COMÉRCIO**
- **MINAS**
- **TRANSPORTES**

EXPORTADOR PARA

- **CUBA**
- **ANGOLA**
- **MOÇAMBIQUE**
- **MARROCOS**

**JOSÉ DUARTE RODRIGUES, LDA.**  
TELEF. 73604/73606 - TELEX 32125 CAXPUZ P  
APARTADO 12 - 4701 BRAGA CODEX - PORTUGAL

pergunta. "Pedrinho" devia ser algum cooperante estrangeiro, possivelmente português, a não ser que no hotel já tivessem nacionalizado o Peter alemão ou inglês. O nosso inesperado anfitrião também tinha na sua mesa de cabeceira alguns exemplares dos *cadernos do terceiro mundo*.

A situação precária em que se encontram vários dos mais importantes hotéis, levou o governo a abrir concorrência internacional para recuperá-los, como é o caso do belo hotel "Presidente", que domina a baía de Luanda. Mas, aqueles que estão funcionando não são suficientes para abrigar todos os estrangeiros que pelos mais variados motivos chegam a Angola, os angolanos do interior que têm que passar alguns dias na capital e os numerosos cooperantes estrangeiros, aos quais não se pode arranjar imediatamente uma moradia.

Não era portanto, estranho, que quando chegámos a Luanda, para nos hospedar tivessem que utilizar um quarto habitado por um dos milhares de cooperantes estrangeiros — o nosso "Pedrinho" — que, viemos a saber depois, tinha ido passar as suas férias anuais em Portugal.

Não é preciso ser repórter para sentir que a guerra e as restrições e sacrifícios que ela impõe são os temas que dominam a vida quotidiana do país. Na porta do restaurante do hotel, uma nota da gerência reflecte a austeridade geral: "Só se servirá almoço e jantar aos hóspedes do hotel, estrangeiros ou angolanos em trânsito". No hotel, os pratos são fixos, embora sempre abundantes, com frutas e verduras de safra e com carne boa, o que é um privilégio.

O problema da alimentação é um dos mais complexos. Por um lado, as contínuas operações de sabotagem económica que os sul-africanos realizam nas várias províncias do país, afectam a colheita e a sua distribuição, provocando situações dramáticas. Se, com sacrifício, conseguem excelentes safras (como aconteceu este ano com o tomate), em muitas zonas não há forma de levar o produto até à mesa do consumidor. E a colheita perde-se, pelo menos parcialmente.

É isto que os sul-africanos querem: dificultar o abastecimento das zonas urbanas e desestimular a produção, para gerar descontentamento na população, castigada por longos anos de privações.

Outra das razões das dificuldades no abastecimento de Luanda é o crescimento exagerado da capital nos últimos anos. E essa também é uma consequência da guerra. Em 1975, a cidade tinha uns 400 mil habitantes. Actualmente, calcula-se que a sua população ronda 1,2 milhão de pessoas. (O primeiro censo estava a ser preparado durante a nossa estadia.) "Não há nada que chegue", diz-nos o ministro do Planeamento Lopo do Nascimento.

As populações camponesas das zonas ocupadas pelos sul-africanos ou das áreas de operação dos seus comandos, emigram nas mais precárias condições, deixando para trás famílias dizimadas pelos ataques inimigos, casas e campos destruídos.

A expansão da capital é visível ao chegar-se de avião. Os novos bairros, extensas áreas com casas modestas mas bem construídas (sem nenhuma semelhança com as favelas em que, na América Latina, se



amontoam as populações expulsas das áreas rurais), transformaram Luanda em uma grande cidade, plana e vasta, muito diferente daquela levantada em volta da baía, de que nos lembrávamos das últimas visitas.

E não se trata só do desafio de alimentar essa população. Trata-se de planejar a construção de casas, assegurar escolas para as crianças, estender os serviços sanitários e de saúde pública, a rede de luz eléctrica e até a oferta de emprego.

"Emprego não falta", dizia-nos o comissário de Luanda. Curiosamente, o maior problema dos nossos países, onde a população camponesa expulsa para as cidades não tem perspectiva de encontrar trabalho, não existe em Angola. "Temos mais oferta de empregos do que procura, e às vezes passamos semanas sem encontrar a mão-de-obra que precisamos". A explicação do fenómeno está na recuperação de indústrias paralisadas desde a independência, e, além disso, o Estado está a desenvolver alguns projectos importantes que absorvem muita mão-de-obra.

### Roberto Carlos e o capitão Kloss

A televisão angolana — inaugurada antes da independência — transmite actualmente quatro horas diárias, além de um horário especial para crianças nos domingos de manhã. Nestes tempos de guerra, a televisão e a rádio novamente são chamadas a cumprir um papel importante na mobilização e informação populares e na organização da defesa. Nos dias em que permanecemos em Luanda pudemos constatar o esforço que está sendo realizado nesse sentido. A rádio está a formar locutores em todas as línguas nacionais, a ampliar a programação nos diversos idiomas bem como a sua penetração em todas as áreas do país. E a televisão esforça-se em superar-se. Assistimos à exibição de um impressionante documentário com testemunhos de refugiados da província de Kuando-Cubango, principalmente de mulheres e crianças, relatando as atrocidades cometidas pelos sul-africanos.

Ouvimos Martinho da Vila, Roberto Carlos, João do Vale, Chico Buarque, Clara Nunes e outros cantores brasileiros, os preferidos depois dos próprios artistas angolanos.

Assistimos também a uma curiosa sondagem de opinião, realizada nos salões de beleza, com homens e mulheres. "A mulher angolana deve manter a tradição do penteado africano?", perguntava a jornalista. As opiniões dividiam-se, com predomínio para os modelos nacionais africanos.

Foi interessante constatar que o ídolo mais popular entre os telespectadores angolanos não é nenhuma personagem sem moral nem princípios, típicos nos países em que a televisão é um instrumento de lucro. O "Capitão Kloss" que monopoliza todas as noites as atenções dos angolanos, é um agente da resistência infiltrado nas fileiras do exército de Hitler, durante a Segunda Guerra Mundial. Ele arrisca a sua vida na defesa de uma causa patriótica, o que tem uma grande repercussão num país em guerra como Angola.

B. Bissio



Rui Monteiro no colóquio sobre a poesia de Agostinho Neto

Numa entrevista a estudantes, quase todos afirmaram que a sua principal responsabilidade na etapa actual era, além de estudar, "estar prontos para vestir o uniforme e defender a pátria". "Para cada um de nós que está aqui em Luanda estudando — declarou uma universitária — há um outro jovem na frente de combate. Estamos orgulhosos deles".

Se ainda tivéssemos alguma dúvida de que é alto o preço que se está a pagar para conter os sul-africanos e enfrentar os sabotadores, bastou uma visita ao Hospital Militar de Luanda. Conversámos com muitos feridos, jovens combatentes chegados da linha da frente. Média de idade: 18 a 25 anos. Muitos deles estavam mutilados, vítimas de minas, bombardeamentos, emboscadas. Seu testemunho foi patético (ver Quadro). Eram salas e salas cheias, num hospital construído pelos portugueses que se tornou pequeno para as necessidades actuais do exército angolano, as Fapla.

### "Isso da igualdade..."

As mudanças de mentalidade das gerações jovens não se reduz à sua consciência em relação às exigências de guerra. Perguntámos ao nosso acompanhante





Um aspecto da cidade de Luanda

Ferrão, um jovem quadro do MPLA, se tinha descansado no domingo. Ele tivera uma semana de intenso trabalho, durante a qual nos acompanhara todos os dias e até muito tarde nas nossas actividades profissionais, depois de uma reunião no sábado do seu comité do MPLA-PT, na qual tinham ficado discutindo durante toda a noite como se organizar para a auto-defesa, nesta conjuntura de recrudescimento das operações de guerra. “Descansar como? Agora com essa história de igualdade, temos que ajudar a *patroa* aos domingos”, respondeu-nos. E começou a explicar a multiplicidade de tarefas que tinha desempenhado na sua casa, para ajudar a esposa com o bebé e a limpeza.

Destes exemplo, não podemos deduzir que todos os jovens angolanos já estão com esse nível de consciência. Também tivemos oportunidade de conversar com rapazes decepcionados porque alguns dos seus colegas de estudo só pensavam em se formar para conseguir o diploma — visto como um símbolo de *status* — e ir embora do país. “Herança do colonialismo”, comentaram. Queixavam-se também da falta de canais para discutir alguns temas que inquietam os jovens, e, nesse sentido, assinalavam que eles gostariam de encontrar na Juventude do MPLA uma instância activa e dinâmica, capaz de dar resposta a essas inquietações.

Quando tivemos a entrevista com Lúcio Lara (dirigente que mantém com os anos, a coerência ideológica, a atitude humilde e o mesmo calor humano que tanto nos impressionaram quando o conhecemos ao entrevistarmos o presidente Neto em Fundungo de Belas, em Setembro de 1975) sentimos que a direcção do MPLA tem consciência da necessidade de ampliar a base política do Partido e de dinamizar as estruturas dos bairros e as organizações de massa. (ver matéria nesta edição.)

A autocrítica não vem só da direcção do MPLA-Partido do Trabalho. Ouvimos numerosos comentários, no mesmo sentido, de quadros intermédios. “Cometemos um erro de esquerdismo. Acreditávamos que íamos começar a construir um país com tranquilidade, com a África do Sul bem quietinha dentro das suas fronteiras e os inimigos internos bem neutralizados. Formámos um partido de quadros e esquecemo-nos das massas, que ficaram desmobiliza-

das”. “Quantos companheiros meus de clandestinidade estão hoje fora do partido. (...) Agora reflectimos e os pronunciamentos são claros: seremos um partido de massas”, comentou-nos um jovem dirigente de nível médio.

Essa reflexão e autocrítica é uma das consequências da guerra. Se por um lado as agressões permanentes têm um custo elevado em vidas humanas e recursos, por outro, estão levando o MPLA a reformar algumas das práticas da época da luta de libertação, implantando-se com mais força na população.

Apesar das dificuldades quotidianas e até de alguns erros cometidos — e reconhecidos — não se sente desgaste do governo como se poderia esperar — e que sem dúvida ocorreria depois de quase 20 anos de guerra e os oito árduos de independência — em qualquer outro país onde o regime não estivesse solidamente enraizado nas massas. Em Angola podem-se escutar opiniões críticas. Mas nos comentários o que transparece é que se procura ajudar a detectar os problemas para superá-los, porque ninguém duvida que uma outra alternativa que não o MPLA seria o regresso da opressão, a implantação dos racistas, o neocolonialismo.

O povo sabe o que já conquistou. Não há mais ninguém maltrapilho nem descalço, enquanto que há oito anos atrás, eram poucos os que conheciam sapatos.

O Estado assegura a toda a família uma casa, assistência médica e educação gratuita, além de transporte barato. Antes a população negra ia à “cidade de asfalto” só para trabalhar na casa dos colonos brancos em troca de salários miseráveis. Era difícil andar de noite em Luanda, por causa dos altos índices de delinquência. A cidade estava cheia de lojas sofisticadas mas a esmagadora maioria dos angolanos não tinha acesso ao mercado de consumo.

A população não sabia ler. Hoje, é altíssimo o número de pessoas que circula com o “Jornal de Angola” nas mãos, e são muitos os que fazem fila na porta do jornal, para comprá-lo logo que sai. A quantidade de livrarias que há em Luanda — e sempre cheias — provocaria inveja em qualquer distribuidor de livros em outras capitais, onde o preço dos livros os torna acessíveis às elites sofisticadas.

Apesar da guerra, a vida continua. E com ela as



actividades culturais, que em Luanda sempre foram surpreendentemente ricas, inclusive nos piores anos, quando a "segunda guerra de libertação" era travada com duelos de artilharia de um lado para o outro da rua.

### Poesia para os quartéis

Enquanto estávamos em Luanda foi realizado o "Colóquio sobre a poesia de Agostinho Neto", na Associação dos Escritores Angolanos, um edifício próximo à TV e à sede do MPLA. Apesar das dificuldades de transporte (o lugar não é de fácil acesso, e menos ainda de noite), o colóquio — que tinha começado em comemoração do aniversário do presidente Agostinho Neto e que naquela noite realizava a sua terceira sessão — teve uma audiência numerosa, de jovens e adultos, estudantes, jornalistas, poetas e dirigentes do MPLA.

O poeta Manuel Rui Monteiro, um dos mais destacados intelectuais angolanos, com obras traduzidas em vários idiomas, deu início à nova sessão de debates.

Foi uma experiência muito emocionante escutar aqueles angolanos com formação e experiência tão diferentes, analisar e estudar a poesia do saudoso presidente, o Guia Imortal, como carinhosamente é chamado Agostinho Neto pelos seus compatriotas.

Antes, haviam estado naquela mesma sala camponeses analfabetos e recém-alfabetizados, soldados

e jovens oficiais das Fapla, mulheres militantes e donas-de-casa, dando testemunho da mensagem que tinham absorvido da leitura (no caso dos analfabetos, da recitação) dos poemas de Neto. "A cada um, a poesia do saudoso presidente trazia lembranças diferentes, sempre marcadas pela sua experiência pessoal. Mas o mais significativo foi constatar que a mensagem revolucionária dos poemas era bem compreendida por todos, que ela tinha mais impacto naqueles que estavam mais ligados à problemática da guerra actual", comentava-nos Lúcio Lara, que participou activamente no colóquio.

Lara contou-nos que o havia impressionado muito a reivindicação de um jovem membro das Fapla, que exigia que mais poesia fosse levada aos quartéis. "Os poemas revolucionários do presidente Neto inspiram-nos e dão-nos mais forças para enfrentar o inimigo nas fronteiras", afirmou o jovem combatente.

Realmente a poesia de Neto está cheia de lições. Através do seu poético retrato da pátria colonizada, os adolescentes de hoje recebem lições sobre a época colonial que, na sua maioria, não conheceram, ou viveram apenas o seu final. A convicção de Neto na vitória certa do povo angolano sobre a opressão, serve hoje como um testemunho moral para os que estão a ser chamados a fazer novos sacrifícios pelo país.

Angola está a viver um momento de definições. O preço da liberdade está sendo alto, como o é para todos os povos do mundo. Mas Angola, apesar de tudo, está avançando. □



## SOCIEDADE DE APARELHOS DE PRECISÃO BRUNO JANZ (HERDEIROS), SARL

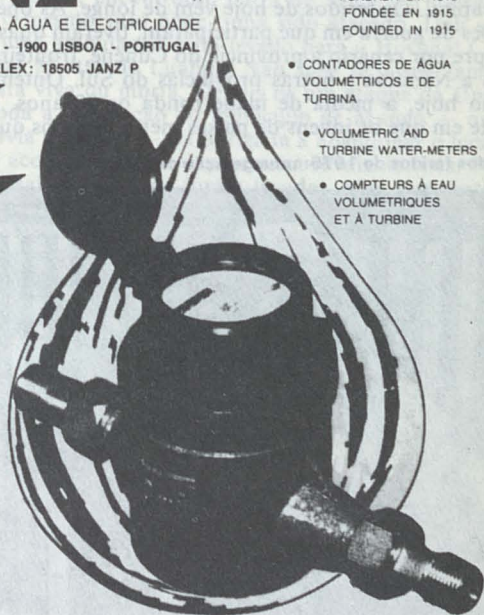
INDÚSTRIA NACIONAL DE CONTADORES PARA ÁGUA E ELECTRICIDADE  
AV. INFANTE D. HENRIQUE, LOTE A - (CABO RUIVO) - 1900 LISBOA - PORTUGAL  
TEL.: 381485 - 381867 - 383124 - TELEG.: ELCO - TELEX: 18505 JANZ P

FUNDADA EM 1915  
FONDÉE EN 1915  
FOUNDED IN 1915

- CONTADORES DE ÁGUA VOLUMÉTRICOS E DE TURBINA
- VOLUMETRIC AND TURBINE WATER-METERS
- COMPTEURS À EAU VOLUMÉTRIQUES ET À TURBINE



- CONTADORES ELÉCTRICOS MONOFÁSICOS E TRIFÁSICOS
- ELECTRICAL SINGLE-PHASE AND THREE-PHASE METERS
- COMPTEURS ÉLECTRIQUES MONOPHÁSÉS ET TRIPHÁSÉS





# Ontem como hoje, os mesmos jovens, feridos e mutilados



O Hospital Militar Central de Luanda é o local para onde convergem os feridos de todas as regiões, para receber assistência médica especializada. Os primeiros socorros são dados no próprio local, através de unidades médicas especiais. O hospital tem 450 camas, que acabam por ser insuficientes numa etapa de recrudescimento da guerra, como a actual. Todos os tipos de intervenções cirúrgicas são feitos no Hospital Militar, por médicos de várias nacionalidades, especialmente cubanos.

Só os casos que receberem prótese são encaminhados para o estrangeiro. Há uma enfermaria feminina, para atender familiares dos militares.

Visitámo-los em 1975 e 1983. Ambas as ocasiões, em plena guerra. Ontem como hoje, encontramos os mesmos jovens, mutilados, feridos, convalescentes, uma geração marcada pelos rigores do combate.

Os feridos de 1975 pediam para voltar em seguida para a frente de combate, que para alguns deles estava muito mais próxima de Luanda, a apenas 17 quilómetros, em Kifangondo, em Caxito, na periferia da capital. Os feridos de hoje vêm de longe. As operações de guerra em que participaram, tiveram quase sempre por cenário a província do Cunene, fronteira com a Namíbia e outras províncias do Sul. Ontem, como hoje, a média de idade ronda os 20 anos, a idade em que os jovens de países menos visados que

Um dos feridos de 1975: uma geração castigada



42 terceiro mundo.



Eduardo Kalenga (22 anos): perdeu as duas pernas

Angola pela cobiça internacional, escolhem o seu destino, organizam a sua vida, constróem o seu futuro. Estes jovens também estão a construir um futuro, o de toda uma nação.

Eduardo Kalenga, da província de Benguela, tem actualmente 22 anos. Entrou para o MPLA em 1974, como "pioneiro". O veículo em que ia buscar a ali-

Loreño dos Santos: sem notícias da família



mentação dos seus companheiros fez detonar uma mina, em Agosto passado. Hoje é primeiro-tenente. Perdeu as duas pernas. A mulher visitava-o. Ela via-

B. BISSIO

BBE1 ONENSL.170 ° n





**Kalisto Tenguenene: da engenharia para a frente de combate**

jou com ele para Luanda. Têm um filho de dois anos.

*Lorenzo dos Santos* tem 26 anos. É primeiro-tenente, originário da província do Cunene. Entrou para as Fapla, em 1975, e foi destacado para a própria província. Sofreu o seu acidente na 9.ª região militar de Malanje, num confronto com uma coluna da Unita. Caiu numa emboscada. A sua família vive no Cunene, na região ocupada pelos sul-africanos. É casado e tem três filhos, mas desde a invasão sul-africana que não tem qualquer notícia deles.

*Kalisto Tenguenene*, da província de Huambo, tem 26 anos. Estava em Cangamba desde 1981, onde combateu na resistência à invasão sul-africana de 2 de Agosto último. "Estávamos dentro da unidade, nas nossas posições", lembra. "O inimigo atacou-nos e houve mortos de ambos os lados". Actualmente, é sub-oficial. Entrou para as Fapla em 1978, e estava a

Os leitos são, por vezes, insuficientes



**Graciano tem 19 anos, mas há muito que estava na frente**

fazer o curso de engenharia, em Luanda, quando foi convocado para a frente de combate. Foi ferido durante o bombardeamento à sede do comando das Fapla. Recuou com os companheiros até uma mata próxima onde resistiu durante toda a noite. Foi recolhido por reforços das Fapla e levado para Luanda.

"*Kuima*" não nos deu o seu verdadeiro nome. Apenas se identificou pelo "nome de guerra". Pertence à 18.ª Brigada da província de Huambo. Estava em missão, indo de Benguela para o Bié. Caiu numa emboscada, na qual o motorista do veículo militar em que viajavam foi morto. Ferido, saltou do veículo. Tem 23 anos e é sargento. Entrou para as Fapla em 1979.

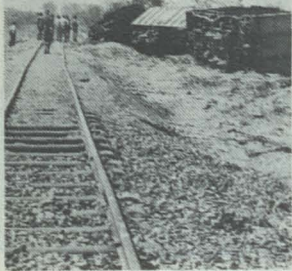
*Graciano Bongue*, 19 anos, é da província de Huambo. Estava em missão de reconhecimento quando sofreu uma emboscada do inimigo (um comando da Unita). Abriu fogo e resistiu até ficar sem munições. Saiu a correr e caiu. Ferido por uma bala no braço, ensanguentado, quando se aproximaram, ficou imóvel. Deram-no como morto e abandonaram-no. Passou um dia e uma noite, só, sem se poder mexer. Uma coluna das Fapla, que saiu de Huambo, encontrou-o em 3 de Setembro passado, no mesmo sítio onde tinha sido atacado. Dali saiu numa ambulância e foi levado para o Hospital Central Militar de Luanda. Não sabe se a sua família está viva ou morta. Depois de um ataque da Unita, toda a população do município de Mungo — onde vivia a família — foi obrigada a abandonar o local e a acompanhar a coluna contra-revolucionária. Não se sabe para onde foram levados, nem que destino tiveram.

No Hospital Militar já se fazem todo o tipo de operações





# Do Movimento ao Partido



O secretário de Organização do MPLA  
fala-nos sobre as novas orientações do Partido e  
analisa as consequências da guerra a nível popular

**L**UCIO Lara é uma figura destacada do MPLA, que ele ajudou a fundar. No seu gabinete na sede do MPLA — Partido do Trabalho, do qual é o Secretário da Organização, conversámos longamente com ele sobre as dificuldades que a guerra impõe novamente ao povo angolano e pedimos-lhe, fundamentalmente, que fizesse uma análise da situação actual do Partido, apresentando algumas hipóteses sobre o seu desenvolvimento futuro.

A franqueza e clareza com que ele expôs algumas das dificuldades que se enfrentam e as reflexões autocriticas em relação à concepção do Partido como estrutura rígida e fechada (concepção que, explicou-nos, está a sofrer hoje uma profunda revisão) fazem do seu depoimento uma valiosa peça para bem se entender a etapa actual do desenvolvimento político-ideológico da revolução angolana.

Eis as suas principais declarações:

— O Estado era ainda embrionário mas tinha já as suas exigências administrativas. O MPLA era, por sua vez, um movimento dirigente, mas faltavam-lhe definições concretas, princípios de base, para ser realmente o aparelho dirigente da nação. Toda essa amalgama de problemas políticos, económicos e sociais que o MPLA teve de enfrentar nos primeiros anos após a independência, levou-o a sentir, pouco a pouco, a necessidade de se transformar de movimento em Partido.

— A experiência do *maquis* (a luta armada) havia tido uma virtude: permitir-nos conhecer melhor o povo, as diferentes etnias da nossa população, bem como as diferenças de classe existentes. Mais importante talvez do que a vitória sobre o colonialismo português foi a lição do *maquis*, no sentido do interconhecimento do povo de Angola, de Cabinda ao Cunene. O convívio com o camponês educou grandemente o cidadão, sobretudo os estudantes, os intelectuais.

Foi essa grande virtude que nos faltou depois da



Lara: uma visão autocritica da evolução do Partido

independência, quando uma grande parte dos quadros se manteve, por razões óbvias, fora desse contexto e esqueceu até, por vezes, essa necessidade permanente de convivência entre a cidade e o campo. É nesse contexto que surgiu o Partido, por uma imperiosa necessidade — política, económica e social — de dirigir o processo através de um partido que aplicasse os princípios defendidos pelo MPLA. Não havia, porém, um perfeito amadurecimento interno e faltaram-nos conhecimentos sobre a forma como aplicar determinados princípios teóricos, num conjunto heterogéneo como era o MPLA. O Partido surgiu, no entanto, e imediatamente frutificou.

Temos dito, por várias vezes, que não houve propriamente uma transformação do MPLA em MPLA — Partido do Trabalho — foi uma transição. A história permitir-nos-á ver se a oportunidade foi a mais exacta, mas, por enquanto, parece-nos que sim.



— Por sua vez, o inimigo, a África do Sul, tinha desde o começo objectivos precisos em relação ao nosso país, ambicionando controlar toda a África Austral. Pretória tinha um agente, A!venter, que já naquela altura vinha a Luanda trabalhar com os oficiais portugueses para os convencer a pedirem a intervenção da África do Sul. Fizeram tudo para impedir o exército português de fazer aquilo que fez, ou seja, reconhecer que havia que pôr fim a essa guerra sem sentido.

— No fim da colonização portuguesa, a penetração técnica sul-africana em Angola era muito grande, a nível de maquinaria, por exemplo. E ainda hoje nos debatemos com esse problema. Há muitas fábricas que só poderão recomeçar a funcionar se se importarem peças da África do Sul!

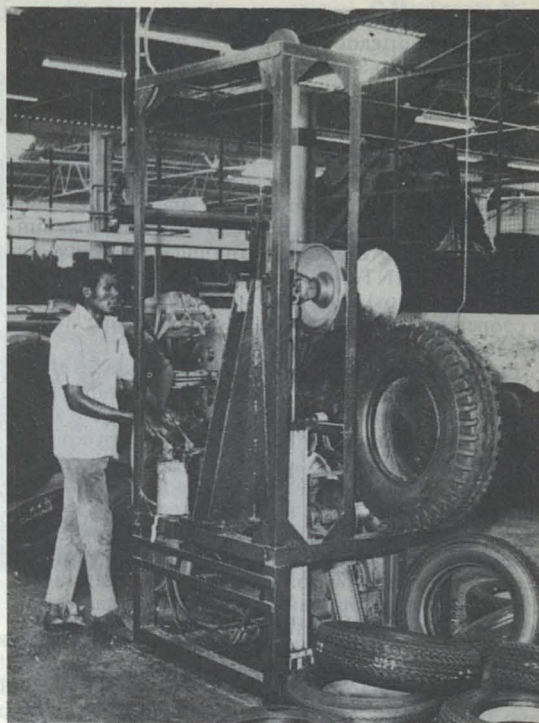
— O contexto foi sempre ameaçador para nós. Quando os sul-africanos se retiraram, em 1976, destruíram uma ponte de um quilómetro em Xangongo (provincia de Cunene). Reconstruímo-la com muito sacrifício, e isso foi um factor de grande dinamização da vida da provincia de Cunene. Ongiva, que era uma hipótese de cidade, começou a tornar-se uma cidadezinha. Com a independência, criámos lá um pólo de desenvolvimento. Pois bem, uma das primeiras preocupações dos sul-africanos, na invasão de 1981, foi destruir a ponte. Com que objectivo? É que eles travam em Angola uma guerra muito especial: uma guerra de destruição. A África do Sul quer arrasarnos do ponto de vista económico, para assegurar-se de que, mesmo que seja derrotada, mesmo que não consiga os seus objectivos de dominação directa, nós não possamos alcançar, durante muito tempo, a vitalidade económica que estávamos já a adquirir em 1980 e 1981. Agora estão já na fase de destruição de pequenas cidades. Utilizam explosivos e fazem ir pelos ares casas, escolas, depósitos, estações e abastecimentos de água. Arrasam tudo!

— É neste contexto que o partido nasce; um contexto de luta. E um partido como o nosso, com o avanço que tem que fazer, com o desafio que tem pela frente, tem de conhecer o país. Tem que fazer uma análise social da população para resolver determinado tipo de problemas. Essa é uma carência nossa: não só por falta de quadros, como também por falta de tempo, de disponibilidade.

Temos de atender simultaneamente à guerra, à produção, ao desenvolvimento mínimo da população e, muitas vezes, não há tempo para determinados estudos.

— Mas, mesmo assim, o Partido desenvolveu-se, utilizando algumas das reflexões e análises que fizemos ainda como movimento e apoiando-se na base social do movimento. Ainda hoje, não se vai a local algum deste país, mesmo à aldeia mais longínqua, sem que encontremos os pioneiros, a bandeira do MPLA, a OMA.<sup>(1)</sup> Se o MPLA é um partido marxista-leninista ou não, isso pouco importa. O que interessa é aqui o que o MPLA representa de esperança para o povo.

— Se o inimigo cria situações de instabilidade numa região durante algum tempo, quando a situação volta à normalidade, lá estão, de novo, os pioneiros em primeiro lugar, a cantar as suas canções. E as



A economia colonial angolana estava ligada à África do Sul

mulheres a ajudar a restabelecer a situação.

— O antigo MPLA, o Movimento, correspondia a uma determinada etapa da luta de libertação. Agora, para construir um país independente com definições socialistas, é necessário um Partido. É essa a etapa actual. Mas não é fácil passar-se de movimento a uma estrutura de partido. É esse o problema que estamos a procurar resolver.

— Vejamos um exemplo das dificuldades que se apresentam: no campo, no interior de Angola, ainda hoje encontramos Comitês de Acção. O Comité era uma estrutura que correspondia ao movimento. Em termos de estatuto de Partido, isso já acabou. O que existe é a célula do partido. Mas nem por isso o Comité deixou de existir.

O que nós propunhamos para o campo era o seguinte: os chefes dos antigos Comitês de Acção do MPLA passavam a ser militantes do Partido. Esses chefes eram, geralmente, a autoridade local — não a autoridade colonial, entenda-se. Eram, em geral, “os mais velhos”, os *shonas*, e nesse caso nós tínhamos toda a população connosco. Todos eram o MPLA.

— A proposta teórica de ligação do antigo movimento ao Partido, não foi bem equacionada. Estamos agora em vias de modificar as coisas. Porquê? Porque se passaram sete anos desde a fundação do Partido e o Comité, que tinha que ser substituído, não desapareceu. Ele era uma realidade. Hoje vamos lá e encontramos o “*camarada Comité*”, tal como ele é chamado pelo povo. Pois bem, o *camarada Comité*,



que hoje é militante do MPLA — Partido do Trabalho, está desnortado. Não percebe porque é que anteriormente todo aquele povo era MPLA e agora só ele é do Partido. Estatutariamente, o povo não entra no MPLA-PT. E é esse o problema que estamos hoje a resolver. Mas como?

A proposta teórica era esta: nós tínhamos uma forte organização de massas, de mulheres, de pioneiros, um embrião de organização sindical (que não era *sindical* na verdadeira acepção do termo, mas sim um instrumento de acção económica da época da guerrilha), a UNTA (União Nacional dos Trabalhadores Angolanos). No campo estávamos a incentivar a cooperativização. O povo poderia participar nessas instâncias.

O camponês aderiu muito rapidamente à ideia. Foram o Estado e o Partido que não tiveram capacidade de resposta adequada.

Veio a palavra de ordem “produção, produção, produção” e o povo produziu. Aconteceu que o tomate apodreceu, o feijão ficou furado, a mandioca não se apanhou, o café ainda hoje está lá e a gente não consegue ir buscá-lo porque não tem meios de transporte, porque a estrada está mal, porque não temos combustível ou porque não temos organização. Esses problemas obrigam-nos, hoje, a uma revisão que se resume a isto: estamos a fazer uma selecção daquelas cooperativas que manifestaram boa capacidade, concentrando nelas o apoio mínimo necessário que lhes podemos prestar.

— Não estamos a alargar mais a cooperativização porque não temos condições, por causa da guerra e pelas dificuldades de organização. Agora estamos a procurar criar um “centro de apoio” (o nome não está ainda definido), um centro polivalente, com tractores, com camiões, que terá cimento e adubos — naquelas áreas onde o nosso camponês já uti-

---

*“Desde o começo que a África do Sul  
tinha objectivos precisos em relação ao  
nosso país, ambicionando controlar  
toda a África Austral”*

---

liza e exige adubos —, o que é fundamental, que trará do abastecimento do camponês. Ele produziu e quer ter em troca a possibilidade de comprar um bom par de calças, das que ele gosta, ou um guarda-chuva, ou pilhas para o seu rádio, que não consegue. Isso, além de outros aspectos mais sérios, como a falta de sal. Temos uma costa extraordinária que produz sal, mas há fenómenos estranhos que fazem com que talvez na província de Bongo não se encontre sal. O camponês tem, na realidade, falta de sal.

— Esse “centro de apoio” estaria ligado à estrutura administrativa e seria orientado pelo Partido. Já possuímos, a nível de governo, a Direcção de Apoio às Cooperativas, mas ela não tem resultado porque a sensibilidade no aparelho governamental é diferente da do Partido. Muitas vezes, o mesmo quadro governamental, quando mandatado pelo Partido, tem outra sensibilidade. Temos o exemplo de Malanje.

Os quadros que estão a trabalhar no projecto piloto agrícola são do governo, mas agem segundo o pensamento do Partido. E então as coisas resultam.

— Quando analisámos a repercussões da criação do Partido, tivemos já em conta o facto de que a grande maioria da população — que era do MPLA — não entraria no Partido. A solução que projectámos foi, como disse, que eles passassem a participar através dos organismos de massa (OMA, UNTA) e das cooperativas (?). A nível teórico, a solução não parecia apresentar problemas. Mas, na prática, não funcionou.

Estamos a estudar outras alternativas, como uma flexibilização dos critérios para o ingresso no Partido. Quando éramos MPLA — Movimento, tínhamos três categorias de membros: *militantes, aderentes e simpatizantes*. Quando nos tornámos Partido, acabámos com a categoria de “simpatizantes”. Ficámos com o *militante* e o *aspirante* (ou candidato a militante). O simpatizante, existindo embora, deixou de ser membro do Partido.

Eu creio que o problema está aí: porque não é membro do Partido?

Na base da nossa experiência desses anos, pode dizer-se que, se ele é simpatizante, deve ser membro do Partido. Talvez deva ser um tipo de tratamento diferente, com deveres mais limitados que os do militante. Talvez que a chave esteja aí.

— Não se trata de construir aparelhos à toa, arbitrários. Cientificamente, temos que saber analisar, em cada momento, se os instrumentos estão a servir para aquilo que foram criados.

— Temos, porém, que levar em conta um fenómeno que acontece com todos os partidos quando chegam ao poder: são, praticamente, invadidos. Quando criámos o Partido, fizemos o que chamamos um *movimento de rectificação*, porque se nos punha esse problema. Nós tínhamos centenas de milhares de membros no MPLA. Tínhamos que criar o Partido e os mais de 130 mil membros do MPLA não iam caber todos no Partido. Houve, então, que definir critérios. Esses 130 mil membros foram avaliados em assembleias de trabalhadores, etc., etc. E quando terminou o *movimento de rectificação*, tínhamos uns trinta mil. Não quer isso dizer que esses 30 mil membros fossem os melhores. Foram apresentados como os melhores. A prática, depois, demonstrou que nem todos eles tinham qualificações. Não se pode também dizer que aqueles que não entraram eram os piores. Por vezes não entraram por motivos ocasionais.

— Hoje está a impulsionar-se novamente o crescimento do Partido. Estamos há mais de um ano a trabalhar nisso. Hoje, as células possuem já capacidade para absorver novos membros, capacidade essa que não tinham até agora. Anteriormente, os que ingressaram no Partido através do *movimento de rectificação*, vieram da antiga estrutura do Movimento. Agora não. Os que desejam ingressar no Partido propõem a sua candidatura em termos estatutários. A candidatura é analisada pela célula, que segue as directrizes estatutárias normais.

— Uma das avaliações anteriores deu-se no sector da administração pública. Muitos não tinham con-





O Movimento de Rectificação determinou quem podia passar a integrar o Partido que agora está de novo em fase de crescimento

dições para entrar para o Partido, mas sabiam falar. Aprenderam toda a fraseologia do marxismo. Conhecem-na até melhor do que eu. E então, um camarada da base do Partido, que está a avaliar esse indivíduo, confunde-se. Pensa: "Este tipo é um quadro." Quando, na verdade, não passava de um oportunista de primeira grandeza. Quantos apareceram que eram do MPLA antes do MPLA existir! Outros, para provarem a sua militância, diziam: "Eu já ouvia a rádio Brazzaville (onde o MPLA tinha os seus programas) na época da luta de libertação".

### O papel do bairro

— O papel do bairro esteve um pouco esquecido no processo do movimento de rectificação, que durou quase três anos. O princípio para se integrarem no Partido era fazerem-no através dos locais de trabalho. O nosso MPLA-Movimento não tinha essa especificidade. Nas cidades — Luanda, Huambo, Benguela —, havia o conceito da militância de bairro. E nós, de facto, tínhamos muita força a nível de bairros.

— Depois, durante o movimento de rectificação, o bairro ficou de fora. Quem é "o bairro"? É o aposentado, o reformado, a dona de casa. Não foram contemplados. E quando acabou o processo, perguntávamo-nos: "E o bairro"? Vamos então acudir ao bairro. Mas fizemo-lo tardiamente. Felizmente, no bairro, manteve-se, mais ou menos, a OMA e, em certa medida, o pioneiro, mas vinculado à escola. Na verdade, a estrutura do bairro sofreu um abalo, mas está a renascer, embora com algumas dificuldades. Retomámos o contacto com os elementos mais dinâmicos que tínhamos nos bairros, para reconstituirmos o comité. Mas, como a militância se faz no local de trabalho, o bairro ainda não retomou a sua expressão.

— Há muito tempo, porém, que sentimos a necessidade de organizar as "brigadas populares de vigilância". Quando foi criada a Assembleia do Povo, o Poder Popular, tínhamos um departamento do Órgão do Poder Popular, que começou a organizar as comissões de moradores. São os tais processos dinâmicos; quando chegámos à constituição da Assembleia do Povo, a coisa parou. O Partido, que tinha um departamento de apoio a esse trabalho, canalizou-o para o Poder Popular. A estrutura dos moradores já não era uma coisa ligada ao Partido, e sim ao Estado.

*"Se o MPLA é um partido marxista-leninista ou não, pouco importa. O que interessa é aquilo que o MPLA representa de esperança para o povo"*

*Perguntámos a Lara se não achava que a guerra, com todas as suas angústias, com o desastre que significa para Angola, não estaria, no entanto, a ser um elemento de depuração dos hábitos, de restauração do espírito de resistência que tanto caracterizou os anos da luta armada...*

— É natural! que numa revolução como a nossa — respondeu-nos Lara — onde tudo apontava para a resolução dos problemas do povo, onde tudo se encaminhava para isso, surja, num determinado momento, um recuo na linha de resistência, e até uma inversão. O desgaste dos anos de guerra é, com efeito, violento. Já perdemos com a guerra, em termos civis, cifras astronómicas. E são bens, são camiões, é o caminho-de-ferro de Benguela. (Diga-se, aliás, que a Unita foi criada para actuar no caminho-de-ferro, dado que, para a estratégia sul-africana, aquele caminho-de-ferro não pode funcionar. Significa o es-





A agressão sul-africana: técnica da "terra arrasada"

coamento da produção do Zaire, da Zâmbia, de Angola, e não lhes interessa politicamente — mais ainda do que economicamente — que isso se verifique. Acontece o mesmo com o MNR que opera em Moçambique, a respeito do qual possuímos elementos concretos que demonstram que ele foi organizado pelos serviços secretos sul-africanos. Onde opera o MNR? No caminho-de-ferro da Beira. E hoje estão a ampliar as suas operações com uma nova tática: o rapto de cooperantes.)

— É natural que se verifique um decréscimo do entusiasmo em toda essa situação, fundamentalmente depois da grande invasão levada a efeito pela África do Sul, quando a agressão aumentou de violência e passou a fazer-se sentir muito mais.

Há um certo desencanto da parte das populações, por terem de enfrentar novamente as dificuldades do passado. O grau das dificuldades em certas regiões aumentou. O número de mortos, de mutilados, de feridos, é muito grande. Vivemos presentemente em condições absolutas de guerra. Mas se existe, por um lado, esse desencanto, por outro lado a população está apreensiva, está preocupada, interroga-se sobre o que irá acontecer.

As dificuldades crescentes que estamos a atravessar, não decorrem, porém, unicamente da invasão levada a efeito pela África do Sul. Têm, também, a ver com o facto do Estado ter dificuldades para organizar os diferentes sectores — abastecimento, importações, etc. E são dificuldades muito compreensíveis. Nenhum de nós herdou dos pais e avós o conhecimento da arte de governar, e nós estamos a governar em condições extremamente difíceis. Angola está no contexto da estratégia global do imperialismo, com um Reagan à frente da Casa Branca.

— Mas o processo é dialecto. O povo tem consciência de que a alternativa ao MPLA é o colonialismo. Um colonialismo muito mais perigoso do que o anterior, sujeito a coordenadas que nem sequer são as da África do Sul, mas sim as da administração norte-americana.

O nosso povo interroga-se, então: "Vamos deixar-nos derrotar?" "Vamos perder as nossas conquistas? Em favor de quem e de quem?"

---

*"Não se trata de construir aparelhos à toa, arbitrários. Cientificamente temos que saber analisar, a cada momento, se os instrumentos estão a servir para aquilo que foram criados"*

---

Em Angola, salvo alguns redutos do tribalismo e do fetichismo, ninguém acredita em Savimbi, no que ele poderia trazer para beneficiar a nossa população. Ele aparece como um claro instrumento dos sul-africanos. Por onde ele passa, o que fica? Assassinatos. Crianças, velhos e mulheres grávidas massacrados. O nosso povo está acostumado a um MPLA humanista, que sempre o apoiou, que ele conhecia bem e cujas metas compreendia e compartilhava. Agora, está tudo posto em causa.

É visível, portanto, que, neste momento, está a começar a verificar-se um fenómeno de remobilização popular. O custo é elevado, mas a população sente que, infelizmente, temos de pegar novamente em armas para defender aquilo que já conquistámos. E



esse fenómeno verifica-se especialmente nas zonas de guerra. Hoje, o Moxico voltou a ser o Moxico do MPLA. E, na realidade, por todas as dificuldades que atravessámos nesses anos, a revolução nada deu de especial ao Moxico, a não ser a independência. Mas nós vamos lá, e é lá que estão os nossos antigos companheiros. Temos que explicar que o desenvolvimento é, realmente, um processo longo, que chega primeiro às terras mais próximas, que têm melhores condições de acesso, melhores meios de transporte. Eles perguntam-nos: "E a independência?" E temos de reconhecer que, em termos revolucionários, houve até da nossa parte um certo desleixo. Foi ali, com efeito, o berço da luta de libertação nacional. Mas, apesar de tudo, vamos ao Moxico, e o povo está às 6 da manhã a treinar-se para defender o Moxico. O entusiasmo voltou. As dificuldades são as mesmas e agravaram-se até, mas o nosso povo responde.

— Nas zonas de confronto está em gestação um novo espírito nacional. Uma nova consciência revolucionária. Todos esses fenómenos estão a enriquecer o nosso povo em termos do conhecimento exacto do que é o imperialismo. As coisas deixam de ser palavras para ser concretas, e verifica-se então uma maior sede de conhecimentos. É com esse espírito que estamos a enfrentar esta nova etapa sumamente dura e que nos causa muita apreensão. E o Partido também tem aqui que sair enriquecido. As organizações de massa também estão em processo de reorganização, combatendo um certo burocratismo que se torna muito perigoso em tempos como estes.

## Os novos dirigentes

*Depois de escutarmos todo este depoimento de Lara, perguntámos-lhe se o MPLA estava a formar novos dirigentes, já que ainda estão à frente da direcção política os próprios fundadores do MPLA e os combatentes das primeiras duas guerras de libertação.*

— O próprio processo revela, por si próprio, novos dirigentes. É justamente um aspecto difícil das revoluções a captação de novos dirigentes. E podemos dizer que talvez esse problema não estivesse nas nossas preocupações. O Partido volta as suas atenções para isso. E começaram já a aparecer muitos quadros, em vários domínios. Neste momento, as preocupações prioritárias vão para as organizações de massa, particularmente para os sindicatos.

Paradoxalmente, deixámos ir para os sindicatos grande parte dos valores nacionais. Ao constituírem-se, os sindicatos absorveram um grande número de quadros que, durante todo esse tempo de trabalho, estão a ganhar experiência. Neste momento, o Partido está a procurar enriquecer-se com os quadros que vão saindo dali. Esse processo já começou. E os sindicatos estão reunidos em congresso para analisarem a sua presença no contexto da nossa revolução. □

(1) OMA — Organização da Mulher Angolana.

(2) Essas organizações de massa não são do Partido. Ele orienta-as e apoia-as, mas a maioria dos seus quadros não pertence ao Partido.



# AGROPROMOTORA

COOPERATIVA PRODUTORA  
DE PROJECTOS AGRÍCOLAS, SCRL

Rua Cardeal Mercier, 29, 1.º

Telefone 735135

LISBOA

Delegação - LUANDA: Telefone 60130

## Cooperar e desenvolver

### Áreas de Trabalho

- Agricultura
- Pecuária
- Indústria Alimentar

### Entidades

- Orga. Estatais
- Cooperativas
- Estruturas de produção familiar

### Países Africanos

- Angola
- Moçambique
- Cabo Verde
- Guiné Bissau
- Argélia

## Projecta e implementa



Estamos cá  
como se estivéssemos lá.  
Somos uma ponte segura  
na cooperação recíproca.



uma Empresa privilegiada  
na auscultação directa e  
no diálogo negociador,  
preparada e experimentada  
como via das melhores condições  
de parceria, que decorrem do  
planeamento de  
um grande mercado.

# ANGOLA

O seu estatuto preferencial  
é um espelho que reflecte  
as necessidades orientadas e  
as potencialidades do  
comércio externo angolano.



uma experiência  
adquirida  
uma confiança  
reforçada  
no domínio de  
acordos e  
operações  
comerciais e  
no fomento de  
cooperação  
técnica com a RPA.

Consulte:

VESPER • Importação e Exportação, Lda.  
Avenida António José de Almeida, 44, 1.º-Dt.º  
1000 LISBOA • Portugal

telef. 731123/731323/731423  
telex 43688 VESPER P  
43446 VESPER P

Empresa de Capitais mistos  
Luso-Angolana, associada das  
seguintes Unidades Económicas Estadais:

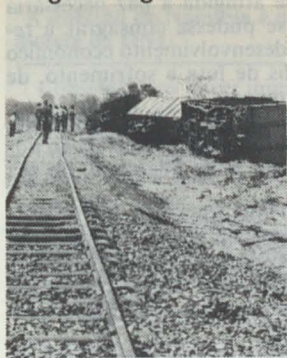
IMPORTANG U.E.E.  
Central Angolana de Exportação

EXPORTANG U.E.E.  
Central Angolana de Exportação

ANGODESPACHOS U.E.E.  
Empresa de Despachos Alfandegários  
de Luanda

e da  
COTECO, Sociedade de Cooperação  
Técnica e Comercial, Limitada





# O mundo fecha os olhos

O elevado preço pago pelo povo angolano na solidariedade para com a Namíbia e uma análise do que tem sido a política diplomática do MPLA, na palavra do ministro dos Negócios Estrangeiros, Paulo Jorge



Paulo Jorge: "Hoje, Angola é respeitada a nível internacional"

**M**ILITANTE de sempre do MPLA — que, em 1956, ajudou a fundar com o Presidente Agostinho Neto —, Paulo Jorge dirige a diplomacia angolana desde muito antes da independência da República Popular de Angola.

Por ele passaram todas as etapas das relações externas angolanas. Desde os tempos em que o movimento de libertação estabeleceu as suas primeiras acções internacionais, na década de cinquenta, até à actual batalha diplomática que a RPA trava nos *forums* mundiais, motivada pela agressão do regime do *apartheid* ao seu país. Com Paulo Jorge, a República Popular de Angola firmou-se no contexto internacional no período pós-independência, iniciando e desenvolvendo relações diplomáticas com a maior parte das nações.

Um dos ministros de Negócios Estrangeiros que

no continente africano ocupa o cargo há mais tempo, Paulo Jorge falou em exclusivo a *cadernos do terceiro mundo*. Traçou um balanço da história de oito anos da diplomacia da República Popular de Angola, abordou a questão da independência da Namíbia e referiu as posições do governo de Luanda nas organizações internacionais perante a invasão de que Angola é vítima.

*Que avaliação faz o ministro da diplomacia angolana desde a independência?*

A proclamação da nossa independência ocorreu numa situação particularmente difícil. Desde então até hoje, a existência da República Popular de Angola esteve sempre marcada por confrontações.

Vivendo essa situação, nós estabelecemos uma primeira fase de reconhecimento da RPA por outros Estados, a fim de que o nosso país passasse a exercer o seu papel no panorama internacional. À medida que essa fase se desenvolvia, Angola ia consolidando a sua posição, e hoje é membro da maior parte das organizações internacionais, nomeadamente da OUA, do Movimento dos Países Não Alinhados e da ONU onde foi admitida a 1 de Dezembro de 1977.

Como consequência disso, temos hoje relações diplomáticas praticamente com todos os países do mundo, independentemente do seu regime político ou social. Mesmo com alguns que tinham reservas a um relacionamento conosco, como eram os casos do Senegal e da República Popular da China.

Actualmente, a RPA participa como membro de pleno direito nos grandes eventos internacionais para que é frequentemente convidada. Tenho a sensação, para não dizer o orgulho, de que o nosso país é respeitado e considerado no seio das organizações internacionais.

Inúmeros países estão acreditados a nível de embaixador em Luanda, assim como agências especializadas das Nações Unidas. Há países que embora



estejam acreditados no nosso país, não têm embaixadores residentes. Outros gostariam de abrir embaixada em Luanda, mas não o fazem pelas dificuldades que temos em fornecer instalações adequadas às representações diplomáticas.

Angola tem cerca de uma vintena de representações diplomáticas no exterior, número que não é possível alargar por duas ordens de razões: a situação económica e financeira que atravessamos, e a grave carência de quadros qualificados com que nos debatemos. Neste sentido, temos vindo a organizar cursos de relações internacionais para apetrechar convenientemente não só o Ministério em Negócios Estrangeiros, mas também as embaixadas já existentes, prever quadros para as futuras embaixadas que, por posições estratégicas, pensamos abrir nalguns países.

*São portanto estes, os motivos que explicariam o facto de Angola não ter uma acção diplomática à altura das agressões que está a sofrer?*

A carência de quadros é de facto muito grande. Mas, mesmo assim, temos vindo a desencadear ofensivas diplomáticas, não só pelas missões que são enviadas ao exterior, como através das instruções que são dadas às nossas embaixadas para serem elas a desenvolverem a nível local e regional acções que chamem a atenção para a gravidade da situação, informar sobre a natureza e os objectivos da agressão e buscar a solidariedade necessária para a podermos enfrentar.

### O apoio internacional

*Que tipo de apoio necessita Angola dos países amigos e dos seus aliados numa altura em que o país é invadido e agredido de forma permanente?*

A sua questão faz-me reflectir sobre a palavra solidariedade e o seu significado.

A RPA é vítima de agressões persistentes a partir de 1975. O nosso povo, engajado desde 1961 na luta armada sob a condução do MPLA, teve de defrontar a agressão sul-africana poucas semanas antes da independência nacional. Uma dupla invasão verificada a partir de Outubro de 1975, pelo norte e pelo sul, com o objectivo de impedir a proclamação da independência nacional.

*“Temos hoje relações diplomáticas com praticamente todos os países do mundo, independentemente do seu regime político ou social”*

Após essa dupla invasão, o presidente Agostinho Neto, no âmbito do Artigo 51 da Carta das Nações Unidas, lançou um apelo aos nossos amigos para nos ajudarem a enfrentar os agressores. Entre as respostas solidárias que recebemos, em termos humanos e militares, veio a da República de Cuba. Os seus combatentes internacionalistas vieram juntar-se aos nossos combatentes para expulsar os invasores. O que se verificou em Março de 1976.

O povo angolano e o seu governo pensaram então

que tinha sido finalmente atingida a paz necessária para que toda a nação se pudesse consagrar à reconstrução nacional e ao desenvolvimento económico e social, após tantos anos de luta e sofrimento, de tantas perdas de vidas humanas:

Mas as potências imperialistas tinham os seus desígnios e não se conformaram com a clara opção por uma sociedade socialista do povo angolano, do seu partido e do seu governo.

Pensamos que é esta a questão essencial. A base da hostilidade de certas potências ocidentais para com a República Popular de Angola, nomeadamente dos Estados Unidos da América, que apoiam o regime de Pretória nas suas pressões militar, política e económica contra o nosso país.

Perante esta situação, várias vezes denunciada no seio da OUA, Movimento dos Países Não Alinhados e ONU, fomos reconfortados pela adopção de resoluções de solidariedade e por algumas manifestações concretas de certos países em relação à nossa decisão de fortalecer os apoios à SWAPO e ao ANC, e consolidar a RPA como retaguarda segura ao desenvolvimento das lutas de libertação da Namíbia e da África do Sul.

Mas ao longo destes anos, nós temos o sentimento de estar a pagar quase sós o elevado preço da independência da Namíbia. A comunidade internacional, no seu conjunto, tem uma posição de passividade ou até de indiferença em relação a esse apoio e ajuda da RPA que, no fundo, está simplesmente a pôr em prática as resoluções das instâncias internacionais.

Portanto, se analisarmos a extensão dessa solidariedade, não há dúvida que chegamos à conclusão que a sua expressão é mínima relativamente às necessidades urgentes com que nos defrontamos.

*Essa solidariedade fica ao nível de boas e bonitas declarações...*

Do ponto de vista moral é reconfortante saber que os países membros da OUA, do Movimento Não Alinhado ou até muitos membros da ONU manifestam essa solidariedade através de resoluções. Mas entre o reconforto moral e a necessidade prática de dispormos de certos meios para fazer face a essa situação, há um grande fosso.

Existe a tendência para pensar que solidariedade em relação a um país que está em dificuldade deve ser normalmente manifestada em termos monetários. Isso não é completamente correcto.

Se muitos países, e nomeadamente os países africanos, se debatem com graves problemas financeiros, como aliás é o nosso caso, pode-se usar a imaginação para expressar um tipo de solidariedade prática. Desde a oferta de produtos agrícolas ou material escolar até à hipótese de se pôr à disposição do governo angolano técnicos que contribuíssem para o nosso desenvolvimento. Técnicos que, pagos pelos seus governos, poderiam passar no nosso país períodos curtos, por exemplo, um ano, e ajudar-nos na elaboração de projectos ou formar os nossos quadros. Há diversas maneiras de manifestar essa solidariedade.

O apoio de Angola à causa da Namíbia e os enormes sacrifícios que despense, são indevidamente reconhecidos pela comunidade internacional.



## "A questão da Namíbia é da responsabilidade directa da ONU"

Consideramos haver injustiça em relação à situação que vivemos. O facto das agressões sul-africanas se terem tornado frequentes levou a comunidade internacional a considerá-las como um acontecimento normal. Um ataque na província do Cunene ou a destruição da vila de Cangamba, que fica a 500 km da fronteira da Namíbia, tornou-se um facto normal, o que é gravíssimo. A comunidade internacional está insensível perante a tragédia que se abate sobre o povo angolano.

E é bom recordar que a Namíbia é um território sob tutela das Nações Unidas, o que no nosso entender significa ter cada um dos seus membros, responsabilidades directas sobre ele. A Namíbia não é um problema exclusivo de Angola, mas das Nações Unidas no seu conjunto. Lembremos que há pelo menos uma resolução da Assembleia Geral da ONU que diz textualmente: "a ocupação ilegal da Namíbia é uma agressão contra o povo namibio e uma agressão contra as Nações Unidas".

Então, porque razão se pressiona Angola para resolver um problema da exclusiva competência do Conselho de Segurança da ONU?

Desde 1976 a 1981, o governo de Angola solicitou a convocação de pelo menos seis sessões do Conselho de Segurança, nas quais foram adoptadas várias resoluções.

*Que diligências vai agora Angola efectuar para a questão da Namíbia? Exigir uma nova reunião do Conselho de Segurança?*

No quadro da concertação que temos com os países da Linha da Frente, é nossa intenção estudar o momento oportuno para a convocação do Conselho de Segurança para que este se pronuncie sobre o relatório elaborado pelo secretário-geral da ONU acerca da implementação da resolução 435. Resolução que compreende quatro aspectos fundamentais: cessar-fogo entre a SWAPO e o regime de Pretória, redução gradual das forças sul-africanas em território namibio, participação das forças das Nações Unidas para garantir o controlo e a supervisão do processo e, finalmente, eleições livres e justas.

## EUA tentam marginalizar a ONU

*Qual o papel desempenhado pelos Estados Unidos na questão da Namíbia?*

Em 1977 foi constituído o chamado "Grupo de Contacto" composto pelos EUA, França, Alemanha Federal, Canadá e Grã-Bretanha. A sua intenção era, segundo afirmaram, encontrar uma solução negociada para o problema da Namíbia. Durante quatro anos, o "Grupo de Contacto" esteve a trabalhar na base da Resolução 435 do Conselho de Segurança, aprovada a 29 de Setembro de 1978.

Mas com a chegada da administração Reagan ao governo dos EUA, em princípios de 1981, verificou-se que o novo governo norte-americano punha em causa as posições assumidas anteriormente pelo seu próprio país no seio do "Grupo de Contacto".

Uma das primeiras posições da administração



O presidente angolano com Claude Chesson, ministro dos Negócios Estrangeiros francês

Reagan foi a de encarar a possibilidade da realização de uma conferência tipo "Lancaster House", como aconteceu com o Zimbábue, que elaboraria uma constituição para a Namíbia. A diligência dos Estados Unidos tinha como objectivo marginalizar as Nações Unidas do processo, e por esse motivo foi rejeitada pelos países da linha da Frente e pela SWAPO.

Face a essa rejeição e às críticas feitas no Conselho de Segurança, o "Grupo de Contacto" voltou-se para a Resolução 435, começando uma nova fase na discussão do problema. E aí, uma vez mais, os Estados Unidos introduzem elementos estranhos ao processo até então estabelecido, basicamente constituídos por alterações colocando a resolução do problema da Namíbia em três fases.

A primeira seria a aprovação dos chamados princípios constitucionais, a segunda referia-se à composição da força das Nações Unidas que participaria no processo de independência, e a terceira seria a implementação da Resolução 435 com os quatro aspectos a que me referi.

O processo atrasou-se, conduzindo a um impasse

*"Temos o sentimento de estar a pagar quase sós o elevado preço da independência da Namíbia"*

por várias razões. O "Grupo de Contacto", no caso de uma saída eleitoral, propunha três alternativas: o sistema de representação proporcional, sistema de escrutínio nas circunscrições, ou um sistema combinado, segundo o qual 50% dos membros para a Assembleia Constituinte da Namíbia seriam eleitos pelo sistema de representação eleitoral e os outros 50% seriam eleitos pelo sistema de escrutínio nas circunscrições.

Os países da Linha da Frente e a SWAPO res-





Beatriz Basso

Paulo Jorge ao director internacional de "cadernos", Neiva Moreira: "O chamado diálogo Norte-Sul tornou-se praticamente um monólogo na medida em que os países industrializados têm posições egoístas..."

ponderam optando pelo sistema universal, um homem um voto. O "Grupo de Contacto" reage insistindo no sistema combinado, com o qual nós não concordamos.

Se nenhum dos países que constituem o "Grupo de Contacto" aplica o sistema combinado, porque razão haveríamos de o aceitar? Rejeitado o sistema combinado, o que atrasou ainda mais a solução para o problema eleitoral, restam os outros dois, ambos rejeitados pela SWAPO.

Esta uma das razões do impasse. Outra, é a fixação da data do cessar-fogo onde também ainda não se chegou a acordo.

Para testar esta situação, os Estados Unidos introduzem o chamado "linkage" que pretende vincular ilegitimamente o processo de independência da Namíbia com a presença das forças internacionalistas cubanas em Angola. O "linkage" foi rejeitado pelo governo angolano, pelos países da Linha da Frente, OUA, Movimento Não-Alinhado e até pela própria Assembleia Geral das Nações Unidas, em Dezembro de 1982.

É essa a posição que classifiquei de obsessão ou paranóia dos EUA em relação aos cubanos e constituí o principal obstáculo à implementação da Resolução 435.

*Considera que os países do "Grupo de Contacto" possam levar os Estados Unidos a modificar a sua posição?*

Em nosso entender, a existência do "Grupo de Contacto" deixou de ter significado.

E isso a partir do momento em que a questão da Namíbia voltou ao Conselho de Segurança, em Maio de 1983.

O papel que cada um dos seus membros pode desempenhar, será o de ajudar o secretário-geral da ONU ou o próprio Conselho de Segurança a adotar medidas eficazes para a implementação da Resolução 435.

E também a título bilateral ou colectivo — se assim o entenderem — a exercerem a pressão necessária

sobre o regime de Pretória para a resolução do conflito.

São eles que têm essas possibilidades em virtude dos múltiplos interesses económicos-financeiros que têm na África do Sul e na Namíbia. Mas será que essas potências ocidentais estarão dispostas a adoptar sanções obrigatórias contra o regime de Pretória? Contra um regime considerado aliado e amigo pelos Estados Unidos em função do papel que desempenha nesta parte do continente dentro da estratégia imperialista?

#### A presença de Israel em África

*Uma questão já muito denunciada, inclusive na imprensa ocidental, diz respeito à presença de Israel no continente africano, nomeadamente no Zaire, onde se estaria a incrementar a sua presença. E isso para não falar na aliança dos israelitas com o regime de Pretória, que inclui aspectos de aliança no domínio nuclear. Fala-se, inclusive, na preparação de quadros militares da Unita. O governo de Luanda tem elementos sobre esse assunto? Qual a situação?*

*"A Namíbia não é problema exclusivo de Angola, mas das Nações Unidas no seu conjunto"*

Não nos compete contestar o restabelecimento das relações diplomáticas entre o Zaire e Israel, porque isso seria ingerir-nos nos assuntos internos de um outro Estado.

Contudo, isso não impediu que o governo da RPA manifestasse às autoridades zaienses a sua preocupação, não só porque esse restabelecimento é feito sem ter em conta os direitos do povo palestino, mas igualmente pela gravidade que a presença de israelitas no país vizinho poderia constituir, se fosse utilizada para apoiar ou treinar as organizações contra-revolucionárias que combatem o povo angolano.



Que esses grupos fantoches pudessem colocar-se ao serviço de Israel, tendo em conta que outros já estão ao serviço do *apartheid* como é o caso dos bandos da Unita, não nos surpreenderia.

Recebemos, porém, da parte das autoridades zaienses a garantia de que essa presença em nada interferiria com qualquer situação relacionada com Angola.

Dissemos também que não podíamos ignorar as estreitas relações de Israel com o regime de Pretória, e o facto de elementos da Unita serem treinados em

*“Os Estados Unidos introduziram o chamado linkage, que pretende vincular ilegítimamente o processo de independência da Namíbia à presença das forças internacionalistas cubanas em Angola”*

território namíbio não só por instrutores sul-africanos como israelitas.

Tornar-se-ia preocupante vermos surgir uma situação de tensão e conflito na fronteira norte, quando enfrentamos uma invasão no sul do nosso território.

*Que, aliás, já não seria novidade para Angola...*

Exacto. E na verdade já foram publicadas diversas notícias chamando a atenção para acções desses grupos fantoches já resultantes dessa presença israelita.

Contudo, até agora ainda não tivemos oportunidade de confirmação.

À medida que chegamos essas informações, alertamos a parte zairense para evitar tanto quanto possível qualquer eventualidade de conflito entre a República Popular de Angola e a República do Zaire que poderia trazer consequências nefastas ao relacionamento existente entre os dois países.

*Que papel caberia desempenhar à América Latina para fortalecer a sua aliança com Angola, defendida já por muitos dos seus governos democráticos?*

O primeiro passo para isso seria introduzir maior dinamismo no desenvolvimento gradual do relacionamento não só entre a América Latina e Angola, mas com os países africanos em geral. Desencadear contactos mais frequentes entre os países dos dois continentes, todos eles fundamentalmente países subdesenvolvidos e pertencentes ao chamado Terceiro Mundo. Há, portanto, uma necessidade lógica de contacto bilateral.

A intenção do governo angolano é a de desenvolver esse relacionamento no próximo ano, uma vez que as permissas para o incremento desses contactos já estão definidas. Estamos cientes que importa cumprir etapas concretas de cooperação Sul-Sul. E isto por uma razão adicional: o chamado diálogo Norte-Sul, tornou-se praticamente num monólogo, na medida em que os países industrializados têm posições egoístas e não levam em conta as necessidades de desenvolvimento económico e social dos países subdesenvolvidos. □

## UM PAR DE SAPATOS E TRÊS PARES DE RAZÕES



**Montagem completa  
de Fábricas de Calçado  
com garantia**

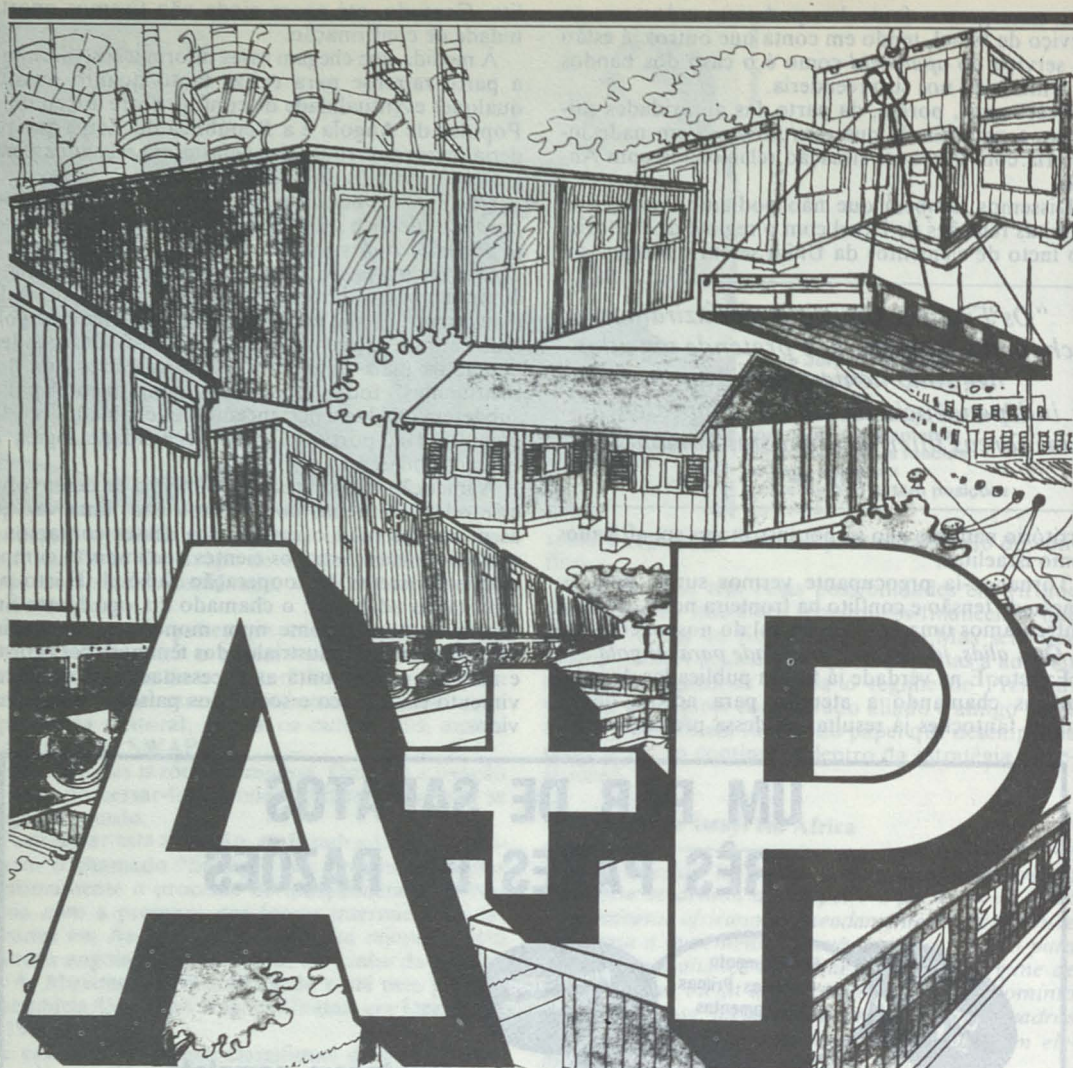


**ZIMA — Comércio Internacional, Lda.**

Hua dos Arneiros 96-1.º Dt.º  
Telef. 70 81 39 — Telex 12149 ZIMAP 1500 LISBOA

<b>LEIRIA</b>	<b>PORTO</b>	<b>FELGUEIRAS</b>
Vale Sepal — Apart. 274 Telef. 23 459 2400 LEIRIA	Rua Duque da Terceira, 179 Telef. 56 55 15 4000 PORTO	Lagares Telef. 83 489 4610 FELGUEIRAS





## A+P FABRICO E COMÉRCIO DE EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS, LDA.

### Alojamentos Pré-fabricados

- Escritórios • Sanitários • Centros Hospitalares
- Refeitórios • Vivendas • Roulotes
- Dormitórios • Escolas • Centros Sociais e Comerciais

**Sede:**  
Praça do Campo Pequeno, 21, 4.º e 5.º Esq. - 1000 LISBOA - PORTUGAL  
Telefones 730722/730822/730772 - Telex 12896 APALOS P

**Delegação Norte:**  
Rua Eugénio de Castro, 280, Sala 130 - 4100 PORTO - PORTUGAL  
Telefones 695855/698829 - Telex 22878 APALOJ P

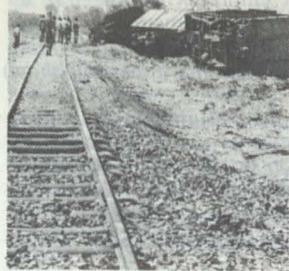
**Fábrica:**  
Lugar de Chafé - Anha - 4800 VIANA DO CASTELO - Telex 22472 CMPVP P

**EXPORTAÇÃO**



TROFÉU  
INTERNACIONAL  
DE QUALIDADE  
1979





# Petróleo, ferro e diamantes

Até onde poderá chegar uma  
economia que tem como  
suporte tais riquezas?

**D**UAS leis básicas do governo angolano disciplinaram a exploração mineira e a política de investimentos estrangeiros.

A lei de minas procurou corrigir uma situação caótica nesse sector vital da economia caracterizada pela inexistência de estudos sérios sobre reservas, carência de equipamentos técnicos confiáveis, exploração predatória e exportações desordenadas, passando por uma larga faixa de contrabando.

Este, aliás, era um problema crítico. O diamante era quase todo contrabandeado para as praças comercializadoras via Lisboa. Em Portugal, as pessoas que entravam com diamantes não eram obrigadas a declarar a origem, o que resultava numa virtual legalização do contrabando. Essa prática foi modificada (ver caixa) pelo actual governo português, facilitando em Angola a luta contra o contrabando organizado.

Centenas de contrabandistas — sobretudo angolanos e portugueses — alguns de "gravata e colete", estão presos. O valor da produção aumentou de 500 mil quilates em 1977 para 1 200 000 em 82, o que equivale a cerca de 150 milhões de dólares. Esse volume poderá aumentar muito nos próximos anos.

Mas não foi só a repressão ao contrabando que proporcionou esse resultado positivo, mas também medidas legais que permitiram o controlo estatal da indústria diamantífera, desde os estudos geológicos até à exportação.

Não tem sido fácil a reorientação da política mineira angolana. Inicialmente, os propósitos nesse sentido esbarraram no facto de, até à independência, a indústria estar voltada para a metrópole e esta encontrava-se, na maioria dos campos, atrasada, sendo simples intermediária da tecnologia dos países ocidentais.

A lei de minas do governo angolano, que vigora desde 1979, estabeleceu os princípios gerais, tais como: propriedade estatal sobre todos os recursos minerais existentes no território nacional; exclusivi-

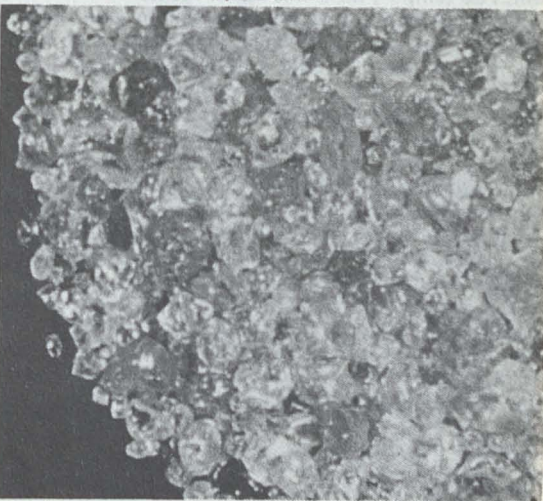
dade do Estado no levantamento da carta geológica; monopólio estatal da prospecção, pesquisa e reconhecimento dos recursos minerais.

A exploração deve ser atribuída exclusivamente a empresas mineiras estatais, contemplando, contudo, situações que constituem excepções justificáveis, nas quais se admite associação com entidades ou sociedades estrangeiras, técnica e financeiramente idóneas.

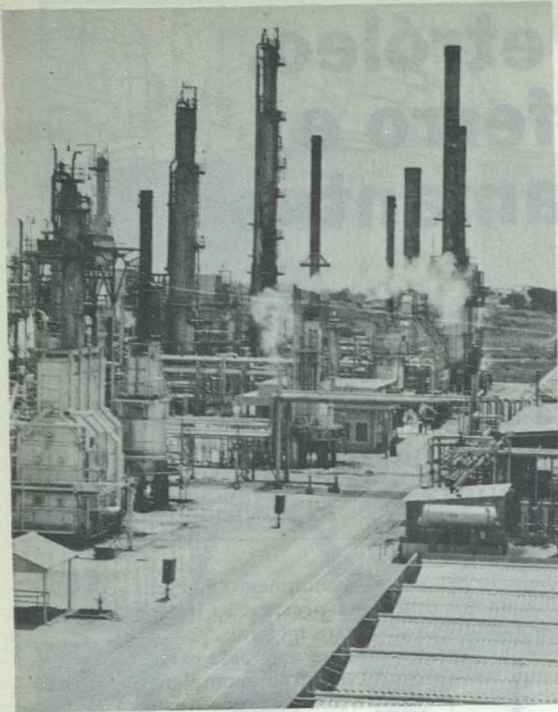
Os investimentos estrangeiros são, no entanto, proibidos em vários domínios, entre os quais a defesa nacional, em instituições financeiras e de crédito, seguros, comércio externo, serviços públicos (educação, saúde, higiene, correios, abastecimento de água e electricidade, etc.), meios de comunicação, telecomunicações.

As leis são importantes, mas não tudo. A situação da indústria em Angola era simplesmente caótica na

**Diamantes: contrabando para Lisboa**







DIP/MPLA-PT

**Petróleo: o governo detém o direito exclusivo de exploração**

independência e na etapa seguinte, sob o impacto da guerra e da retirada em massa dos colonos portugueses.

Que alterava ter instalações para fabricar pão, se não havia matéria-prima e os padeiros tinham partido?

A fuga dos empresários obrigou o Estado, mesmo sem essa intenção e desprovido de meios para tantas tarefas, a intervir nas empresas, no esforço de pô-las em movimento. "Uma socialização de emergência e antes do tempo", dizia-nos um dirigente.

O consumidor também mudou. Mudou e aumentou em número, com a afluência ao consumo de uma enorme camada social que a ele nunca tivera acesso.

Os novos planos directores contemplavam desde o início uma reorganização total da indústria ligeira. Mais de 200 pequenas empresas de confecção, sem qualquer condição de funcionamento económico, foram reduzidas a 12. Duas grandes indústrias têxteis, em Benguela (Áfricatextil) e Luanda (Textang-2) deverão produzir este ano perto de 30 milhões de metros de tecidos mas as metas do Plano para o sector não serão plenamente atingidas.

Em muitos sectores industriais que dependem de importações, há crise de produção, criando escassez no mercado. Noutros, há avanços razoáveis. Em 1983, Angola produzirá cerca de 3 milhões de livros mas deverá importar mais de 6 milhões.

#### **Avanços no petróleo**

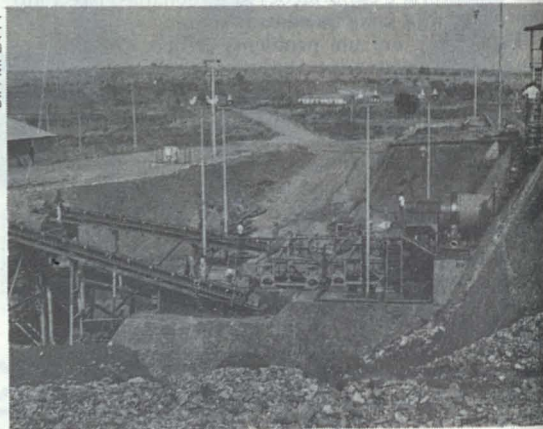
Nos grandes campos da indústria angolana — pe-

tróleo e minérios — as perspectivas são positivas. Desde 1979 que a empresa estatal petrolífera, a Sonangol, é concessionária única dos direitos à exploração, contratando com empresas estrangeiras segundo interesses nacionais. Actualmente, esses contratos de exploração sob controlo da Sonangol foram atribuídos em 13 blocos de áreas marítimas (*off-shore*) a várias empresas como a Agip, Texaco, Chevron Total, Petrobás, Mobil, Tnanaltaplien, esta última jugoslava. Os lucros previstos são distribuídos segundo uma escala que vai de 40 a 90%, segundo a produção. O Bloco 4 onde se instalou a Petrobás, juntamente com a Sonangol e a belga Petrolina, apresenta condições muito favoráveis de produção. Este apenas um exemplo.

A produção actual de Angola já ultrapassou os escalões anteriores da fase colonial e dos primeiros anos da independência: 190 mil/barris diários, com uma exportação anual superior a 1330 milhões de dólares, que não é maior devido à queda dos preços nos mercados internacionais.

Entre os principais clientes do petróleo angolano estão a Espanha (mais de 20 mil barris/dia), Brasil (10 a 15 mil), Caraíbas (10 000), Estados Unidos (10 000) e outros. O Brasil também importa gás liquefeito.

Actualmente, a indústria petrolífera emprega entre 6 a 7000 trabalhadores e há um esforço acentuado de consolidar os avanços na produção e na tecnologia.



DIP/MPLA-PT

**Minas de ferro: um dos alvos dos sul-africanos**

#### **Minérios debaixo de bombas**

A principal área da produção de minério de ferro tem sido alvo de repetidos ataques sul-africanos. Um deles, contra Cassinga, foi um verdadeiro massacre de civis. Mas as instalações industriais não foram tocadas. Ali se encontravam técnicos austríacos que trabalham com os angolanos. Segundo se sabe nos meios diplomáticos em Viena, o governo da Áustria tinha advertido os sul-africanos para as consequências de um ataque às minas em produção, o que teria levado Pretória a abster-se de prosseguir as agressões.



A Áustria, que produz cerca de quatro milhões de toneladas de produtos siderúrgicos, não só não tem o minério, como não dispunha de uma fonte permanente de aprovisionamento. A associação com Angola foi, assim, de mútuo interesse. Dessa área já foi feita a primeira exportação de 170 mil toneladas de minério e a segunda leva será feita em breve.

Os dirigentes angolanos estão a racionalizar o processo de exploração e a tentar adaptar a produção à procura, tanto interna como externa.

"Esta é uma riqueza básica", disse-nos o ministro da Indústria, Bento Ribeiro. "Mas foi a defesa do petróleo, realizada pelos países produtores, que nos alertou para a importância da defesa dos nossos minérios".

"Quando se fala em Luanda em adequar a produção à procura não é imagem retórica mas um dado do nosso plano", acrescenta-nos o ministro. Angola vai produzir "pelletz" (tipo de liga de ferro) (1) próprio para fornos eléctricos e de redução directa, comuns no Terceiro Mundo. Só a Suécia e a Noruega produzem actualmente o minério adaptado a esse tipo de fornos. A meta para 83 é produzir um milhão de toneladas de minérios para o uso de altos fornos, atendendo clientes de países industrializados, e um milhão de toneladas para os fornos de redução directa, mais meio milhão de toneladas de esponja de ferro e 200 mil toneladas de perfis e ferro redondo para consumo interno.

## No mar e no ar

Como se vê, apesar da situação em que o país foi deixado pelo colonialismo e pela guerra, Angola realiza um trabalho racional no aproveitamento das suas riquezas. Um dos seus graves problemas é o dos transportes, alvo prioritário dos ataques sul-africanos. Apesar disso, há um grande esforço para manter abertas as estradas e as linhas-de-ferro vitais. No mar, o velho navio "N'Gola" (7000 toneladas), o único que Angola herdou do colonialismo, multiplicou-se numa frota de mais de 100 mil toneladas, que sob a bandeira da Angonave, está presente no mundo.

Em 1973, a empresa aérea angolana (Taag) transportou 200 mil passageiros. Em 1983, esse número alcançará 900 000, com mais de 20 aviões e não os cinco da década de setenta. Quarenta por cento do tráfego aéreo internacional já é feito em aviões angolanos e cresce o número de pilotos nacionais nos seus "boeings".

"Nas circunstâncias em que vivemos é necessário ter uma profunda consciência do nosso destino e a certeza de que a nossa opção ideológica é a mais correcta para enfrentar os problemas quotidianos. É um desafio incessante. Mas estamos a superar os problemas, e isso é o essencial. Resguardar as nossas riquezas da cobiça externa e explorá-las em favor do nosso povo", declara-nos o ministro do Plano, Lopo do Nascimento. □

(1) Pelletz: minério de ferro (ou outros) semi-processado, em forma de pequenas bolas mas já livre de impurezas.

# SIS

## SILVA & IRMÃO SUCRS, LDA.

**FABRICANTE**  
desde 1918  
**EXPORTADOR**  
desde 1940

Ferragens em geral  
Fechaduras  
Dobradiças  
Fechos  
Puxadores  
Ferragens em geral

**SISTEMAS DE SEGURANÇA**

APT. 88 3751 ÁGUEDA PORTUGAL

TEL. (34)62143 TELEX 37011 SISFER P







## Pesca Prioridade para o consumo

cultura ficou reduzido a uma pequena expressão, nas mãos de colonos que não deixaram o país ou de nacionais que estão a expandir, pouco a pouco, as suas actividades. Nesses casos, o Estado só intervinha quando alguns dos proprietários exerciam actividades contra-revolucionárias”.

“É necessário acrescentar — acrescenta Júlio de Moraes — que o nosso país é dependente em matéria de fertilizantes, produtos químicos, sementes melhoradas — que ainda não produzimos — e maquinaria. A gestão, por parte do Estado, de uma actividade para a qual se carecia de quadros, não foi uma opção, mas uma necessidade imposta pelas circunstâncias”.

Actualmente, 50% da produção provém de empresas controladas pelo Estado. É o caso da produção de cereais, arroz, batatas, café, óleo de dendê, avicultura, algodão. O sector cooperativo tem, de momento, uma pequena participação. Não ultrapassa os 10% da produção total comercializada.

### As orientações do 1.º Congresso

As províncias de Malanje, Huíla, Benguela, Uíge, Kuanza-Sul e Kuanza-Norte foram escolhidas no 1.º Congresso do MPLA-Partido do Trabalho para concentrarem os meios que facilitem a expansão da agricultura e da pecuária. Ali se começaram a instalar estruturas de assistência à agricultura, com a concentração de técnicos e a elaboração de um programa integrado para cada província.

“A produção continua modesta por problemas técnicos, como os que derivam de ter que se passar da pequena produção para a produção em grande escala”, assinala o vice-ministro. “Por outro lado, acrescenta, é necessário intensificar o apoio ao camponês, vendo-o não exclusivamente como produtor, mas como um ser humano com necessidades globais”.

Em 1983, a produção melhorou em relação a 1982, particularmente a de café e de milho. “Mas a guerra afecta a actividade agrícola e as nossas empresas estatais constituem alvos prioritários de agressão por parte dos inimigos”, explica o dirigente.

### As prioridades

A primeira prioridade da produção agrícola é satisfazer as necessidades da população. Em seguida, vêm alguns produtos de exportação (actualmente, a única agricultura de exportação é a do café e do sisal) e, em terceiro lugar, as matérias-primas para a indústria nacional.

“As estruturas agro-industriais estão a ser reactivadas e muitas encontram-se a funcionar, embora às vezes ainda de forma rudimentar. Os países socialistas prestam-nos assistência em todos os sectores de produção, através de contratos de assistência técnica. A FAO está a apoiar oito projectos, entre os quais um de formação de quadros, outro de apoio à organização camponesa e um terceiro para a recuperação da produção de café”.

“Em Angola, a agricultura foi definida como o sector-chave. Com as potencialidades que tem, será o sector decisivo da actividade económica do nosso país”, conclui o vice-ministro. □

COM um litoral de 1.650 km e condições hidrográficas favoráveis, devido à corrente fria de Benguela, que permite o surgimento de plâncton para alimentar o peixe, Angola tem um grande potencial pesqueiro, com um nível de reservas calculadas em 700 mil toneladas por ano, sem pôr em risco a procriação.

As costas de Angola são ricas tanto em pesca pelágica (isto é, de superfície) como demersal (de profundidade). Antes da independência, o volume de peixes capturados rondava as 600 mil toneladas anuais, das quais 70% se destinavam à exportação, em forma de farinha de peixe, processada no país.

No período de transição, muitos barcos foram danificados e outros levados para fora do país pelos seus proprietários.

A queda na produção pesqueira (que baixou para umas 100 mil toneladas anuais) levou o Congresso do MPLA a estabelecer como meta a reactivação de estaleiros para recuperar a frota pesqueira e a compra de novas embarcações. Cinquenta delas, destinadas à pesca artesanal, já chegaram ao país procedentes da Suécia. Outras são esperadas, destinando-se à



Carlos Amaral, do Ministério da Pesca, explica o objectivo principal: “assegurar proteínas para o consumo das populações”





BERTIZ BISSAO



A pesca é um recurso decisivo na alimentação angolana

pesca em grande escala, em operações de arrasto e cerco.

“Cerca de 53% das actuais embarcações pertencem ao Estado; 23% a cooperativas e o restante ao sector privado. O sector cooperativo foi criado depois da independência”, explica Carlos Amaral, director do gabinete de Planeamento do ministério da Pesca.

Carlos Amaral lembra que uma das directrizes do Congresso do MPLA foi autorizar os acordos de pesca com outros países, até que os níveis de captura anteriores à independência possam ser recuperados. Com esta medida, pretende-se assegurar à população as proteínas de origem animal. Este tipo de convénio está a ser realizado com a Espanha, Japão, União Soviética e Nigéria. Numa etapa posterior, poderão ser criadas empresas mistas com estes países.

Foi aberto concurso para a construção de dez cais ao longo de toda a costa e estão a ser reorganizadas

a empresa estatal de fornecimento de material técnico, criada depois da independência, e a empresa de fabrico de redes, do Lobito. Alguns complexos frigoríficos foram recuperados na base de doações de equipamentos por parte da Dinamarca e começa-se a montar outros complexos em Cabinda e no Cuanza Sul.

“Em Benguela e na província de Namibe (Moçamedes), estamos a introduzir processos mecânicos de secagem de peixe (o sistema tradicional era de secagem ao sol). Foi aumentada a capacidade instalada das fábricas de conserva, a *Mampesa* e a *Atlântico*, de Benguela. Actualmente, Angola importa conserva de peixe e pretende deixar de fazê-lo a curto prazo.”

“Na época colonial — acrescenta Carlos Amaral — produzia-se menos conserva e dava para exportar. Mas agora produzimos mais e importamos. Sem dúvida, o consumo de peixe está em primeiro plano na alimentação popular”. A prioridade é o consumo humano, que se situa em 80 mil toneladas anuais de peixe fresco e 27 mil de peixe seco.

### Apoiar a pesca artesanal

O ministério da Pesca está a incentivar a criação de cooperativas de pescadores artesanais, calculados em cerca de 5.500, em todo o país. Eles estão a ser apoiados com materiais, motores e embarcações. Já existem associações de pescadores em todas as províncias litorais. As cooperativas estão autorizadas a comercializar o seu peixe directamente ao público.

“Como uma das deficiências do sector é a falta de quadros, foram abertos dois centros de formação, em Kakuako e Namibe, com diferentes especialidades: mecânicos navais, professores de pesca (capitão de barco), electricistas industriais, rádio-operadores e pilotos.

“Em Luanda existe também um centro de reciclagem, para elevar o nível dos quadros que já estão a trabalhar”, assinala o director do Gabinete de Planeamento do ministério.

“Um Centro de Pesquisas sobre Recursos Pesqueiros foi criado com o objectivo de proteger o nosso potencial de captura e para ajudar à utilização mais racional dos recursos disponíveis. O Centro depende do ministério e tem um Departamento de Fiscalização que vigia o litoral para evitar a pesca ilegal.”

A distribuição do peixe está a cargo da empresa estatal *Edipesca* em cada província litoral. Os pescadores privados vendem a sua pesca à empresa do Estado, e esta vende aos mercados estatais e às peixarias privadas, hospitais, hotéis, etc.

“Há cerca de 20 mil trabalhadores no sector pesqueiro do país, 40% no ramo das capturas, incluindo os 5.000 do sector cooperativo, e o restante nas operações de transferência, abastecimento, conservação, etc.”

“O consumo de peixe está amplamente difundido em Angola, curiosamente também entre os camponeses, que sempre comeram mais peixe seco que carne”, assinala Carlos Amaral. A farinha de peixe está já a ser utilizada como adubo na agricultura. □



## Saúde Pública Utilizar os recursos locais

**A**NTES da independência, o sistema estatal de saúde tinha uma estrutura pouco desenvolvida. A medicina era quase toda privada, embora existisse um sistema cooperativista — conhecido como rede “sindical” — cujo alcance era limitado. Uma das primeiras medidas do MPLA foi criar o Sistema Nacional de Saúde, em 1976, que instituiu a assistência médica e medicamentosa gratuita para a população.

O Estado assumiu a responsabilidade total pela saúde pública e a medicina privada foi abolida. Como não havia muitos recursos, optou-se por mobilizar os esforços locais: a população foi chamada a participar activamente na protecção da sua saúde. Foram instituídos os “promotores da saúde rural”, escolhidos pela própria comunidade que, com a realização de um curso de seis meses promovido pelo ministério da Saúde Pública, regressam às suas aldeias de origem para instalar as estruturas locais de saúde. Foram criados também os *centros de saúde*, estruturas que coordenam as actividades das *unidades de saúde* de uma determinada zona.

Difundiram-se orientações para aproveitar a farmacopeia tradicional, sobretudo aquelas plantas cuja acção científica foi comprovada.

Actualmente, quase 50% da população do país é assistida pela medicina estatal. Permanece o problema do acesso físico às unidades de saúde, que ainda não estão tão próximas dos locais de trabalho e dos núcleos populacionais como o governo desejava. “Abolimos a discriminação racial e económica”, assinala o dr. Raul Jorge Lopes Feio, director do Gabinete de Planificação do ministério de Saúde Pública, fazendo uma avaliação das conquistas desde a implantação do novo sistema.

### Escolas de quadros

“A maior parte das estruturas sanitárias da época colonial foram saqueadas ou destruídas na etapa de transição, afirma o dr. Raul Feio. “Contudo, o problema mais sério que enfrentámos em todos estes anos foi o da falta de quadros. Os quadros angolanos — que foram os que permaneceram no país — constituíam o nível auxiliar mais baixo e não estavam capacitados para pôr em funcionamento nem sequer



DIP. MPLA. PT

A medicina privada foi abolida

a precária infra-estrutura existente”.

O director do Gabinete de Planificação do ministério explica-nos que, com “ajuda de cooperantes e dos poucos quadros angolanos”, em 1976 e 1977, foram criadas vinte escolas de formação de quadros em todo o país, descentralizando-se o ensino. Antes da independência, existiam apenas três escolas.

Actualmente estão já estruturadas as funções desenvolvidas pelos quadros de base. A etapa actual é a da formação de quadros médicos. Até 1982 tinham saído das escolas 6500 quadros paramédicos, formados em doze especialidades (especialistas em saúde básica, auxiliares de farmácia, nutricionistas, especialistas em enfermaria, em estatística, etc.).

A Faculdade de Medicina nunca deixou de funcionar, nem sequer nos períodos mais difíceis. Uma dependência da Faculdade funciona actualmente em Huambo, com os três primeiros anos do curso. A partir de 1984, irão formar-se, em média, 50 médicos por ano.

Uma mudança fundamental nos currículos, elaborados com as “mais modernas orientações” — segundo afirma o dr. Raul Feio — “é que a medicina em lugar de ter como centro o indivíduo, passa a estudar os problemas de saúde na sociedade no seu conjunto, e em lugar de estar concebida para se ocupar da doença, trabalha-se prioritariamente com o conceito de *preservar a saúde*. Neste sentido, passaram a ter grande importância as campanhas gerais de vacinação e o controlo de epidemias”.

### Reciclagem das parteiras tradicionais

Dentro dos esforços promovidos para utilizar os recursos locais, uma menção especial cabe à reciclagem das parteiras tradicionais. “Estima-se que dos 320 mil partos realizados por ano, mais de 50% estão nas mãos de parteiras e não se realizam em centros de saúde. A nossa política — assinala o responsável pela Planificação do ministério — é localizar as parteiras através da OMA, conquistar a sua confiança e





Mobilizar os recursos locais é um dos objectivos do governo e do Partido

estabelecer um diálogo, para as ajudar a ter mais noções sobre o trabalho que realizam. A mesma política é usada com os terapeutas tradicionais. Contudo, a tarefa não tem sido fácil. Durante a época colonial, todos os aspectos que podiam ser interpretados como uma forma de resistência cultural, — era o caso dos terapeutas tradicionais — eram reprimidos. Ainda há medo, e por isso temos que conquistar a confiança da população através do diálogo. Outros países africanos estão mais avançados. Nós estamos ainda no começo desse processo”.

As parteiras são preparadas para detectar partos complicados, para, atempadamente, serem encaminhados para locais onde recebam a assistência necessária. São também utilizadas como agentes em campanhas como as de vacinação, por exemplo.

### Perfil sanitário subdesenvolvido

Angola tem um “perfil sanitário subdesenvolvido”, segundo explica o dr. Raul Feio. Isso significa que as *causae mortis* mais importantes são as doenças infecciosas e que os grupos mais vulneráveis são as crianças menores de cinco anos. As taxas de mortalidade infantil são equivalentes às do resto da África subsariana. A situação, porém, é agravada pela guerra.

“As condições de má nutrição da população geradas pelos anos de guerra que impediram as colheitas, têm consequências terríveis, particularmente para as crianças e os velhos”, assinala o dr. Raul Feio.

“A falta de conhecimento da população impede-nos de calcular as percentagens de incidência desses factores”, acrescenta o responsável de planificação do ministério da Saúde. Podemos todavia afirmar, que mais de 50% das mortes totais do país são de crianças menores de cinco anos. E, dessas mortes, 50% devem-se a doenças infecciosas. A guerra tem grande parte da responsabilidade, pois afecta seriamente a nutrição da população das áreas onde se desenvolvem as operações bélicas. Nessas regiões, vimo-nos forçados a fechar hospitais e postos de saúde, o que deteriora ainda mais as condições locais de vida”.

O dr. Feio observa que muitos dos avanços que se produziram no campo da saúde foram possíveis graças ao apoio dos cooperantes. “Não teríamos reactivado com tanta rapidez a infra-estrutura sanitária, sem a cooperação internacional, particularmente a de Cuba, que foi decisiva no sector da saúde”, afirma.

Também foi importante o apoio internacional para a formação de médicos. Na época da independência havia 150 médicos angolanos para uma população de 8 milhões de habitantes. Actualmente, existem cerca de 500 médicos cooperantes em todo o país, minimizando os problemas da população, particularmente a nível das especialidades.

“Quase 70% dos médicos cooperantes são de Cuba, da União Soviética e do Vietname. E uns 15% dos cooperantes da área da saúde trabalham a nível individual, quer dizer, fizeram contratos de trabalho directamente com o governo angolano e não através de acordos de governo a governo, como no caso dos cooperantes daqueles três países mencionados”.

Angola conta actualmente 54 hospitais em todo o país (um hospital universitário, que engloba todos os hospitais de Luanda; 16 hospitais provinciais e 23 hospitais municipais), além de 40 unidades especializadas, 250 centros de saúde regionais, mil postos de saúde locais e mais de 1600 postos comunitários de saúde. □

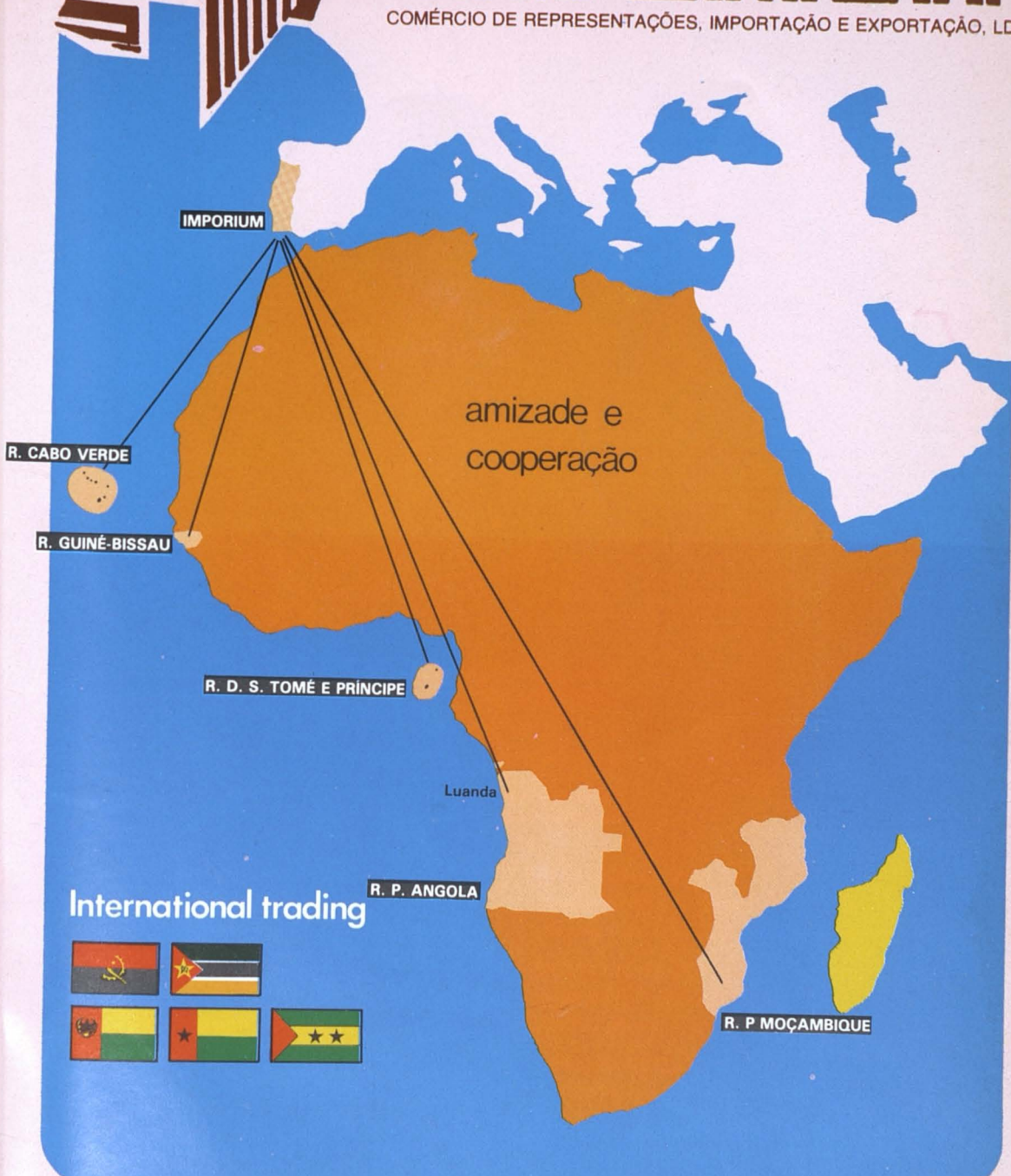






# IMPORIUM

COMÉRCIO DE REPRESENTAÇÕES, IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO, LDA



IMPORIUM

amizade e  
cooperação

R. CABO VERDE

R. GUINÉ-BISSAU

R. D. S. TOMÉ E PRÍNCIPE

Luanda

R. P. ANGOLA

R. P. MOÇAMBIQUE

International trading



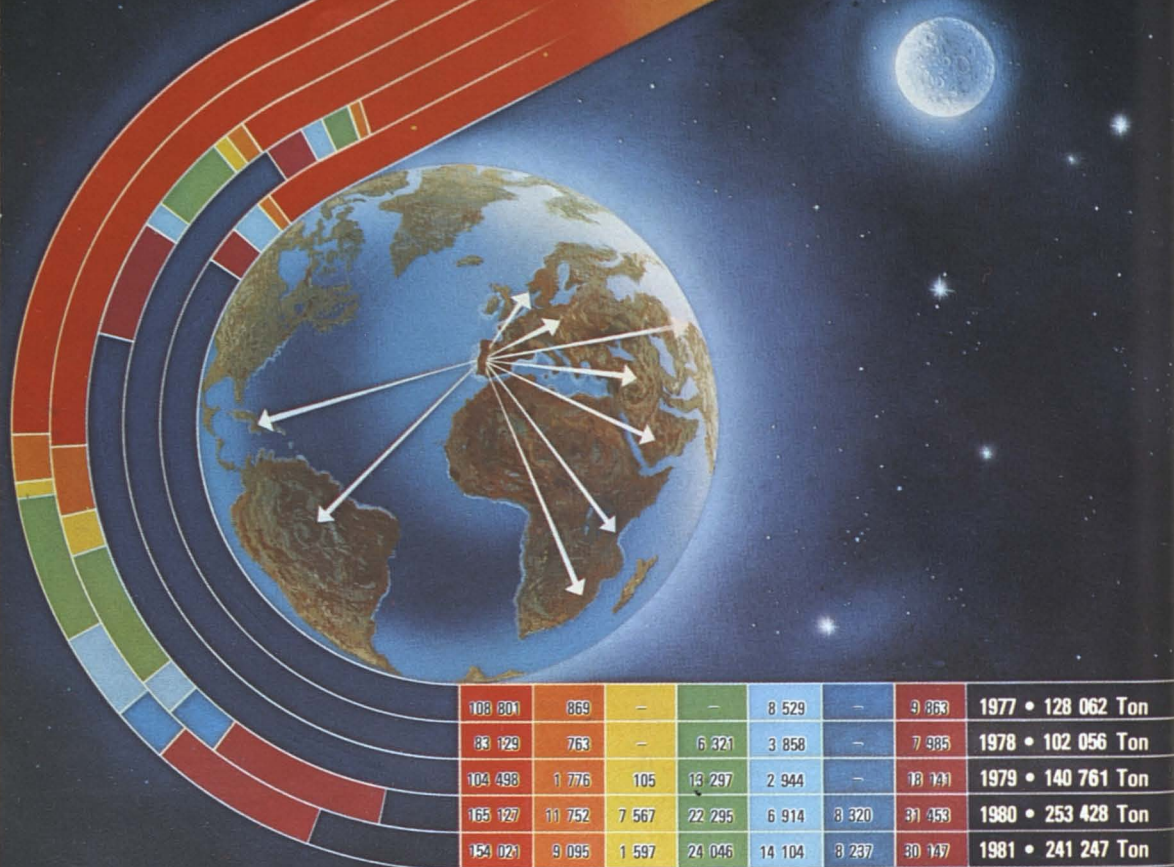
**REPRESENTAÇÕES EXCLUSIVAS PARA TODA A ÁFRICA**

Rua Keil do Amaral, loja 19 ● 1900 LISBOA ● Portugal  
Telef. 851290 / 850098 / 850148 • Telex 42448 P



# Pasta para papel

## Desenvolver e Diversificar



A meio caminho Entre  
o Norte da Europa e o Mediterrâneo  
dispomos de posição ideal face ao mercado.

Possuimos também  
o domínio da tecnologia  
em todas as fases de fabrico.

Diversificamos mercados  
fazendo crescer a nossa influência.

Temos no espaço económico europeu  
a nossa área natural de desenvolvimento  
contribuindo para suportar  
outros desenvolvimentos.

Somos um fornecedor seguro  
para a indústria não inteirada.

- CEE
- EFTA
- PAÍSES DE ECONOMIA PLANIFICADA
- PAÍSES AFRICANOS
- PAÍSES ÁRABES
- PAÍSES DO EXTREMO ORIENTE
- OUTROS



mós somos a  
**PORTUCEL**  
EMPRESA DE CELULOSE E PAPEL DE PORTUGAL, EP.



## Educação

# Mudar o conteúdo para um ensino libertador

**T**ALVEZ tenha sido o ensino o sector da vida do país que apresentou maior desafio para as autoridades do MPLA. Não só porque, quantitativamente, era necessário transformar uma estrutura educativa ao serviço de uma elite privilegiada num sistema de ensino massificante, democratizando o acesso à educação como também porque era preciso reelaborar radicalmente os conteúdos. Era preciso transformar um ensino destinado a formar cidadãos portugueses, que perpetuavam o sistema de dominação, numa escola formadora de homens livres, orgulhos da sua Pátria, da sua cor e dos princípios humanísticos e igualitários em que se baseia a nova filosofia do Estado angolano.

Este processo está em curso e alguns passos significativos já foram dados. O ensino foi nacionalizado em 1976. As instalações das escolas privadas — quase todas ligadas às missões religiosas — passaram para o Estado e estabeleceu-se o ensino primário obrigatório até ao quarto ano, fim do primeiro nível.

A população estudantil passou de 512 942 alunos, em 1973 (um terço dos quais eram portugueses) para 1 880 380, em 1982, ou seja, praticamente quadruplicou em nove anos. Para atender à procura, em lugar dos dois turnos que funcionavam na época colonial, estabeleceram-se três, diminuindo o número de horas de aula. Este sistema tem algumas desvantagens, mas, em contrapartida, permite atender um número maior de crianças.

A concepção elitista do ensino colonial determinou que a maior parte dos centros educativos estivesse na zona do litoral e nos bairros habitados pelos colonos brancos. Um dos desafios actuais consiste em ampliar a rede escolar para o interior do país e para os bairros da periferia das cidades.

No novo sistema, o ensino básico tem três níveis. O primeiro, de quatro anos, o segundo de dois e o terceiro, também de dois. Estes oito anos completam o ensino secundário. Para os adultos, além da Campanha Nacional de Alfabetização, que depende directamente do Partido, implantou um sistema regular que estabelece cursos semestrais, em vez de anuais, com uma duração de seis anos para o ciclo primário, em lugar de oito.

“A primeira prioridade do MPLA era destruir a filosofia do ensino colonial, para criar o homem novo; transformar o ensino de algo teórico num instrumento bastante ligado à resolução dos problemas práticos. Estas ideias porém, quando têm que passar de teoria para a prática, defrontam-se com a falta de professores”, explica Pinda Simão, director do Ga-



DIP - MPLA PT

### Democratizar o acesso à educação

binete de Planificação do Ministério da Educação.

“Os valores que procuramos inculcar nos jovens são a bondade, a honestidade, a preservação dos nossos valores culturais tradicionais e o estarem prontos para sacrificar a vida pela defesa da pátria. Incentivamos também o amor ao trabalho”.

Foi muito útil em todo este processo a experiência acumulada nos anos da luta contra o colonialismo, nas áreas libertadas.

Já foram elaborados os novos textos até à 12.ª série. “Mas não bastam os manuais — explica Simão — temos que formar professores. Vários institutos de formação de professores já foram estabelecidos. A ideia é ter um em cada província. Já existem em catorze províncias e faltam em quatro”.

Além da formação sistemática e regular de professores nos institutos normais, que se faz em quatro anos, estabeleceu-se a formação acelerada, em apenas 10 meses, para os professores de nível mais baixo que darão aulas apenas até ao quarto ano. Também foi criado o Instituto Superior de Ensino da Educação, que equivale a uma Faculdade para formação de professores das diferentes disciplinas.

Foram estabelecidas algumas medidas de estímulo para os professores, como uma melhoria quantitativa dos salários e a possibilidade de viajar ao exterior ou de percorrer todo o país com as despesas por conta do governo. Além de prémios em livros e facilidades para conseguir casas, sobretudo para os professores destacados nas áreas rurais. Os prémios são concedidos a 22 de Novembro, “Dia Nacional do Educador”, em comemoração da data em que foi lançada a campanha nacional de alfabetização, pelo presidente Agostinho Neto.

Outra medida tendente a incentivar o magistério foi o decreto ministerial de mobilização dos quadros angolanos e estrangeiros que voluntariamente queiram colaborar no ensino. Estes recebem o salário no seu sector e têm oito horas semanais livres para as dedicarem ao ensino, com um suplemento na remuneração.

Foi ainda implantado o Sistema de Formação a Distância, através do Instituto Superior de Educação, ISED. Os estudantes receberão materiais preparados pelo ISED e poderão ser autodidactas. Um sistema semelhante está a ser estudado para uso na rádio e na televisão, com função formativa.



# LER É... PRAZER

SABOREAR UM BOM LIVRO  
É UM PRAZER TÃO AGRAVÁVEL  
COMO VER UM BOM FILME

PORÉM, UM LIVRO LÊ-SE SEMPRE  
CADA NOVA LEITURA NÃO CUSTA MAIS UM CENTAVO  
NÃO GASTA ENERGIA. UM LIVRO FICA  
É QUASE ETERNO. LÊ-SE SÓ QUANDO NOS APETECE

ESTES SÃO LIVROS A LER... COM PRAZER.  
SÃO NOVIDADES



**PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA**  
UMA EDITORA DE DIMENSÃO EUROPEIA



# A experiência do Poder Popular



Alberto de Almeida, Comissário Provincial adjunto de Luanda, explica o projecto administrativo para a capital e concelhos limítrofes

**D**ESDE Agosto deste ano que o Comissário-Adjunto de Luanda é um operário electricista — Alberto de Almeida — de longa trajectória na luta sindical. *cadernos do terceiro mundo* convervou demoradamente com ele sobre os problemas administrativos da cidade, a experiência do *poder popular* e as medidas que estão a ser tomadas para satisfazer as necessidades da população da grande capital, que quase triplicou os últimos oito anos.

*Por que razão as populações expulsas do campo pela guerra se concentram em torno de Luanda, em vez de se repartirem por entre as várias grandes cidades do país?*

Por norma, em quase todas as guerras, a cidade capital é sempre escolhida. Todas as pessoas entendem que é lá que existem melhores condições de vida.

Isso vem de facto criar sérios problemas habitacionais e administrativos. A partir da nossa independência já se construíram alguns imóveis bastante importantes (no bairro do Golfo, na área de S. Paulo, na Prenda, no bairro de Benfica, na cidade em construção na chamada Praia do Bispo, situada na encosta do mar onde ficará o mausoléu do nosso saudoso Presidente Neto). Mas não são suficientes.

*Isso além das casas que já foram entregues à população na parte baixa da cidade, a antiga área urbana, após a saída maciça dos colonos portugueses?*

Sim, após a independência as populações que moravam nos *musseques* puderam vir habitar na cidade, principalmente nas casas abandonadas pelos seus moradores. Actualmente não temos nenhuma casa livre.

A primeira decisão foi a de passar para o Estado as casas abandonadas, passados 45 dias sem justificação da ausência do proprietário. A nossa Secretaria de Estado de Habitação tem sido um fiel depositário do povo angolano na administração dessas casas.

Mesmo assim ainda temos dificuldades para poder oferecer a todo o nosso povo as condições sociais por que lutamos.

*Isso não teria acontecido se não houvesse esse êxodo gigantesco...*

Em grande parte é assim. A partir de 1978 começámos a verificar a entrada maciça na cidade de Luanda de populações que antes estavam no campo. Tem sido pior a partir de 1980 e 81, com o êxodo das populações oriundas das áreas bombardeadas pelo regime racista sul-africano.

*O maior desafio é dar casa ou alimentar toda a gente?*

O problema fundamental não é, como muita gente pensa, a alimentação. É a habitação. Até porque Luanda é uma cidade velha, implantada em morros, com baixos e altos, e não se teve o cuidado de cons-

Sede do Comissariado provincial de Luanda





truir correctamente aquilo que são as áreas de saneamento. Muitas das condutas de água estão entupidas. E além do mais temos o problema das quedas constantes de terra das encostas, pelo terreno acidentado. Isso afecta o sistema de transportes, e também as casas. O mais atingido é o bairro da Boa Vista, o sector onde há maior concentração de areias. Todos esses problemas estão actualmente em discussão na Assembleia Popular Provincial, com a participação da população através dos seus deputados.

### Os órgãos do Poder Popular

*Quantos membros tem a Assembleia Popular Provincial?*

São oitenta e cinco membros, eleitos por três anos.

*Pelos bairros?*

Alguns pelos locais de trabalho, outros pelos locais de residência. Temos também na Assembleia Popular Provincial — o órgão máximo do poder do Estado na província de Luanda — delegados de vários ministérios. Eles também são membros do Comissariado Provincial. Actualmente estão constituídos também os comissários provinciais, que são os órgãos a nível municipal. Em cada município há representantes dos diversos organismos da vida do país.

*Qual é a hierarquia?*

O máximo responsável da província é o Comissário. Imediatamente depois está o Comissário-Adjunto, quer a nível provincial, quer municipal. Existem já

alguns comissários comunais, como o caso da comuna da Funda, cuja comissária é a camarada Jóia (Ana Sebastião Gomes). Na comuna os organismos constituem-se da mesma forma que a nível da nação. Desde que haja delegados comunais dos diversos ramos, constitui-se o comissariado Comunal.

*Quantos municípios tem Luanda?*

Novo. Já estamos a constituir comissários de bairro — o órgão de base do governo — que por sua vez, têm, abaixo deles a Comissão de Moradores. Quem administra localmente são os moradores. A comissão de bairro é quem orienta a vida do bairro. É a administração do povo para o povo. É essa a nossa constituição. A nossa forma de dirigir o país.

### A administração e o Partido

*É um requisito para ser dirigente municipal, provincial ou de bairro, pertencer ao MPLA — Partido do Trabalho?*

Não. Qualquer um pode ser delegado. O MPLA — Partido do Trabalho é o partido da classe trabalhadora. Uma das premissas para ser membro do partido é ser um bom trabalhador. A emulação socialista funciona no nosso país desde 1977. O primeiro herói do Trabalho foi o nosso Presidente Agostinho Neto. Temos trabalhadores de vanguarda há quatro anos consecutivos. Os trabalhadores de mérito adquirem também a condição de *Heróis do Trabalho*.

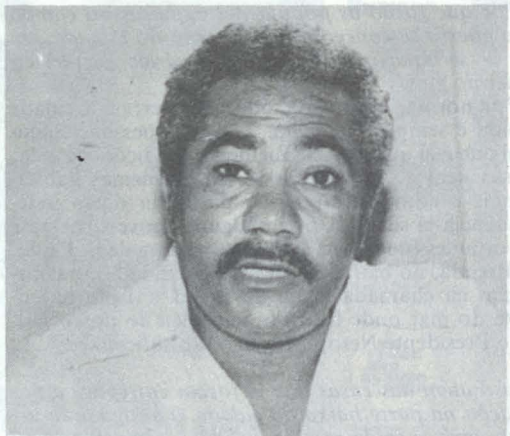
Para integrar os quadros do partido uma das premissas é ser um bom trabalhador. Entretanto, mesmo aqueles que ainda não alcançaram esses ga-

## Um sindicalista no poder

**A**LBERTO de Almeida é um sindicalista. Um operário que trabalhou durante anos no SMAE, Serviço Municipal de Água e Electricidade. Em 1974, foi eleito para um cargo de direcção do sindicato pela primeira vez. Em 1976, passou a integrar os quadros da União Nacional dos Trabalhadores Angolanos (UNTA) e aí organizou o sindicato da energia eléctrica. Quando se realizou a 3.ª Conferência Nacional dos Trabalhadores Angolanos, em 1978, foi nomeado secretário-provincial da UNTA em Luanda. No dia 11 de Agosto passado, foi indicado para o cargo de Comissário Provincial Adjunto de Luanda pelo Presidente Eduardo dos Santos. Tomou posse no dia 13 de Agosto. Almeida é também deputado à Assembleia Popular Provincial e membro do MPLA-Partido do Trabalho, "na categoria de militante", como assinala com orgulho.

Perguntamos-lhe se alguma vez pensou em chegar a ocupar esse cargo.

"Se alguém me dissesse, em 1956, quando vim para Luanda de Dondo, Kuanza-Norte, a minha terra, e me empreguei precisamente nesta Câmara Municipal como electricista, que



Alberto de Almeida

iria ser algum dia o Comissário Adjunto de Luanda, eu teria afirmado que isso era impossível. Para mim, era muito difícil poder imaginar que um sindicalista alguma vez chegaria a exercer o poder. Mas isso é justamente o que propõe o nosso partido: que há que estabelecer um governo democrático, dos trabalhadores."





Em todos os bairros se organizam jornadas de trabalho voluntário

lardões, podem ser membros da Assembleia Popular Provincial. Temos nela, inclusive, um religioso, que foi eleito. Há camponeses, representantes da Organização da Mulher Angolana (OMA), que não é uma estrutura do Partido e sim uma organização de massas. A União Nacional dos Trabalhadores Angolanos (UNTA) também tem os seus representantes. A grande maioria das pessoas que compõem a Assembleia Popular Provincial não é membro do partido.

*Quando serão as próximas eleições?*

Em 1985. Mas isso não significa que toda a gente saia. Pode haver reeleitos.

### O trabalho voluntário

*Dizem que é muito difícil governar Luanda. É verdade...?*

Toda a gente diz que é difícil governar Luanda. Tem as suas dificuldades, mas difícil seria se não conseguíssemos fazer com que a população participasse.

*Há dificuldades nesse sentido?*

Estamos a esclarecer a população dos seus direitos e, fundamentalmente, dos seus deveres. Temos realizado, por exemplo, campanhas de trabalho voluntário para a limpeza da cidade. Esse é um problema difícil, que não estamos a conseguir resolver tão depressa quanto desejaríamos. Seguramente já tiveram oportunidade de constatar que nós temos não só ruas como passeios em muito mau estado.

*Sim, vimos. Mas para quem aqui já esteve em anos anteriores, há avanços evidentes...*

Felizmente. Mas falta muita coisa. Estamos a ganhar experiência para dirigir este país. Luanda não é o país, mas é o seu espelho. Temos de fazer de Luanda o melhor exemplo possível para as outras províncias.

*E como se organizam essas jornadas de trabalho voluntário?*

Fizemos uma delas quando do aniversário do nosso saudoso Presidente Neto, a 17 de Setembro passado. Todos os bairros de Luanda realizaram uma jornada de trabalho voluntário.

*A resposta foi positiva?*

Foi-o sem dúvida. Outras foram realizadas depois, inclusive com a participação dos companheiros de outros países, como Cuba, Vietname, Uruguai, Coreia do Norte, etc.

Agora estamos a elaborar um novo programa. Todo o esforço ir-se-á concentrar num único bairro. Todos os meios disponíveis vão ser usados num só bairro, para ver se o conseguimos limpar totalmente.

*Qual foi o bairro escolhido?*

Talvez seja o bairro de Prenda.

É nesse bairro que está o aeroporto. Queríamos limpar totalmente essa área para dar uma nova imagem da capital.

### Os alcances do poder da Assembleia Popular

*Temos falado em vários problemas da cidade: encostas, habitação, esgotos. A Assembleia discute todos eles ou somente questões mais localizadas? Qual é o seu poder de decisão?*

A cada nível — nacional, provincial, municipal —, há um poder de decisão. Nós, para além de fazermos a análise das questões do bairro, comuna, município, província, temos de entender o relacionamento que existe entre esses níveis de decisão. O Presidente da Assembleia Geral Provincial de Luanda é o Comissário Provincial. Ele tem assento no Conselho de Ministros.

Na Assembleia temos uma comissão de assuntos comunitários. Eu sou o coordenador dessa comissão.





A autoconstrução permite minorar as graves carências no campo habitacional



As donas-de-casa são ensinadas a cuidar dos seus lares

Aí analisamos o problema de abastecimentos à população, habitação e construção e já fizemos propostas concretas para solucionar esses problemas.

Uma das nossas sugestões, foi fazer uma campanha junto da população, para que esta compreenda o que significa administrar uma casa, de modo a salvaguardá-la e fazer com que dure muito tempo. Já nos vimos obrigados a tomar atitudes duras, de despejo. Chegámos a essa decisão porque, efectivamente, as pessoas que habitavam determinada casa não atentavam para o facto de que estavam destruindo um bem que era seu e, como seu, da comunidade.

Antes do despejo fizemos um levantamento. Vimos o estado das casas. Em alguns casos ficámos escan-

dalizados. A casa estava cheia de água. Porque razão deixaram chegar até esse estado sem comunicar à nossa Secretaria Municipal de Habitação?

*êm equipas de manutenção que cuidam desse tipo de problemas?*

Há uma empresa da Secretaria Municipal de Habitação cuja missão é justamente conservar as habitações. Não está a funcionar, é certo, com toda a eficiência que desejaríamos, temos carências, mas funciona.

*Que carências, por exemplo?*

Faltam-nos tintas. O pouco que adquirimos é exclusivamente para dar uma outra imagem às nossas escolas. Tivemos de importar tintas para as escolas porque era impossível continuar a funcionar desta forma.

*Foi definida então uma prioridade para a conservação das escolas?*

Sim. Já começámos. E aprovámos a iniciativa da União dos Trabalhadores Angolanos no sentido de criar a unidade *escola-empresa*. Quer dizer que uma empresa vai ser madrinha de uma escola, vai cuidar dela, conservá-la. Para que as nossas crianças não tenham mais que sofrer com as consequências da falta de recursos.

*A empresa é do mesmo bairro da escola?*

Depende. Uma empresa pode querer apadrinhar uma escola de outro bairro e não há problema.

*E tem dado bons resultados?*

Já temos vários exemplos. Basta dizer que já foram construídas escolas novas, com o trabalho de voluntários. Uma delas, a "Mártires de Cangamba", tem capacidade para 500 crianças, e com três aulas por dia, são mil e quinhentas crianças que podem estudar nessa escola.

## A auto-construção

*Como se desenrola o processo de construção das novas moradias populares?*

É um processo de autoconstrução. Quer dizer que um elemento do povo pretende construir a sua casa. Solicita-nos a autorização e nós damos-lá, nos locais designados para tal, segundo os planos de urbanização. Neste momento são o Golfo, o Bairro da Petrangol e o Palanque. Temos aqui no Gabinete um departamento cuja função é demarcar os talhões de terreno dos populares.

*Tem que ser um morador desses bairros, ou pode ser qualquer um?*

Qualquer um. Nós designamos esses sectores para evitar construções anárquicas. Cada um pode fazer a proposta do tipo de casa que deseja. Nós vemos se não destoará com o urbanismo do bairro e caso não destoe, autorizamos imediatamente a construção.

*Qual o critério para a aceitação do pedido de terreno?*



Não há requisito. Se a pessoa não tem casa para morar, faz o pedido, nós demarcamos o terreno e autorizamos a autoconstrução.

#### *E fornecem os materiais?*

Não. Damos um documento que permite adquirir os materiais através das empresas especializadas.

#### *E assessoramento técnico...?*

Se alguém o pretender, fazemos-lhe a planilha da casa. É a nossa contribuição para a autoconstrução. Mas não temos capacidade nem quadros para outro tipo de apoio. Basta dizer que apenas temos, presentemente, dois engenheiros na Câmara Municipal. E essas dificuldades são naturalíssimas, numa economia obrigada a investir na guerra. Grande parte das nossas divisas vão para a compra de material bélico.

E mais. Há a guerra económica. Não é só a agressão dos sul-africanos. Como sabe o preço internacional do petróleo baixou, também o do café, o dos diamantes. As fontes de divisas dos países africanos baixam porque a administração Reagan e os países capitalistas querem a continuação da nossa dependência. Mas o nosso Presidente José Eduardo dos Santos já advertiu os que desejam que Angola continue a ser um corpo inerte para todos os abutres tirarem o seu bocado: nós vamos criar a nossa própria vida interna para dar ao nosso povo aquilo que necessita.

### **A energia eléctrica e a cintura verde**

*E a questão dos quadros, que já foi mencionada. Compete à Assembleia a formação dos quadros de que necessita?*

Formar quadros é da competência de todos os organismos do país. Na sala de Sessões da Assembleia está neste mesmo a ser dado um curso para aferidores de mercados, fiscais. Estão a fazer o curso para se colocarem à altura do seu trabalho.

Quanto mais quadros e mais depressa nós formarmos, mais depressa poderemos diminuir a co-operação externa, que não deixa de ser uma sangria de divisas.

#### *Quantos cooperantes há actualmente?*

Os dados provisórios fornecidos pela UNTA assinalam que já passam de 20 mil, só em Luanda.

*Disse que a alimentação não é hoje o maior problema. Como está actualmente a situação do abastecimento de Luanda?*

Essa não é uma competência do Comissariado, mas, de qualquer forma, é uma preocupação nossa a resolução desse problema. O delegado do Comércio Interno faz parte do Comissariado. Luanda não é auto-suficiente. Isto foi, aliás, a concepção da administração colonial: como Luanda era uma cidade industrial, um centro de serviços e de turismo, nunca houve a preocupação de torná-la auto-suficiente em matéria alimentar. A alimentação vinha sempre do sul, Kubango, Huila, Benguela... Hoje nós definimos o contrário. Cada província tem de começar a auto-alimentar-se.



Beatriz Bissio

**A construção de novas moradias não é ainda suficiente**

*E quem vai cultivar a terra? É suficiente a população da periferia?*

O terreno dessa Cintura Verde é para quem o requerer. Aquele que estiver interessado em fazer agricultura, está autorizado a solicitar terreno. Criou-se para tal fim o Centro de Coordenação da Cintura Verde, que recebe todos os pedidos de entrega dos terrenos. A condição necessária é ter experiência em agricultura. A partir daí, o terreno fica para sempre com o camponês, desde que continue a trabalhar nele. O terreno é do Estado, mas como a terra é para quem a trabalha, o Estado não interfere. A não ser que se defina um programa global para uma área determinada, como estamos a fazer com a plantação piloto de arroz na Funda. O projecto é plantar 2000 hectares de arroz. Muitos camaradas vão ter que abandonar essas terras, para alargarmos as plantações. Podem, porém, escolher outros terrenos, que lhes serão cedidos.

*E as casas, serão indemnizadas?*

Com certeza. Pagaremos imediatamente todas as benfeitorias, como aliás está no regulamento da Cintura Verde.

*E os créditos?*

Esse tipo de apoio já existe. O Bando de Angola criou o empréstimo ao camponês, além de termos uma empresa à qual eles recorrem para receber as sementes.

*Esse mecanismo evita criar na periferia de Luanda o problema da marginalidade e do desemprego tão conhecido nas cidades da América Latina?*

Nós não temos o problema do desemprego, nem mesmo com o crescimento tão rápido da população de Luanda. Pelo contrário, às vezes faltam-nos trabalhadores braçais. Luanda tem emprego para todas as pessoas, sobretudo agora com o plano da Cintura Verde.





*E a energia eléctrica? conseguem atender às necessidades dos novos bairros de Luanda?*

Aqui, em Luanda, não há muito problema. A capacidade instalada de energia eléctrica não está totalmente distribuída. Poderíamos abrir muito mais linhas, mas não temos como. O problema não está no transporte da energia para Luanda. Está aqui. As nossas fábricas de cabos não estão a funcionar por falta da matéria-prima importada. E não se trata só dos bairros novos. Temos muitos cabos velhos, sub-

terrâneos, que necessitariam ser trocados. Neste momento, Angola tem excesso de energia eléctrica produzida, mas pelo menos na região próxima de Luanda, não tem como distribuí-la.

Porém, quase todas as pessoas, tanto no sector urbanizado como não urbanizado, já têm energia eléctrica.

*Quando aqui viemos nos anos anteriores, uma das preocupações do MPLA era acabar com o mercado negro de diferentes mercadorias. Como está a situação hoje?*

Ainda temos problemas de desvios. Isso acontece, por exemplo, com os medicamentos. A nossa imprensa tem denunciado os assaltos aos nossos depósitos de medicamentos, que são assim desviados para o mercado negro, a *candonga*, como nós chamamos. E o problema dá-se também com outras mercadorias.

Até aqui nós não estávamos a considerar a possibilidade de que esses assaltos e desvios tivessem uma outra origem senão daqueles hábitos herdados pela população da época do colonialismo, quando imperava a imoralidade. Mas, agora, devemos começar a considerar a possibilidade de se tratar de mais uma forma da sabotagem organizada de que estamos a ser vítimas, com objectivos bem conhecidos.

*O objectivo de toda a revolução é mudar o homem. Sente alguma mudança nesse campo?*

Há mudanças, sem dúvida. Não é fácil, porém, criar o homem novo. Não é fácil mudar a mentalidade das pessoas, e isso nada tem a ver com a idade. É uma questão de formação. (B. Bissio) □



à venda!

**Indispensável elemento de consulta para melhor conhecer 3/4 da Humanidade**

uma edição Tricontinental Editora  
Calçada do Combro, 10-1.º  
1200 LISBOA  
PORTUGAL  
Preço: 400\$00



## Conservadores perdem força

Com as mudanças na Guarda Nacional, os políticos fiéis ao torrijismo passam à ofensiva e podem vencer as próximas eleições

Paulo Cannabrava Filho

Faltando seis meses para as eleições gerais, todos os partidos políticos do Panamá estão mergulhados na campanha que desde Agosto sofreu uma mudança radical com a retirada da candidatura presidencial do general Rubén Darío Paredes. O afastamento do militar foi uma consequência do crescimento político dos sectores ligados ao falecido general Omar Torrijos e contrários à tendência de reaproximação com os Estados Unidos liderada pelo general Paredes.

O general Rubén Darío Paredes exerceu funções operacionais na Guarda Nacional durante o período torrijista, então, ainda, com o posto de coronel e, durante algum tempo, acumulou as suas funções no Estado-Maior com o ministério da Agricultura.

Com a morte do general Torrijos, passou a ser o segundo homem na hierarquia militar. Quando o general Florencio Flores passou à reserva, em Março de 1982, Paredes assumiu o comando da Guarda Nacional e começou a trabalhar para a sua candidatura à presidência da República.

Parecia haver consenso entre militares e civis quanto à candidatura de Paredes e a sua posição era de apoio ao diálogo e por uma saída negociada em relação aos conflitos na América Central. No aspecto interno, declarava-se continuador do torrijismo e fiel aos ideais do general.

No dia 12 de Agosto, Paredes pediu a passagem à reserva e não houve qualquer surpresa quando anunciou, poucas semanas depois, que renunciaria à candidatura.

Ao justificar esta renúncia, Paredes alega que, depois de 26 anos de serviços na Guarda Nacional, a sua vitória nas eleições seria uma consequência do prestígio da instituição e não tanto devido aos seus próprios méritos. No caso de uma derrota, o maior prejuízo seria para a própria Guarda.

Desde a época em que foi ministro da Agricultura, o general Paredes estreitara vínculos com a burguesia agrária do oeste do país, vanguarda dos grupos mais conservadores. Quando assumiu o comando da Guarda Nacional,

iniciou um diálogo cordial com os Estados Unidos e fazia questão de realçar que o poder real no Panamá residia na Guarda Nacional, debilitando o poder da autoridade civil.

### Alinhamento com os Estados Unidos

Em Junho passado, após uma visita aos Estados Unidos, altura em que foi condecorado pelo Pentágono, o general fez algumas declarações em San José da Costa Rica, que geraram profundo mal-estar entre as forças progressistas panamianas, ao exigir "moderação" a Cuba e Nicarágua nas suas "conexões" na região centro-americana e ameaçando romper rela-

Na foto, o general Paredes ao lado do presidente De la Esprilla





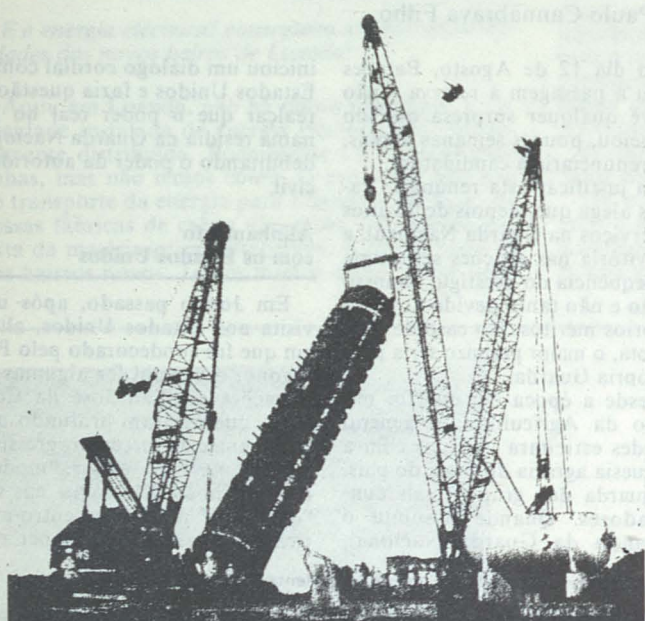
A confiança nos nossos serviços transporta-nos a outros países:

### Estamos em CABO VERDE:

- Slip-way do porto do Mindelo;
- Rede de fluidos dos estaleiros de S. Vicente;
- Estação de enchimento de gás butano e propano da Cidade da Praia.

### Estamos em ANGOLA:

- Reabilitação e novos trabalhos da Fábrica de Cimentos de Angola — CIMANGOLA.



### ESTAREMOS ONDE FORMOS NECESSÁRIOS!

SERVIMOS AS INDUSTRIAS:  
PETROLEOS PETROQUIMICA · QUIMICA CIMENTOS NAVAL · ENERGIA · CELULOSE PAPEL  
SIDERURGIA MINEIRA AGRICOLA ALIMENTAR

- Montagem de estruturas metálicas · Porticos · Pontes rolantes e transportes
- Movimentação · Elevação · Montagem de equipamentos pesados
- Montagem de torres processuais · Reservatórios de armazenagem
- Pre-fabricação e montagem de tubagem
- Montagem de equipamento rotativo
- Cedência de pessoal especializado.

**TONUS** MONTAGENS E ALUGUER DE MÁQUINAS. SARL

1000 LISBOA 4100 PORTO 2902 SETÚBAL 7250 SINES TELEX 15860

ções com os dois países, caso continuassem a "exportar" a revolução.

Posteriormente, a sua candidatura foi oficialmente lançada por um pequeno partido de direita e obteve, imediatamente, o apoio de três outros partidos de centro-direita. Apesar de, implicitamente, a sua candidatura ser igualmente apoiada pelo Partido Revolucionário Democrático-PRD (do governo) pelo Frampo (centro-esquerda) e pelo Partido do Povo (comunista), havia um profundo descontentamento com essa mudança de atitude, principalmente nos sectores de esquerda do PRD, que se agudizou quando Paredes, no final de Agosto, se declarou um homem de centro-direita e disse que o Panamá "pertence ao mundo ocidental", reafirmando uma posição de alinhamento com os Estados Unidos.

Washington estava, evidentemente, eufórico com o retorno do Panamá ao que a Administração norte-americana considera "uma política de bom-senso", facto que, sem dúvida, alterava completamente o equilíbrio de forças na região.

A candidatura de Paredes coincide, no plano regional, com o lançamento de uma frente de partidos políticos de "centro-direita" — SOĐECA (Social-Democratas da América Central), com o manifesto propósito de se "opor a qualquer tipo de ditadura e totalitarismo". Esta iniciativa partiu da Acção Democrática (AD) de El Salvador, do Partido Social Democrata (PSD) da Nicarágua e da Acção Popular (PAPO) do Panamá.

Manifestações de rua (marcha da família com Deus pela liberdade) do tipo das organizadas em São Paulo contra o governo Goulart em 1964, no Brasil, e no Chile de 1973 contra o governo de Allende, são comandadas por um "Comité de Defesa da Democracia na América Central". O Comité é dirigido pela jornalista Omayra Correa, de conhecido vínculo com a embaixada norte-americana no Panamá.

Estas manifestações culminaram com uma marcha "pela democracia contra o comunismo" que contou com a participação activa do Par-



tido Democrata Cristão do Panamá, dirigido por Ricardo Arias, presidente da Organização Democrata-Cristã da América. Com o mesmo nível de participação estiveram o Partido Liberal, o Movimento Liberal Republicano Nacionalista (Molirena); o Partido Nacionalista Popular (PNP), o Conselho Nacional de Empresas Privadas (Conep), a Câmara de Comércio, Indústria e Agricultura e a Central de Trabalhadores do Istmo (CIT) vinculada à Central Latino-Americana de Trabalhadores (CLAT), com sede na Venezuela, organismo regional sindical da Democracia Cristã Internacional.

Simultaneamente, estudantes e organizações de esquerda panamianos realizaram manifestações frente à embaixada dos Estados Unidos, protestando contra a interferência deste país na América Central.

### Noriega

Com a passagem à reserva do general Paredes, de acordo com a hierarquia militar, assumiu o comando da Guarda Nacional o coronel Manuel Antonio Noriega, que foi imediatamente promovido a general.

Em 1968, Noriega era capitão e estava ao lado do general Omar Torrijos Herrera, quando este comandou um golpe que depôs o presidente Arias Madrid, assumiu a chefia do governo e iniciou um processo reformista de conteúdo social. Em 1969, foi Noriega quem desbaratou uma tentativa de contra-golpe da direita militar, garantindo o regresso de Torrijos que, circunstancialmente, se encontrava no México.

Durante todo o período torrijista e até assumir o cargo de comandante, Noriega foi chefe do sector de inteligência (G-2) da Guarda Nacional e considerado desde sempre, como o homem forte de Torrijos. No clima de tensão que se gerou no Panamá, com as declarações fortemente pró-americanas do general Paredes, os rumores de uma tentativa de golpe por parte do sector mais torrijista da Guarda Nacional intensificaram-se.

Durante mais de uma semana, no mês de Agosto, os generais



A herança de Torrijos saiu fortalecida

Noriega e Paredes trocaram acusações através da imprensa local. Paredes acusava Noriega de ter traído compromissos assumidos e Noriega esclareceu que "votos impostos produzem balas" e reafirmou que "no Panamá, as forças armadas não vão impor os votos". Por outro lado, reafirmou a sua fidelidade à Guarda Nacional e aos princípios torrijistas, proclamando que o poder reside na presidência da República à qual a Guarda Nacional, sob o seu comando, se submete.

O processo culmina com a renúncia de Paredes à candidatura, no dia 8 de Setembro passado, facto que, em lugar de um vazio político, como sugere a grande imprensa, trouxe para o Panamá e para a região um grande alívio.

### O CONDECA

Todos estes acontecimentos no Panamá coincidem com as "diligências" norte-americanas no sentido de reactivar o Conselho Superior de Defesa Centro-Americana (CONDECA) para coordenar uma acção conjunta dos exércitos da região contra o governo da Nicarágua e a guerrilha salvadorenha.

O CONDECA foi criado no início da década de 60, com o explícito objectivo de "travar a penetração marxista-leninista na América Central e combater a subversão". Encontrava-se desactivado desde 1969, após a "Guerra do Futebol" entre El Salvador e as Honduras e totalmente inoperante

desde o triunfo sandinista de 1979.

Apesar das recentes declarações de funcionários guatemaltecos indicarem que o CONDECA será reactivado para efectivar um bloqueio à Nicarágua, a presença do Panamá nesse Conselho, à qual não se deverá furtar, poderá ser um factor moderador e de equilíbrio entre os exércitos da região, impedindo um papel mais agressivo por parte dos outros países da área.

Assente a poeira da renúncia e das agitações de rua, o partido do governo (PRD) designou Jorge Abadia, torrijista convicto, para seu secretário-geral em substituição de Rigoberto Paredes, tio do general Paredes, que renunciou ao seu posto no partido após a renúncia do seu sobrinho à candidatura. Ao mesmo tempo, foi confirmada na presidência do Partido, a sra. Berta Torrijos de Arosemena, irmã do falecido general Omar Torrijos.

O PRD proclamou ainda o seu pleno apoio às autoridades civis e militares do país enquanto o presidente Ricardo de la Espriella e o general Manuel Noriega asseguraram que em Maio de 1984, serão realizadas eleições "limpas, honestas e puras".

O Tribunal Eleitoral marcou, em Outubro passado, as eleições para 6 de Maio do próximo ano. Por outro lado, os partidos políticos habilitados, poderão apresentar os seus candidatos até 29 de Fevereiro de 1984.

O lançamento da candidatura de Esquivel, uma semana antes da renúncia de Paredes, teve grande repercussão no seio da esquerda panamiana, inclusive dentro do PRD, por representar uma alternativa aos grupos descontentes com a crescente direitização de Paredes e o seu progressivo alinhamento com as posições norte-americanas. Criador do sistema de Comunidades de Saúde que elevou enormemente o nível sanitário da população pobre do Panamá, Esquivel goza de grande prestígio junto das camadas populares. Com a renúncia de Paredes, entretanto, essa candidatura perde força junto dos sectores de esquerda do PRD, que deverão apresentar candidatos próprios à convenção.

O Presidente Ricardo de la Es-



priella, por seu turno, realizou também alguns reajustamentos, na composição do seu governo, incorporando sectores do empresariado nacional e dirigentes identificados com o torrijismo. A substituição mais importante deu-se no ministério dos Negócios Estrangeiros, com a nomeação de Oyden Ortega, que integrou a assessoria do general Torrijos e foi ministro do Trabalho no governo do presidente Aristides Royo.

De acordo com instruções do presidente, o novo ministro dos Negócios Estrangeiros deverá dinamizar o papel do Panamá nas negociações de paz do Grupo de Contadora. Deverá reafirmar também a política independente, terceiro-mundista, não-alinhada e de neutralidade do país, ao mesmo tempo que trabalhará pela candidatura do vice-presidente Jorge Illueca à presidência da Assembleia Geral da ONU.

Em declarações aos *cadernos do terceiro mundo*, fontes do PRD manifestaram que as mudanças realizadas no governo contribuirão para aumentar a confiança num real processo de democratização do país, sem renunciar às conquistas

progressistas já conseguidas. Consideraram que o governo ganhou em solidez e eficácia e que o apoio popular à presidência da República se amplia. Para eles, o PRD está igualmente em pleno e vigoroso processo de reafirmação torrijista, e de fortalecimento democrático das suas estruturas intermédias e superiores.

#### Surge um exército

Um outro facto importante nesse tumultuoso mês de Setembro, no Panamá, foi a promulgação, pela presidência da República, de uma lei que transforma a Guarda Nacional em *Forças Armadas do Panamá*.

A nova lei orgânica das forças armadas estabelece que as forças de defesa do Panamá são integradas pela Guarda Nacional, pela Força Aérea e pela Marinha, pela defesa do Canal do Panamá, pela Directoria de Trânsito Terrestre, pelo Departamento de Investigações, de Imigração e quaisquer dependências análogas que surjam no futuro.

A lei estabelece ainda que o presidente da República é o chefe supremo das forças de defesa e cria quatro patentes de general. General de forças, para o Comandante-em-Chefe das Forças de Defesa; general de Corpo, general de Divisão e general de Brigada. Na Guarda Nacional, até ao presente, apenas o comandante tinha patente de general.

O Estado-Maior das novas forças armadas deverá ser constituído por homens como o coronel Eros Cal, Chefe de Segurança do Estado e Serviços de Informação Militares e o coronel Alberto Purcell, aviador, comandados pelo coronel Diaz Herrera, primo do general Omar Torrijos e segundo homem na hierarquia da actual Guarda Nacional.

Esta provável composição do Estado-Maior, sob o comando do general Noriega, indica que o governo panamiano a ser eleito em Maio deve preservar as posições tomadas pelo general Torrijos nas questões diplomáticas da América Central, com um reforço dos governos e partidos da região que procuram evitar a militarização estimulada pelos Estados Unidos.

## cadernos do terceiro mundo

### Portugal e Espanha

anual (12 números) .....	650\$00
semestral (6 números) .....	400\$00

### Estrangeiro — Anual (12 números)

por via aérea

Europa, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe  
23 dólares USA,

Restantes Países .....	28 dólares USA
------------------------	----------------







desportivas além de semanários de vanguarda, com linguagem comedida mas de espírito combativo.

### Um novo marco: as eleições partidárias

As eleições internas de 1982 marcaram definitivamente a mudança de tom da sociedade civil (ver *cadernos* n.º 51). A luta travava-se com as regras de jogo determinadas pelo regime, mas a oposição aceitava o desafio. Os militares queriam um "cronograma" para recuperar a legitimidade, a oposição — e no Uruguai de 1982 a oposição já representava 90% da população — aceitava um "cronograma", mas para recuperar a democracia. E, na subtil linha de demarcação entre o que é *negociar* e o que é *conceder*, foi-se desenvolvendo um diálogo político (que olhado à distância parece ter sido até um monólogo a duas vozes) entre os dirigentes dos partidos autorizados pelo regime — eleitos na consulta daquele mês de Novembro — e as forças armadas.

Mas a reconstituição das formas organizativas escapa ao âmbito limitado dos partidos autorizados. Os trabalhadores criam o Plenário Intersindical dos Trabalhadores (PIT), os estudantes agrupam-se na ASCEEP (ver matéria seguinte) e os partidos políticos que continuam proibidos revitalizam as suas estruturas para se adequarem aos novos espaços, propiciando e conseguindo um diálogo sobre medidas concretas com os partidos autorizados.

Numa sociedade diminuta como a uruguia, tal significa que os vasos comunicantes se restabelecem, que o sangue tonificante irriga novamente o corpo e o cérebro das vanguardas políticas — mesmo estando na prisão, no exílio, no anonimato dos direitos suspensos ou na linha da frente no contacto directo com os militares. O consenso que surge abre as portas para uma etapa de características novas; combater o regime nos poucos espaços que ele próprio foi obrigado a ir abrindo, lutar na própria fronteira da legalidade, forçando a extensão dos direitos democráticos dosados a conta-gotas pelo regime, com medo de perder o controlo da situação.

O grande acto do 1.º de Maio deste ano, — autorizado pelo regime — reuniu mais de 100 mil pessoas, com uma plataforma muito combativa, que se resumia brevemente nestas três palavras: "Trabalho, salário, liberdade", às quais era acrescentada, audaciosamente e pela primeira vez, uma quarta: "Amnistia".

### A presença das maiorias

Os trabalhadores, responsáveis por toda a organização do acto, demonstravam que não precisavam de tutelas de partidos autorizados e que mantinham, apesar dos longos anos de inactividade sindical forçada, um grande poder de mobilização. A partir do 1.º de Maio, as manifestações oposicionistas caracterizaram-se pela participação maciça do povo. A resistência passava, definitivamente, das elites de vanguarda para as grandes maiorias.

Neste contexto de *crescendo* da resistência ao regime, surge a decisão do padre Pérez Aguirre e de um grupo de seguidores que tinham fundado o Serviço da Paz e Justiça (SERPAJ), de realizar um jejum que terminou no dia 25 de Agosto, a data nacional uruguia. O novo aniversário da independência seria comemorado com um *dia de reflexão* em massa, que acabaria com um *black-out* (*apagón*) voluntário de quinze minutos.

As forças armadas cercam e reprimem o SERPAJ, prendendo vários dos que jejuavam. Num clima rarefeito e tenso, produz-se a primeira grande evidência da força alcançada pela organização das medidas contestatárias. Correspondentes estrangeiros que estavam preparados para registar o *black-out* contam que subiram aos terraços dos edifícios mais altos da capital uruguia e assistiram a um espectáculo inédito. Com uma precisão quase cronométrica, os diferentes bairros de Montevideo, do aristocrático Carrasco, na extremidade leste, ao proletário El Cerro, na outra ponta, foram ficando às escuras, durante quinze minutos e às vezes mais, numa unanimidade electrizante. E embora não tivesse sido preparado, começou a ouvir-se um bater de painéis (usadas desde há algum

tempo atrás por grupos de moradores de bairros mais combativos) que contagiaram quase toda a cidade, naquele duplamente histórico 25 de Agosto.

O regime estava preparado para reprimir qualquer manifestação daqueles que são genericamente chamados de "grupos subversivos". Mas, como responder à decisão maciça dos cidadãos de apagar as luzes e fazer barulho com painéis?

O Plenário Intersindical dos Trabalhadores (PIT) avança mais nas suas palavras-de-ordem e convida paralisações de dez minutos alternados no dia 12 de Setembro enquanto as direcções partidárias, num trabalho cada dia mais convergente, prosseguem na tarefa organizativa. Então sim, estava-se a organizar um *cacerolazo*. Data: 25 de Setembro. Do espontaneísmo do barulho de 25 de Agosto, passa-se a uma segunda jornada de resistência com palavras-de-ordem bem concretas: *apagón y cacerolas*. Levar a desobediência civil ao limite, versão uruguia do método de luta preconizado pelo Mahatma Gandhi.

E mais: redime a panela do desprezo generalizado que sofreu depois de ter sido usada pela direita chilena contra a proposta socialista do presidente Allende. O *know-how* chileno, empregado também maciçamente nas jornadas de protesto contra Pinochet, demonstrava que o instrumento não é mau nem bom em si mesmo, dependendo da forma e dos objectivos com que for usado. E constitui para os uruguaios um elo mais a inserir na imensa cadeia da solidariedade latino-americana e terceiro-mundista contra os opressores.

Para o dia 25 de Setembro os instrumentos estavam refinados. Nalgumas fábricas os próprios operários, durante os dias anteriores, se tinham deleitado construindo "OMNIs" (Objectos Musicais Não-Identificados), que na hora do batuque segundo os ouvidos atentos, "produziam um barulho infernal" com o seu cabo de ferro terminando em duas sinetas.

O clima que reinava em 25 de Setembro já não era o mesmo de 25 de Agosto. Durante todo o dia, tinham-se realizado as comemorações do encerramento da Semana da Primavera, promovida pela



ASCEEP. Se em Agosto a população tinha acatado a palavra-de-ordem de *black-out* sentindo-se prudentemente protegida pela intimidade da escuridão do lar, um mês depois o *cacerolazo* foi agressivo, ostensivo e desafiante.

As pessoas saíam à rua com as panelas — objectos didácticos cuja utilização as mães ensinam aos filhos — desde cedo, viajavam com elas nos autocarros, passeavam de um lado para outro, e ensaiavam ritmos para melhorar a actuação à noite.

E não eram só panelas, mas também apitos e pandeiretas, tachos e matracas, tocados ao som de raízes negras ou dos ritmos suburbanos nos bairros de classe de menor rendimento e com acordes tão importados como o *teflon* que as revestia, nalguns bairros elegantes.

Alguns moradores tiveram até a audácia de fazer o seu protesto na própria porta das mansões de certos representantes do regime, iluminadas no meio da escuridão geral. O balanço da noite foi gratificante, nunca ninguém teve notícia de um carnaval cívico deste tipo, ensurdecedor e alucinante, em toda a história dos "orientais" (como são conhecidos os uruguaios).

Segundo algumas versões, também a prisão de Punta Carretas (um bairro de classe média de Montevidéu) se uniu ao *cacerolazo* com o repicar combativo das grades, detrás das quais os presos se juntaram ao protesto dos seus compatriotas, com emoção e raiva, durante mais de uma hora.

Um correspondente europeu escreveu numa crónica que, quando esperava o *black-out* num bar do centro de Montevidéu, teve de sair à rua porque os empregados, pedindo desculpas, fecharam o local, que permaneceu totalmente às escuras durante os quinze minutos de protesto generalizado.

Nem mesmo os autocarros e transportes colectivos romperam a palavra-de-ordem do *Ola, ola, esta noche hay cacerola*, e circularam com as luzes internas apagadas e fazendo barulho com metais que batiam contra a carroçaria...

#### Também noutras cidades

○ ruidoso protesto uruguio

une-se, como forma de luta maciça e inédita, àquele que a muitos quilómetros de distância, no outro extremo do mundo, foi realizado naqueles mesmos dias pelos filipinos, revoltados contra o regime de Marcos, ao saltarem milhares de cães pintados com palavras-de-ordem antiditatoriais. Está inserido na longa série de actos de resistên-

cia civil, como os jejuns em massa das donas-de-casa da Bolívia, que acabaram por derrotar o regime do general Bánzer, em união com a força combativa dos camponeses e mineiros mobilizados. Irmana-se com os *cacerolazos* chilenos, com as batalhas de paralelepípedos dos habitantes de Masaya e Monimbó, na Nicarágua, nos últimos dias do

## Vitoriosa "Terceira Jornada"

**C**ONCORRIDAS manifestações antigovernamentais, com a participação de milhares de uruguaios, registaram-se no domingo 23 de Outubro, na Terceira Jornada de Protesto contra o regime militar. As acções incluíram, como nas duas ocasiões anteriores, *black-outs*, manifestações, bater de panelas e outras formas de protesto.

Os dirigentes políticos da Interpartidária, integrada pelo Partido Nacional (*Blanco*), Colorado e a União Cívica, de tendência conservadora, representantes sindicais, estudantes e de outros grupos civis expressivos, concordaram que a manifestação foi tão bem sucedida como as anteriores. Nos dias que antecederam a Terceira Jornada de protesto, o governo militar ordenou a detenção de dezenas de pessoas, incluindo cinco dirigentes do Partido Colorado.

Uma variação em relação às jornadas anteriores foi que a oposição convocou manifestações para 11 lugares diferentes da capital, criando assim um sério problema à Polícia, que precisou dispersar os seus efectivos.

Alguns dias depois, a 9 de Novembro, realizou-se a Segunda Jornada de Protesto Sindical. Convocada e programada pelo Plenário Intersindical de Trabalhadores (PIT) iniciou-se com paralizações de dez minutos, às 10 e às 16 horas (cumpridas por noventa por cento da força laboral) terminando com uma concentração frente à Universidade da República, às 20 horas.

Na véspera, o governo, através do ministro do Interior, general Hugo Linares Brum, tinha anunciado por uma cadeia de Rádio e Televisão que "em cumprimento das suas funções específicas adoptará todas as medidas necessárias no sentido de impedir as programadas concentração e manifestações ilegais".

Com efeito, quando as duas colunas — a do sector estudantil e a sindical — desembocaram na Universidade, foram recebidas com uma dura repressão por parte dos efectivos policiais que rodeavam aquela instituição escolar, desde muito cedo. O saldo foi de mais de quinhentos presos e alguns feridos.

A crescente mobilização popular e o descontentamento generalizado contribuíram decisivamente para acelerar a crise interna nas Forças Armadas. Os altos comandos da Marinha e Força Aérea ameaçaram retirar-se do governo se não se adoptassem medidas tendentes a diminuir as tensões sociais.

Pouco depois, recuperaram os seus direitos mais de vinte dirigentes políticos dos partidos tradicionais, levantou-se a censura prévia à Imprensa e ficou sem efeito a Acta Institucional que proibia as actividades políticas aos partidos autorizados. Foi anunciado que estas medidas seriam complementadas com a legislação da Democracia-Cristã, o Partido Socialista e outros sectores políticos.

No entanto, dirigentes dos partidos tradicionais Blanco e Colorado afirmaram posteriormente que estas medidas não eram suficientes para se retomar o diálogo político, suspenso com os militares, em Agosto último, por decisão unilateral dos partidos autorizados, na sequência das profundas divergências que os separavam dos militares.



somozismo, e com tantas outras formas de resistência que os povos vão forjando quando se produz esta viragem que impulsiona a luta, transferindo-a dos ombros dos quadros militantes para a decisão colectiva das grandes maiorias.

No caso do Uruguai, o governo acusou o golpe. O presidente-general Gregorio Alvarez saiu em defesa da "união de todos os compatriotas", enquanto porta-vozes militares como o almirante Invidio se mostravam dispostos a acelerar o processo que conduzirá a um governo civil em 1985. Entretanto, não disseram uma única palavra sobre a reivindicação principal dos cidadãos não atendida pelas forças armadas: a de que este governo civil deverá ser legitimamente eleito e ter todas as garantias de uma Constituição democrática.

Os partidos autorizados estão também impacientes por encontrar saídas, antes que acabem por perder o controlo da situação. Negociar enquanto há tempo é o sábio conselho sussurrado pelas velhas raposas da política aos ouvidos dos militares. Quanto ao povo uruguaio,



A concentração do 1.º de Maio mostrou o poder de convocação dos trabalhadores

tudo indica que aprofundará a sua participação *sui generis* — já que estão proibidas outras formas mais convencionais de expressão — até que o coro do repúdio e a força dos instrumentos acabe por se tornar tão forte e intolerável que jogue por terra as aspirações dos que insistem, indevidamente, em

continuar a dirigir a orquestra. □

<sup>1</sup> *Cacerolazo* — literalmente, "panelaço", termo que designa este novo tipo de protesto político ruidoso, onde os manifestantes batem panelas contra o regime militar.

## OFEREÇA LIVROS ...



320\$00

①



12 números 650\$00

②



140\$00

③



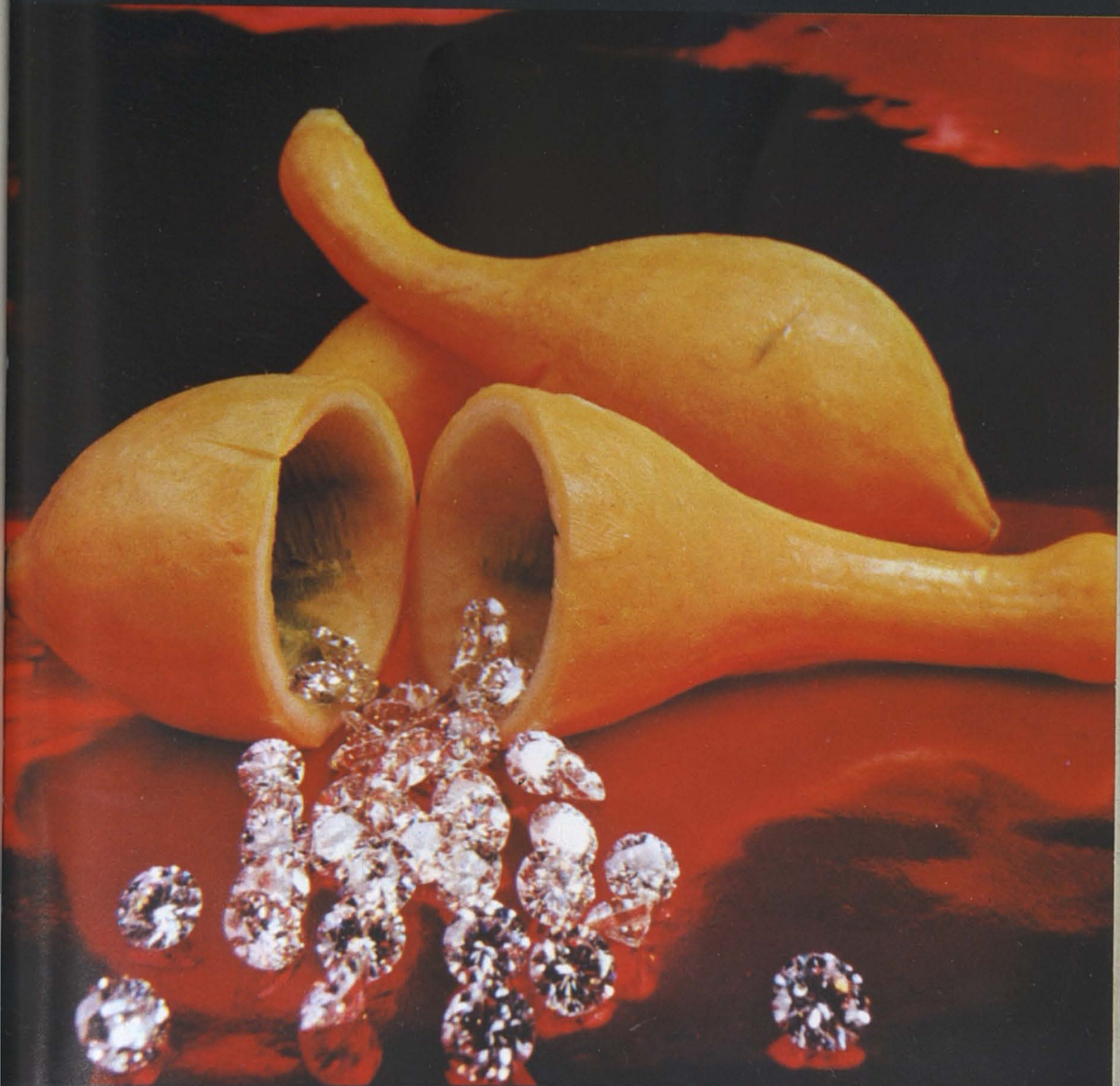
360\$00

④

... E BENEFICIE DOS PREÇOS ESPECIAIS PARA ASSINANTES



Não existe nada mais precioso para um povo do que a sua liberdade.



**Diamantes de Angola**  
Ao Serviço da Reconstrução Nacional



# O Rio de Janeiro é muito mais que um cartão postal do Brasil.



O Estado do Rio de Janeiro não é só feito de belezas naturais. É, acima de tudo, uma grande oficina de trabalho. Por isso, somos o segundo pólo de desenvolvimento e o maior centro financeiro do Brasil.

Nossas empresas produzem, em escala de exportação, alimentos e bebidas, peles e manufaturas de couro, papel, produtos químicos, plásticos e têxteis, borracha natural e sintética, aparelhos elétricos, produtos metalúrgicos e muito mais. E, além de concentrar o maior número de empresas de consultoria de engenharia, o Rio de Janeiro tem o principal aeroporto e o segundo maior porto do Brasil.

O BD-Rio, como agência financeira de fomento, tem a função de trabalhar pelo desenvolvimento do Estado. Por isso, o BD-Rio deseja ser o laço entre nossas empresas exportadoras e os importadores em potencial de nossos produtos. Laço que há de unir povos amigos. Use o BD-Rio para fazer contatos com as empresas do Rio de Janeiro. O BD-Rio terá sempre a solução adequada para a sua expectativa.

GOVERNO DO  
ESTADO DO  
RIO DE JANEIRO  
- BRASIL

ABRINDO NOVOS CAMINHOS

## **BD-Rio**

**BANCO DE DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO S.A.**

Praia do Flamengo, 200 - 23º, 24º e 25º andares

Rio de Janeiro - Brasil - CEP. 22210

Tel.: 205.5152 (PABX) - Telex (021) 22318

Filiado à Associação Brasileira de Bancos de Desenvolvimento - ABDE



## ASIA

### Índia

# Mudar os estilos políticos

O presidente do Partido Janata, Chandra Shekhar, põe em causa a administração da primeira-ministro, Indira Gandhi, e propõe um regresso à filosofia do "Mahatma"

Adrian Soto

QUANDO Indira Gandhi regressou à Índia após a sua visita à Europa, encontrou um panorama político bastante agitado. O próprio regresso teve de dar lugar, nos noticiários, àquilo que a imprensa indiana considerou "o mais significativo evento político do ano": a chegada a Nova Déli de Chandra Shekhar, que acabava de completar a sua longa marcha através do País.

Tratava-se de um feito à altura do Mahatma Gandhi. Chandra Shekhar, presidente do Partido Janata, principal partido da oposição, tinha ido até ao cabo Comarin, na extremidade sul da Índia, e caminhará a pé mais de 4.000 km, até Nova Déli. Levou seis meses para completar a grande marcha (ou *padayatra*), durante a qual encontrou milhões de pessoas, ao atravessar milhares de vilas. Com isto, granjeou a reputação de político diferente: há quem diga que ele tem algo de santo.

Chandra Shekhar, de 56 anos de idade, surge agora como o mais sério rival político de Indira Gandhi. É tido como o mais provável sucessor da Primeira-Ministra, caso o Partido do Congresso de Indira perca as próximas eleições, que se realizarão provavelmente, dentro de 16 meses.

O Partido Janata, de Shekhar, derrotou o Partido do Congresso de Indira, em 1977, permanecendo no poder durante 29 meses para apenas ser derrotado novamente pelo Partido do Congresso, quando teve início o seu processo de desintegração interna.

Shekhar é membro do parlamento há 21 anos, e não se cansa



Chandra Shekhar: o estilo de "mahatma" ou um sério rival da senhora Gandhi

de repetir que foram 21 anos inúteis, dada a política elitista de Nova Déli, que despreza a realidade das aldeias indianas, nas quais não existem recursos para atender às mais simples necessidades, como a de água potável.

Em fins da década de 60, Shekhar era o braço direito de Indira. Foi por essa altura que recebeu a alcunha de "Jovem Turco" da política indiana. Abandonou o Partido do Congresso em 1973 e, desde 1977, preside ao Partido Janata.

Confessa que se inspirou no Mahatma Gandhi e em Mao Tsé-Tung para realizar a sua *padayatra*. Diz ele que a sua longa caminhada lhe trouxe duas grandes satisfações:

"a de saber que bati à porta de tantas pessoas e entrei em tantas cidades, e a satisfação de ver com os meus próprios olhos as condições do interior do país".

Chandra Shekhar mora numa casa modesta no sector sul da Avenida Market, em Nova Déli. No pátio da casa, a sua secretária empenha-se em atender os inúmeros visitantes que vêm de toda a parte da Índia para ver o líder. O seu escritório é uma ampla sala, na qual, num estilo muito indiano, não existe escrivaninha. O móvel principal é uma cama, no chão, a um dos cantos da sala, onde Shekhar passa os seus momentos de repouso. Há ainda um sofá, uma poltrona e várias almofadas no chão, que servem de assento aos visitantes. A única decoração é uma velha estátua de um deus indiano, dominando o ambiente. Shekhar surge com a sua barba grisalha, trajando pijama branco e largo e uma longa túnica branca.

*Há algumas semanas, o senhor regressou a Nova Déli depois de uma caminhada de seis meses através da Índia, e disse que tinha sido como descobrir o seu país pela primeira vez. Acha que o povo indiano precisa de um novo "Mahatma"?*

— Não, não creio que o povo indiano precise de um novo *mahatma*. O que o povo indiano precisa é de uma nova abordagem na solução dos seus problemas. Para isso, não há necessidade de um novo *mahatma*, mas sim de uma nova política, na qual as questões sejam orientadas na direcção dos pobres e dos seus problemas. Um só *mahatma* não pode resolver os



problemas de 700 milhões de pessoas. O povo pode fazê-lo. Mas, para tanto, é preciso que ele tenha consciência disso.

Há muito que se inculca na mente do povo a ideia de que alguns *mahatmas* — um punhado de grandes homens — haveriam de resolver os problemas do país. Com isso, o povo foi levado a esquecer a mensagem que o próprio Mahatma Gandhi transmitiu na sua luta pela independência. Ele jamais disse ao povo que iria resolver os seus problemas: pelo contrário, disse que o povo é que teria de resolvê-los.

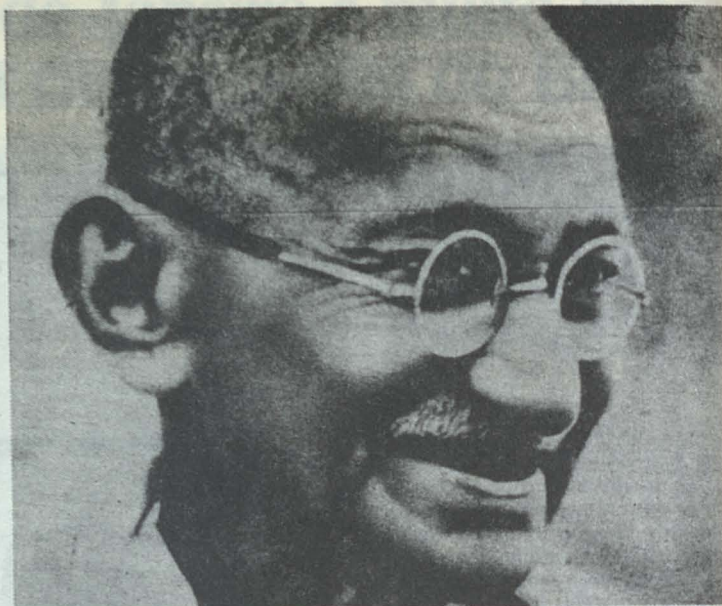
### Uma política elitista

*Que erros foram cometidos na política indiana desde o desaparecimento de patriarcas como Gandhi e Nehru?*

— Após a independência, procurámos resolver todos os problemas através do aparelho governamental, que se mostrou inadequado. Herdámos esse aparelho do colonialismo britânico. Tratava-se de um sistema concebido para dominar o povo de cima para baixo, para explorar o povo, e não para resolver os seus problemas. De modo que, confiando nesse mesmo mecanismo, preservámos uma velha ordem social que é opressora e exploradora do povo. Jamais fizemos qualquer esforço sério no sentido de mudar a estrutura social, a qual não tinha sido construída em benefício do homem comum. Não foi possível mudá-la porque persistimos na mesma política elitista que dominava este país há séculos. O necessário, após a independência, era a incorporação das massas na política e na administração do país. O povo permaneceu à margem. Foi esse o erro básico.

*O senhor e o seu partido também cometeram o mesmo equívoco de fazer política a partir do velho aparelho, ou isso foi um erro apenas do Partido do Congresso?*

— Nós também cometemos o mesmo erro. Durante os 36 anos da nossa independência, a política indiana tem sido administrada a partir da área metropolitana. As decisões são concentradas em Nova Déli, procuramos resolver os problemas do povo, na capital,



O legado espiritual de Gandhi continua a influenciar a política indiana

quando a grande maioria vive em aldeias distantes. Nenhum projecto adoptado para o desenvolvimento do país, teve em conta a realidade das pequenas vilas, onde mora 75% do nosso povo.

Nenhuma tecnologia sofisticada e nenhum processo supermoderno de planeamento é essencial antes de mobilizarmos a pedra angular deste país, que é a mão-de-obra. Antes disso, nada será possível. E isso não é fácil enquanto 65% da população continuar analfabeta. Nenhuma mobilização social é possível se o povo não se identificar com aqueles que administram este país. E essa identificação de facto, não existe na política indiana de hoje.

*O senhor só veio a perceber toda essa realidade durante a sua "padyatra"?*

— Não. Mantenho estas ideias há muito tempo. Não é de hoje que participo no Parlamento. Há anos que me bato pela ideia de que devemos confiar mais no povo. Devemos estruturar o partido segundo as necessidades das massas.

A partir de tais bases, devemos procurar construir uma nova sociedade. Não mais para servir alguns poucos, escolhidos. Não precisamos competir, como o fazemos hoje, com as nações mais desen-

volvidas do mundo, para lhes mostrar que aqui também podemos ter os mesmos luxos e extravagâncias. Ao fazê-lo, os nossos governantes estão a ignorar o facto de que milhões, centenas de milhões de indianos, vivem na mais alarmante pobreza.

O objectivo da minha longa caminhada era verificar se o povo estava pronto para aceitar um novo tipo de política, caso esta viesse a ser introduzida. E estou convencido de que o povo está pronto. Chegará a hora em que este povo saberá opinar acerca do seu próprio futuro. O homem comum precisa ser entendido pelos líderes políticos e económicos.

### A ruptura com Indira

*No passado, você esteve muito ligado à Senhora Indira Gandhi. O que se passou? O senhor lidera, actualmente, o principal partido de oposição...*

— A maioria dos meus princípios são muito velhos: eu já os mencionava na década de 60, quando o Partido do Congresso era só um. Naquele tempo, eu falava a mesma linguagem política da Sr.<sup>a</sup> Gandhi. Em 1971, ela lançou a palavra-de-ordem de que o seu partido eliminaria a pobreza



O povo deste país recebeu esse *slogan* de braços abertos. Na altura, o Partido do Congresso obteve uma maioria de dois terços no Parlamento. Logo após as eleições, fui forçado a deixar o Partido do Congresso, ao verificar que o governo da Sr.<sup>a</sup> Gandhi não estava a procurar cumprir as suas promessas de forma séria. As políticas do governo eram concebidas em favor dos poucos escolhidos, concedendo-lhes luxos e extravagâncias, enquanto milhões de pessoas lutavam para satisfazer as suas necessidades básicas, mínimas. Os ricos deste país continuavam a ser tão ricos quanto os mais ricos do mundo, enquanto os pobres eram mais pobres que os mais miseráveis habitantes de países pobres. Foi por isso que percebi que não podia continuar a trabalhar ao lado da Sr.<sup>a</sup> Gandhi.

*Qual seria a sua principal política para a distribuição da riqueza, caso se tornasse primeiro-ministro após as próximas eleições?*

— É muito difícil imaginarmos a nós próprios como primeiros-ministros... Mas posso dizer que, num país onde 40% dos 700 milhões de habitantes vivem a um nível inferior ao da pobreza, onde crianças morrem de fome, não há lugar para luxos. Não temos os meios para justificar luxos.

*Acha que os pobres deste país poderão algum dia levantar-se contra o governo central ou contra as elites económicas, exigindo justiça?*

— Não posso responder a essa pergunta com um "sim" definitivo. Mas, se olhar o mapa da Índia, verá que os grupos étnicos do leste e do oeste, e os estados do norte e do sul, estão a passar por um período de turbulência. A violência já explodiu nalguns estados como Assam, Punjab e Bengala Ocidental.

Se eu estivesse no lugar da Sr.<sup>a</sup> Gandhi, teria dito à nação que todos devemos compreender que somos cidadãos de um país pobre, e que devemos partilhar da pobreza dos nossos concidadãos. Você viu Nova Déli... Nova Déli não é a Índia. Milhões de dólares são gastos para tornar a cidade cada vez mais bonita, enquanto no interior as pessoas passam fome.

Devemos criar uma atmosfera

sócio-política na qual todos compartilhem da pobreza. Não quero dizer com isto, que todos devemos viver ao mesmo nível económico. Mas devemos demonstrar ao povo que estamos preocupados com a sua situação. Não somos assim tão privados de recursos, temos os nossos. Podemos criar crianças mais saudáveis, mas só se estivermos dispostos a fazê-lo.

Devemos inculcar no país uma nova disciplina. Políticos e homens de negócios devem parar de hospedar-se em hotéis de cinco estrelas. No caso de escassez de alimentos, todos nós devemos jejuar durante dois ou três dias por mês. Todos devemos apertar os cintos. Se não impusermos uma nova disciplina, como podemos esperar que a desnutrição deixe de causar a cegueira entre as nossas crianças?

Outro aspecto é o de esta sociedade, queiramos ou não, estar a mudar. A dinâmica social prossegue, com ou sem a nossa concorrência. Hoje, crianças das castas mais humildes frequentam universidades e apresentam-se no mercado de trabalho como mão-de-obra altamente qualificada, coisa

que era impensável há uma geração.

Essas pessoas vêm de sectores da sociedade que foram desprezados há séculos. Sectores aos quais se a dizia que o sofrimento nesta vida se devia à lei divina do *Kharma*. Essa lei estabelece de antemão o destino das pessoas no mundo. Hoje, o povo começa a rejeitar esse tipo de crença e a apontar, cada vez mais, o dedo acusador contra a estrutura social. Sempre que um novo sector da sociedade obtém acesso à educação, surgem tensões sociais. Devemos tentar compreender as aspirações dessas pessoas. Ao invés disso, o nosso governo central está a lançar mão da coacção, para os silenciar. Qualquer sociedade que tentar silenciar movimentos de protesto mediante coacção entrará, mais cedo ou mais tarde, em decadência. A situação na sociedade indiana é grave. Diria que, de certa forma, sim, o povo está a revoltar-se. Mas a Índia é um país muito vasto, e o governo central ainda controla os principais meios de informação. O governo, porém, não pode continuar a tirar proveito dessa situação até sempre.

Para o presidente do Partido Janata, o combate à pobreza prometido pelo governo de Indira (ao lado) foi um fracasso





Quando uma pessoa como eu se chega até ao povo para esclarecer o presente estado de coisas, o povo começa a perder confiança no actual governo.

#### A coacção semeia ódios

*O principio da boa vontade é um ingrediente muito antigo da política indiana, mais antigo que a própria independência. Na sua opinião, a boa vontade já não é a tendência dominante? Estará a política férrea a substituir a boa vontade?*

— Muitos problemas são de natureza emocional. E em todo o mundo surgem problemas emocionais, especialmente no seio das minorias. O desafio das comunidades maioritárias é conseguir compreender as minorias. O Mahatma Gandhi dizia que “a verda-

deira democracia pode ser identificada pela sua política em relação às minorias”. Os actuais problemas que têm surgido no seio das minorias não estão a ser tratados com simpatia ou compreensão. O resultado é o de essas minorias começarem a duvidar das declarações do governo, ameaçando levar a coexistência social ao colapso. Foi isso que aconteceu em Assam e está a acontecer no Punjab.

Na verdade, uma nova tendência começa a dominar o país, tendência essa que não tem em conta a boa vontade. É o poder de coacção do Estado que se torna cada vez mais predominante. Mas a história da humanidade mostra que o poder de coacção jamais foi capaz de resolver problema algum, a longo prazo. Isto aplica-se a comunidades minoritárias e até mesmo a indivíduos. Qualquer pessoa que tenha

as suas aspirações, deveria ser respeitada pelo Estado. O poder de coacção só semeia ódios.

*O seu Partido está preparado para recuperar, por ocasião das próximas eleições, a posição de destaque que tinha há alguns anos?*

— Gostaria de poder responder a essa pergunta. Posso dizer apenas que procuramos prepararmo-nos. O nosso objectivo é derrotar o partido governante. Não sabemos se poderemos fazê-lo sozinhos; é mais provável que tenhamos de cooperar com outros partidos da oposição para tal. Mas isso são coisas que só o futuro dirá. □

<sup>1</sup>*Em sânscrito, significa “iluminado”, “santo”.*

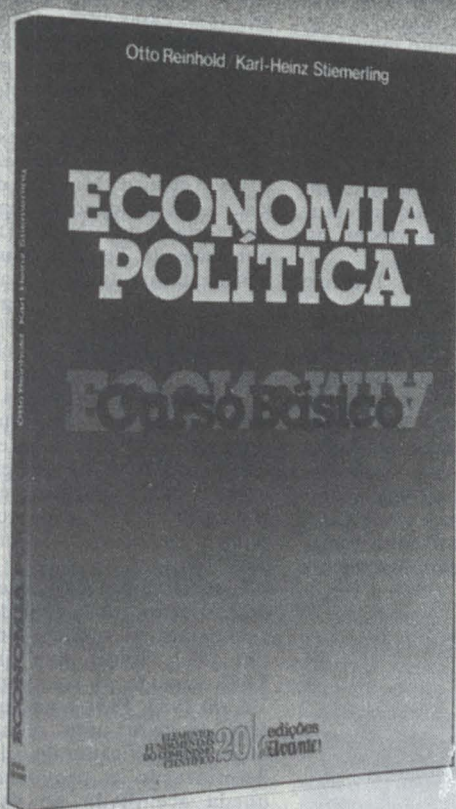
Da população indiana, 40% vivem abaixo do nível de pobreza





Otto Reinhold / Karl-Heinz Stiemerling

# ECONOMIA POLÍTICA



## Curso Básico

Esta obra explica e comenta, de forma simples e compreensível a todo o iniciado, as leis fundamentais dos modos de produção capitalista e socialista.

Contém uma análise detalhada da crise geral do capitalismo, incluindo o estudo da crise de 1974.

ELEMENTOS  
FUNDAMENTAIS  
DO COMUNISMO  
CIENTÍFICO

20

edições  
Avante!



## Futuro sombrio para o Terceiro Mundo

Prevê-se que a recuperação econômica no Norte não seja suficientemente forte para resolver a dramática situação dos países pobres

**O**S prognósticos divulgados recentemente pela comissão das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) revelam dados extremamente pessimistas para os países do Terceiro Mundo em geral. De acordo com um relatório publicado em Setembro, os países subdesenvolvidos registaram um crescimento econômico de 0,5% em 82, baixando para 0,3% em 83. Essas cifras são inferiores ao crescimento demográfico do Terceiro Mundo, o que indica uma redução geral do rendimento *per capita* nos países da região. Para 84, é esperada uma recuperação de 4%, no ritmo de crescimento econômico.

A recuperação parcial prevista para 84 é apenas uma estimativa, baseada em grande parte na esperança de que as economias dos Estados Unidos e da Europa consigam sair da recessão. Segundo a UNCTAD, a economia norte-americana crescerá 3% em 83 e 4,5% em 84. Quanto ao primeiro índice, é até possível que ele seja um pouco maior do que a previsão. Mas já os prognósticos para 1984 estão rodeados de dúvidas cres-

centes. Dentro dos Estados Unidos, há um grande debate sobre a solidez da recuperação econômica, que para alguns é apenas passageira.

A recuperação econômica dos países ricos tem importância para o Terceiro Mundo porque ela irradiará os seus efeitos, uma vez que a reaceleração do ritmo industrial nos Estados Unidos e na Europa fará com que aumentem as importações de matérias-primas. A reactivação do comércio internacional aumentará os rendimentos dos países subdesenvolvidos que, assim, poderão sair da dramática conjuntura econômica que vivem no momento.

Antes de beneficiar o Terceiro Mundo, a incerta recuperação econômica dos Estados Unidos irá beneficiar primeiro a Europa, que, em 1983, deve apresentar um crescimento da ordem de 0,7%, passando a 1,7% em 1984. Essas projeções, feitas por técnicos do Velho Mundo, indicam que ao contrário de algumas visões mais otimistas, a reactivação não deve ser tão acelerada a ponto de estimular as nações dependentes economicamente

da Europa.

O único país que está a conseguir escapar incólume aos efeitos da recessão no mundo ocidental é o Japão, que manteve um ritmo de crescimento da ordem de 3% em 82, passando a 3,2% em 83, devendo atingir os 3,5% no ano que vem. Essas cifras estão, no entanto, muito longe dos índices alcançados nos "tempos do milagre", entre 74 e 78, quando elas eram duas vezes maiores que as actuais.

Nesse contexto a desejável recuperação global, e em particular, a do Terceiro Mundo, deve ser vista com prudência. Segundo o secretariado da UNCTAD, as exportações do Terceiro Mundo experimentaram uma queda da ordem de 3,8% em 82, seguida de uma recuperação de 1,2% em 83 e existe a previsão de chegar a 4,6% em 84. Isso significa que, se as expectativas otimistas se concretizarem no ano que vem, o Terceiro Mundo estará a exportar apenas 2% mais do que em 1981, o que é insuficiente para cobrir as exigências do crescimento demográfico médio avaliado em torno de 2,5%.

Essa situação agrava-se com a deterioração dos índices de trocas comerciais no sentido Norte-Sul. Em 1982, houve uma queda de 3,6%, seguida de outra queda de 7% em 1983. Para o ano que vem, está prevista uma recuperação quase insignificante de 0,1%. Essa deterioração é provocada pela queda acentuada no valor dos produtos primários exportados pelos países subdesenvolvidos e pelo aumento dos custos dos artigos manufacturados da Europa e dos Estados Unidos. □

Até que ponto os efeitos da retoma econômica dos países ricos se repercutirão no Terceiro Mundo?





# A armadilha do petróleo

Nos próximos 15 anos, os países pobres ver-se-ão forçados a consumir dez vezes menos combustível do que os ricos

**A** absoluta diferença no consumo de energia entre países pobres e ricos aprofundar-se-á ainda mais no futuro, mas a perspectiva mais grave tem origem no facto de que ainda não se sabe como poderão as nações do Terceiro Mundo financiar as fontes substitutivas do petróleo quando esse recurso energético se esgotar.

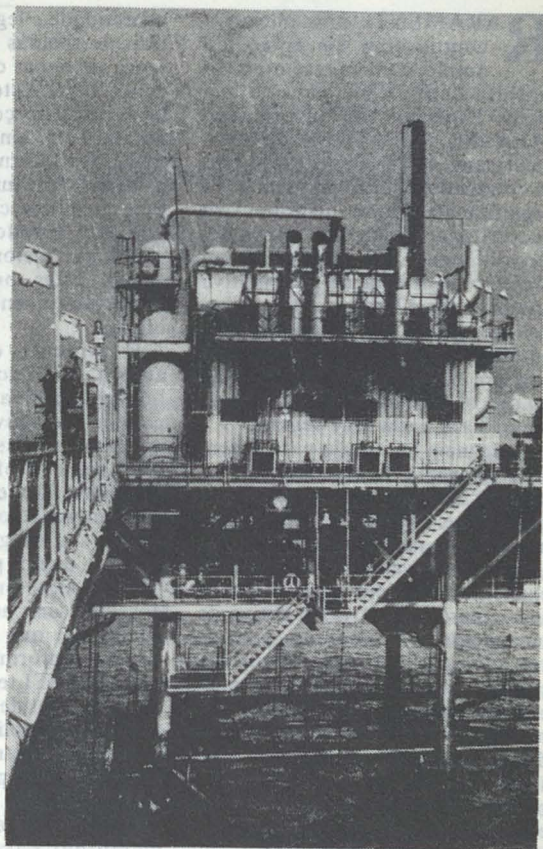
Essa não é uma conclusão textual da 12.ª Conferência Mundial de Energia, realizada em Nova Déli entre 18 e 23 de Setembro passado, e sim uma dedução dos seus cálculos e previsões.

Segundo as estimativas do Banco Mundial, o montante dos investimentos, que deveriam efectuar-se nos próximos anos para satisfazer as necessidades de energia do Terceiro Mundo, eleva-se a 130 mil milhões de dólares. A maior parte da energia consumida pelas camadas mais pobres do planeta vem da lenha. A consequente pressão sobre as matas faz com que as áreas florestais diminuam a um ritmo de 250 mil quilómetros quadrados por ano e não se tomam medidas para deter essa calamidade ecológica planetária. Se a actual tendência demográfica continuar durante 40 anos, a população mundial duplicará, atingindo entre oito e dez mil milhões de indivíduos no ano de 2020. Mais de metade dessa população será composta por habitantes do Terceiro Mundo; no melhor dos casos, o consumo de energia dos países subdesenvolvidos será dez vezes inferior ao das nações industrializadas. Por sua vez, a participação do petróleo no consumo mundial de energia terá declinado de cerca dos 50%, actualmente, para 20% em 2020.

## A necessidade de alternativas

Temos, portanto, que a energia básica não-comercial, a lenha, se irá esgotando, e que o mesmo acontecerá com a actual fonte primária de energia, o petróleo. Essas quebras obrigarão ao desenvolvimento de fontes alternativas de energia como pré-requisito para que a civilização industrial moderna não desapareça ou retroceda. Mas, assim como é visível que as nações avançadas têm recursos para a corrida substitutiva, e já estão a desenvolver fontes alternativas, o contrário acontece com os países pobres.

O endividamento destes últimos cresceu 60% nos últimos três anos. Tomando como ponto de partida a presente perspectiva, no mínimo, esse grupo de na-



ções não tem a menor possibilidade de financiar pelos seus próprios meios, nem mesmo metade dos 130 mil milhões de dólares indicados pelo Banco Mundial e por outro lado, o montante da ajuda económica internacional está em franco declínio.

Diante desse panorama desolador, o Congresso Mundial de Energia lançou um alarme formal: é imprescindível continuar os esforços para impulsionar as fontes de energia alternativas ao petróleo e os países desenvolvidos deveriam ajudar os mais pobres a encarar as suas crescentes necessidades de energia. □



# SIP boicota ALASEI

A maior organização de proprietários de jornais privados do continente latino-americano tenta impedir o funcionamento de uma agência independente

**R**ARAMENTE uma iniciativa contou com um apoio tão amplo, como a recém-criada Agência Latino Americana de Serviços Especiais de Informação (ALASEI). Mas a Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP) não só condenou o surgimento da nova organização, como deixou claro que vai criar obstáculos ao seu desenvolvimento. A ALASEI é um projecto de integração informativa apoiado por 12 países latino-americanos, pelo SELA (Sistema Económico Latino-Americano) e pela Unesco. A ALASEI foi inaugurada no dia 10 de Outubro, no México, onde ficará a sua sede central.

A agência foi criada para preencher um vazio de objectividade na circulação das informações no continente. A sua função é complementar e não substituta dos instrumentos e veículos actualmente existentes no meio jornalístico latino-americano. O vazio deriva da incapacidade da imprensa privada em criar serviços jornalísticos nos campos da política, economia e sociedade, fora dos que são actualmente oferecidos. A imensa maioria dos meios de comunicação de massas da região pertence a interesses privados e orienta-se por critérios comerciais. Esses critérios substituem o material informativo que tem uma função educativa, sem interesse comercial.

Ao mesmo tempo existem muitos governos e instituições que consideram necessário estimular a produção e circulação de material informativo de carácter mais regional, especialmente os ligados à integração latino-americana. Esta preocupação faz igualmente parte da procura de um consenso sobre a

necessidade e legitimidade de políticas, destinadas a assegurar a presença de temas de maior valor sócio-cultural. Este princípio está na base dos esforços a favor da implantação de uma Nova Ordem Informativa Internacional (NOII).

Os meios de informação privados e os governos capitalistas alegam que se o Estado passar a ter um papel nos meios de comunicação social, estes poderão funcionar como instrumentos de propaganda oficial.

É evidente que num regime autoritário, o governo pode usar a imprensa para a sua glorificação e para ocultar actividades ou opiniões incómodas. Mas isso — sem penetrar mais profundamente num problema tão complexo —, não diminui o facto de o desenvolvimento e a integração da América Latina, como parte do Terceiro Mundo, deverem ser acompanhados por um acesso informativo adequado, que não é feito pelos meios de informação privados.

A ALASEI teve em conta os diferentes tipos de questões possíveis na realidade política do continente, e resolveu optar por um processo de produção e promoção de serviços especiais de interesse regional, dentro de uma estrutura ampla de pluralismo. Para atender a este objectivo, o seu conselho directivo deverá ser formado por representantes de governos e de entidades privadas. Entre estes últimos, estarão delegados de organizações jornalísticas das associações de técnicos de comunicação social, da SIP e da AIR (Associação Interamericana de Radiodifusão).

A SID reúne os proprietários de 1500 jornais do continente ameri-



cano, e a AIR congrega os donos de emissoras de rádio e TV da América Latina e Estados Unidos. As duas organizações foram sempre contrárias a qualquer iniciativa que não fosse controlada pelos seus próprios integrantes. A ALASEI, por sua vez, propôs que a SIP e a AIR tenham os mesmos direitos de voz e voto que a Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação (ALAIC) e a Federação Latino-Americana de Jornalistas (FELAJ). No começo de Novembro, no México, um delegado da SIP anunciou que a entidade recusou definitivamente o convite para integrar o conselho da ALASEI, atitude que foi imediatamente adoptada pela AIR. Segundo a SIP, a ALASEI configura um "instrumento potencial de propaganda para os governos ligados à organização".



No plano prático, devem ser tomadas decisões e atitudes pelas duas poderosas organizações, no sentido de impedir que os seus associados compre ou divulguem os serviços da ALASEI, configurando uma importante obstrução para o desenvolvimento da agência. O campo da imprensa progressista ou simplesmente aberta aos temas apresentados pela ALASEI é muito reduzido, o que lhe dificultará o

acesso aos grandes veículos de informação no continente.

German Carnero, gerente geral da ALASEI, admitiu que a oposição da SIP criará problemas de mercado e que a agência deverá enfrentar "grupos que defendem privilégios egoístas". Manifestou também a sua estranheza pelo facto dos membros da SIP porem em causa os financiamentos dados por governos à agência, salientando que

os recursos, oficiais constituem apenas 33% do total do orçamento da ALASEI. "Quase todos os sócios da SIP — afirmou Carnero — compram os serviços de agências transnacionais que por sua vez recebem financiamentos dos respectivos governos de origem. Se a SIP tem medo de influências estatais, o que ela deve fazer é sentar-se no Conselho Directivo, e apresentar as suas preocupações". □

## notas de COMUNICAÇÃO

### A Síria destrói escritórios da Wafa

A artilharia da Síria destruiu no dia 7 de Novembro passado, a última central de operações da agência palestina Wafa, que ainda operava no Líbano. O prédio, onde também funcionava o jornal da Organização de Libertação da Palestina (OLP), foi inteiramente destruído, durante o bombardeamento ao campo de refugiados de Baddawi, na cidade de Trípoli. A Wafa e a OLP denunciaram que no mesmo dia, o governo sírio invadiu os escritórios da agência em Damasco, e a entregou a um grupo palestino dissidente que apoia as posições do presidente Hafez Assad.

O escritório central da Wafa continua, no entanto, instalado em Chipre, depois de ter sido a OLP obrigada a sair de Beirute, em Setembro do ano passado. Os jornalistas da agência denunciaram os ataques da Síria contra a OLP como uma tentativa de eliminar uma "organização política independente dos palestinos, e colocá-los sob a tutela do governo de Damasco".

### Filipinas: a rebelião da imprensa

Os quase 200 jornais provinciais das Filipinas estão virtualmente em pé de guerra contra o regime do presidente Ferdinando Marcos, desde o assassinato do líder oposicionista Benigno Aquino. A imprensa comunal manteve nos últimos anos uma atitude de crítica em relação ao governo central, mas sempre evitou ataques mais directos temendo represálias.

Os jornalistas do interior das Filipinas têm experiências trágicas na defesa de uma imprensa independente. Pelo menos três directores de publicações regionais foram assassinados nos últimos dois anos. O próprio Aquino foi jornalista antes de se tornar mundialmente conhecido como o líder da oposição moderada ao governo de Marcos. Entre os semanários provinciais que passaram a hostilizar abertamente o presidente filipino, encontram-se o *Balalong*, editado em Luzon do Sul; o *Kalibo Courier*, de Visayas Ocidental; o *Courier de Dagupan* e o *Islam Observer*, de Mindoro.

Todos esses jornais garantem que continuarão, "pelo tempo que for preciso", a campanha para exigir que o governo esclareça definitivamente o assassinato

de Benigno Aquino, morto no dia 22 de Agosto. Em Manila, a grande imprensa deixou de se ocupar do assunto, cedendo às pressões oficiais.

### Novas fontes de comunicação

Ariel Dorfman, *The Empire's Old Clothes: What the Lone Ranger, Babar and Other Innocent Heroes Do to Our Minds* (Pantheon Books, 1983).

Esta colecção de ensaios aborda o aspecto político-cultural dos *mass media*. Dorfman começa com uma análise do personagem infantil Babar, o Elefante, como um protótipo do ingénuo e eufemístico ideal do imperialismo na Europa dos anos 30. O capítulo sobre o Cavaleiro Solitário (Lone Ranger) explora o aspecto de preservação e direitos naturais de propriedade, introduzindo um ensaio particularmente interessante sobre os heróis na cultura popular. Dorfman aborda o infantilismo vulgar do mundo de Walt Disney, associando-o à sua parente adulta o "Reader's Digest". Um capítulo final ilustra a manipulação anti-socialista da literatura infantil no Chile de Allende. Dos exemplos específicos, o autor extrai conclusões mais amplas, em ensaios muito intrigantes.

Ana Maria Ezcurra e Cayetano De Lella, *La UPI en Puebla: Manipulación Ideológica de la III Conferencia General del Episcopado Latinoamericano* (Celadec, 1980).

Ezcurra e De Lella apresentam uma análise de 470 mensagens da UPI realizadas durante o período de um mês, em 1979, coincidindo com a visita do papa João Paulo II ao México e à Conferência de Bispos. Os autores examinam o impacto ideológico da UPI, particularmente na imprensa latino-americana. A UPI possui uma enorme influência transnacional, sendo dois mil dos seus 6.500 assinantes publicações estrangeiras, entre as quais muitas latino-americanas. (Um estudo a respeito, atribui 39% de todas as notas internacionais na América Latina à UPI e 21% à AP). A discussão que os autores levantam a respeito da "guerra da ideologia", referindo-se à controvérsia em torno da teologia da libertação, é matéria de destaque, especialmente tendo em vista a recente visita do papa à Nicarágua.



## Humboldt e Bolívar

## O teatro ao serviço da causa popular

A montagem da peça de um autor alemão contribui para a reflexão sobre o passado e o futuro da América Latina.

Maluza Stein

“**H**UMBOLDT e Bolívar”, a peça teatral montada no México pelo grupo de teatro uruguaio *El Galpón*, passa-se em princípios do século passado mas é uma peça contemporânea.

Claus Hammel, o autor, afirma que “essa peça trata, pela primeira vez na literatura, dos encontros de Humboldt e Bolívar em Paris e nas encostas do Vesúvio, onde ambos — segundo fontes não confirmadas — se viram pela última vez em 1805”.

Bolívar, educado por Andrés Bello e Simón Rodríguez no espírito de Rousseau, jovem de temperamento ardente, aparece na peça como a imagem dos jovens que hoje em dia também buscam um sentido para a sua vida. “Nessa busca, Humboldt auxilia-o de forma contraditória: um erudito sagaz e um humanista, não um homem de acção, nem um revolucionário”, acrescenta Hammel.

Trata-se de uma obra contemporânea, já que, pela problemática que apresenta, analisa alguns dos problemas que o continente latino-americano ainda vive. O texto do dramaturgo alemão, que foi levado à cena pela primeira vez na República Federal da Alemanha em 1978, encontrou no grupo *el Galpón* um excelente veículo para a sua versão latino-americana, tal como desejava Hammel.

Só um grupo, cuja concepção e prática do teatro passam por uma linha de profunda raiz popular e de compromisso com a realidade



O grupo “El Galpón”

actual, podia colocar no palco de forma criativa e sem desfigurar uma peça que reúne os elementos mais importantes da cultura alemã e europeia. Por um lado, o director Rubén Yanez escureceu o lado mais europeu da peça (o que punha maior acento nas relações harmoniosas entre as duas personagens, coincidentes em termos da sua concepção da história) e salientou as contradições entre as suas posições políticas. Por outro lado, manteve com muita integridade e beleza os elementos principais do quadro teórico brechtiano, traços do romantismo e certas influências de Buchner<sup>2</sup> naquilo que se refere à fragmentação da peça, introduzindo sonoridades tipicamente latino-americanas para reflectir os estados de espírito das duas personagens.

### Um trabalho cultural comprometido

Com um pouco mais de sete anos de exílio no México, a experiência deste grupo uruguaio significa toda uma lição sobre até que ponto a riqueza que um trabalho político-cultural comprometido com as lutas dos povos pode alcançar.

Com os seus 34 anos de existência, *El Galpón* (um grupo independente, inserido nas melhores tradições do teatro uruguaio, cuja primeira expressão foi o *Teatro del Pueblo*, criado em 1937) compreendeu que a questão central em qualquer trabalho cultural alternativo tem que ser pôr em causa e quebrar as estruturas não apenas materiais como também simbólicas das classes dominantes. No caso





A propósito de Bolívar, o grupo "El Galpon" reflecte sobre o passado próximo da América Latina

específico da linguagem teatral, deve-se dar a ela uma dimensão comunitária para que sirva de ajuda à luta política do pólo dominado da sociedade.

Quebrar as estruturas materiais significava buscar a independência, em primeiro lugar do Estado, bem como dos empresários privados. "O único caminho possível para se conseguir esse objectivo — assinala Washington Castillo, um dos membros do grupo — consistia em apelar para a colaboração popular directa, não apenas em termos estritamente financeiros como também em termos de força de trabalho". Com o mesmo espírito, fundamentou-se a necessidade de uma concepção colectiva do trabalho; assim, os actores também são pedreiros, pintores, etc.

"Tivemos que começar quase do zero em todos os aspectos, mas a ideia era muito clara", diz Castillo. "Não existe teatro se não houver homens capazes de integrar no seu desenvolvimento artístico a capacidade física e organizativa para construir a infra-estrutura dessa actividade; não existe teatro se não houver gente capaz de dar a uma

instituição uma autoridade artística e social que a torne digna de ser apoiada".

### O "rebatismo" cultural

"Assumir o exílio de uma forma não individual mas sim como instrumento da luta do povo uruguaio implicou — diz o director Rubén Yanez — um elemento luminoso nas duras experiências iniciais do desterro. Impediu que caíssemos no estrelismo fácil ou na melancolia e autocontemplação dos sucesos passados".

No México, os actores tiveram que se profissionalizar e ampliarem ainda mais os seus critérios de política cultural. Incorporaram influências como os temas de criação colectiva, por exemplo, e técnicas usadas por grupos como *La Candelaria* (Colômbia) e *El Escambray* (Cuba), com os quais tiveram várias reuniões de trabalho e discussão das suas respectivas experiências.

Nesse "rebatismo" cultural, como diz Yanez, no entanto, não se teve que modificar muito o critério de selecção dos materiais ar-

tísticos, já que *El Galpon* nunca foi sectário nem quanto aos temas escolhidos nem em relação à linguagem teatral propriamente dita para encená-los. O critério sempre foi o de fazer um teatro de qualidade artística e principalmente um teatro popular: levar ao povo as melhores criações da humanidade que podem ou não servir, de forma imediata, às lutas especificamente actuais.

Trata-se, definitivamente, de contribuir, por meio do teatro, para a criação de uma resposta que revele as brechas e desmascare as contradições de um sistema social injusto e explorador.

"Humboldt e Bolívar" inscreve-se nesse quadro, assim como as demais 26 peças já encenadas por *El Galpon* no exílio e os 182 espectáculos montados em 54 cidades da América Latina e Europa, também nesses 7 anos de desterro. □

<sup>1</sup> Método de Bertolt Brecht, dramaturgo alemão, que postula o "distanciamento crítico" do fenómeno teatral.

<sup>2</sup> Dramaturgo alemão da primeira metade do século XX.



### Unesco: analisada a alarmante situação do analfabetismo

A alarmante situação de analfabetismo no mundo foi analisada na "Jornada Internacional da Alfabetização", realizada na sede da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco).

O relatório preparatório da reunião assinala que 824 milhões de pessoas de mais de 15 anos de idade, em todo o mundo são analfabetas, e que o problema atinge tanto os países em desenvolvimento como os industrializados.

A projecção realizada pela Unesco mostra que no início do próximo século, haverá mais de 900 milhões de analfabetos e embora a percentagem global tenha diminuído — de 32,9 em 1970 para 28,6% em 1980 — em números absolutos essa taxa aumentou paralelamente ao crescimento demográfico. Outra previsão alarmante indica que nos próximos anos 114 milhões de crianças em idade escolar não poderão frequentar uma escola e passarão a engrossar o número global de analfabetos adultos.

Mais de 40% da população total do Terceiro Mundo pode ser considerada analfabeta, assinalam as estatísticas. Esse índice chega a 73%, se considerarmos só os chamados países menos avançados (PMA).

A África é o continente mais afectado por esse drama: 16 dos 26 países do mundo que têm mais de 70% de analfabetos encontram-se no seu território. Em números redondos, o continente africano tem 156 milhões de analfabetos, o que representa 60% da sua população adulta.



Quanto aos outros continentes, o documento oficial da Unesco indica que aproximadamente 75% dos analfabetos do mundo se encontram na Ásia, atingindo 604 milhões de pessoas em 1980, enquanto que na América Latina o índice é de 44 milhões, representando 20% da sua população adulta.

O estudo assinala também que os jovens representam 60% do total de analfabetos e que 50% da população feminina do Terceiro Mundo, em média, é analfabeta. Os graus de analfabetismo variam também entre o campo, a cidade e os subúrbios das grandes cidades.

Nos países industrializados, a situação começa a inquietar as autoridades. Em 1982, calculava-se que o número de analfabetos nos países industrializados da Europa — com excepção da União Soviética —, mais Estados Unidos, Canadá, Japão, África do Sul, Israel e Nova Zelândia rondaria os 22,5 milhões de pessoas.



Mário Benedetti, figura grande da cultura latino-americana

### Peça de Benedetti em filme

Um peso político uruguaio e o seu torturador são os dois protagonistas de um filme baseado numa peça de teatro do escritor uruguaio Mario Benedetti. A película foi dirigida pelo mexicano Juan Garcia e teve como actores os membros do grupo uruguaio *El Galpón*, que vivem exilados no México.

Os actores Humboldt Riveiro e Rubén Yañez interpretam o preso e o oficial do exército, que tiveram uma infância semelhante, mas acabaram em campos



opostos na idade adulta. A acção passa-se quase integralmente dentro de um quarto fechado, em Montevideo. O título do filme será "Pedro e o Capitão", o mesmo da peça escrita por Mario Benedetti em 78 e encenada no palco, em 1979. A película já tem distribuidores na França, Alemanha Ocidental, países nórdicos da Europa, Argentina e Brasil.

## O novo cinema nicaraguense

Em homenagem ao 50.º aniversário da epopeia do "General de Homens Livres", Augusto César Sandino, no mês de Fevereiro do próximo ano, o Instituto Nicaraguense de Cinema (INCINE) iniciará a filmagem da película "Viva Sandino", com a participação da Sociedade Francesa de Produção (SEP) e do Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica (ICAIC).

Para Ramiro Lacayo, Director do INCINE, o projecto representa um salto de qualidade na cinematografia nicaraguense, que a 17 de Setembro comemorou o quarto aniversário da sua fundação.

A nova cinematografia nicaraguense nasceu durante a luta anti-somozista, em Março de 1979, quando o Comando Nacional da FSLN decidiu criar uma secção de correspondentes de guerra, adjunta à Comissão de Política Externa da Frente Sandinista.

Lacayo, que na época era chefe da equipa de cineastas que integrou a Brigada "Leonel Rugama",

recorda como, armados de uma espingarda e de uma câmara Rolex de 16 mm, filmaram cerca de 80 mil metros de películas a cores, nas diferentes frentes da guerra.

Vários meses antes da vitória sandinista, essa mesma equipa de cineastas e combatentes da Frente Sul "Benjamin Zeledón" e alguns internacionalistas, organizaram o INCINE, com os equipamentos de uma incipiente empresa cinematográfica que foi nacionalizada em Setembro de 1979.

Esta longa metragem, filmado na Nicarágua, é uma denúncia da intervenção dos Estados Unidos na América Central e está a ser exibida em 50 cidades deste país.

## Luto na cultura latino-americana

Destacadas figuras da cultura latino-americana, como o escritor peruano Manuel Scorza, o escritor e jornalista mexicano Jorge Ibaranguoitia, o escritor uruguaio Angel Rama, a crítica de arte argentina Marta Traba e a senadora colombiana Ana Sixta González de Cuadros, fazem parte da extensa lista de vítimas fatais (182 pessoas) provocada pelo trágico acidente do *boeing 747* das linhas aéreas colombianas, Avianca, que caiu, a 27 de Novembro último, nos arredores do aeroporto madrileno de Barajas.

Manuel Scorza era considerado um dos melhores romancistas sul-americanos, normalmente colocado pela crítica literária à altura de Gabriel Garcia Márquez, Mario Vargas Llosa ou Julio Cortázar.

Criando personagens reais e imaginárias, Scorza escreveu uma verdadeira canção épica sobre as lutas dos camponeses peruanos contra o domínio dos grandes latifundiários e das empresas mineiras norte-americanas. Com longos anos de exílio, Manuel Scorza vivia actualmente em Paris, onde, em 1982, publicara o seu último romance, *La danza inmóvil*. Mantendo uma autonomia entre si, os seus cinco romances mais conhecidos formam, contudo, uma *Redoble por Rancas* (no Brasil, "Bom-dia para os defuntos"), *Historia de Garabombo, el invisible*, *El jinete insomne*, *Cantar de Agapito Robles* e *La danza inmóvil*.

Marta Traba, mulher de Angel Rama e professor da Universidade de los Andes, de Bogotá, foi também galardoada com o prémio "Casa das Américas" com o seu romance *Las ceremonias del verano*. Vivia no exílio praticamente desde 1970 e estava proibida de regressar à Argentina pela ditadura militar.

Jorge Ibaranguoitia, foi também duas vezes vencedor do prémio "Casa de las Américas", de Cuba, e era considerado como um dos maiores valores da literatura contemporânea mexicana.

Angel Rama, conhecido jornalista do semanário uruguaio *Marcha* que era publicado durante a década de 60 em Montevideo, foi, na opinião dos seus compatriotas no exílio "um homem que teve sempre uma clara posição na luta contra a ditadura militar e um militante activo das causas democráticas, profundamente antiditatorial e anti-imperialista", o que levou a administração Reagan a expulsá-lo dos Estados Unidos, em 1982.







## Tradição oral e mitos africanos

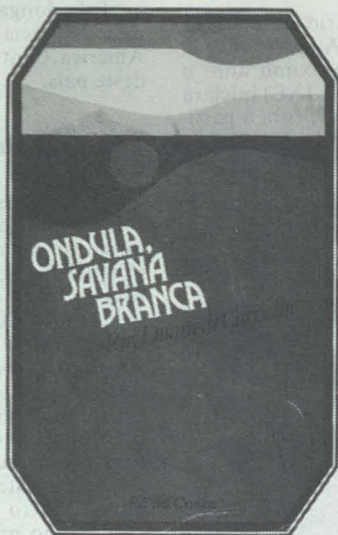
Conhecendo a formação de Ruy de Carvalho facilmente se poderá compreender os fundamentos do seu livro.

Ruy Duarte de Carvalho, regente agrícola de profissão, desde muito cedo, vivendo no interior de Angola, tomou contacto com os vários tipos humanos e sociais e as tradições do povo angolano. Aí, trabalhando na terra, nas plantações de café ou na criação de bovinos, conhece as realidades económicas e sociais e aprende a dar valor às raízes culturais do povo africano.

Por outro lado, o artista plástico e o cineasta completam nele o poeta, configurando-lhe uma feição peculiar. Deste modo, é o esteta que organiza a obra, não só pela beleza dos ensinamentos que encerram os textos escolhidos, mas pela própria estrutura. Neste trabalho "Ondula, savana branca", Ruy de Carvalho apresenta uma recolha de textos orais da tradição africana que divide em três partes:

1) *Versões* — Isto é, adaptações para a língua portuguesa de produções poéticas já divulgadas através de outras línguas de grande expansão. É o caso de textos recolhidos por Ulli Beier in "The Origin of Life and Death" e "African Creation Myths, an anthology of traditional poems" ou de Langston Hughes in "Poems from Black Africa" e de Maurice Bowra, Ruth Finnegan, John Mbiti, Jerhomo Rothemberg e Loeb, autores de obras dedicadas ao mito, ao sagrado e ao folclore africanos.

11) *Derivações* — O autor faz um trabalho de recriação poética, a partir de algumas produções já traduzidas para português, cuja tradução não tinha, no entanto, a qualidade poética que o conteúdo deixava transparecer.



O primeiro poema "Nianeka" é constituído por trinta provérbios de uma colecção de 166, fornecida pelo Pe. António Joaquim da Silva, da Missão de Huila.

Os poemas "A Fome" e "Chuva" extraídos da obra do Pe. Carlos Mittelberger "Entre os Cuanhamas, Portugal em África" formam, juntamente com o primeiro, um espaço dedicado ao povo angolano, ao pensamento e filosofia que transparecem dos provérbios populares, como ainda à angústia provocada pela tragédia das secas no Sudoeste de Angola. Termina esta parte com um longo poema "Bambara", elaborado sobre as máximas da doutrina religiosa dos Bambara tirados das obras do etnólogo Dominique Zahan "Sociétés d'initiation Bambara, le n'domo, le koré" e "La Religion, Spiritualité et pensée africaines".

III) *Reconversões* — O poeta já conhecido de "Sinais Misteriosos, já se vê", "Exercícios de Crueldade" e de "A Decisão da Idade" transforma em poesia material do domínio da antropologia que nunca tinha sido antes considerado numa perspectiva literária. Aliás, o material Bambara, na sua origem, uma seqüência de máximas iniciáticas, que se encontra no 2.º capítulo, pode ser remetido para este capítulo.

Para além do interesse literário, não só pelo conteúdo como pelas notas explicativas, este livro tem também valor de natureza antropológica e especificamente dentro do campo da religião, da mística, dos mitos africanos.

E.R.S.

*Título:*

ONDULA, SAVANA BRANCA

*Autor:* Ruy Duarte de Carvalho

*Editor:* Sá da Costa

*Colecção:* Vozes do Mundo

Lisboa, 1982



## **SOBRE A UNIDADE NO PENSAMENTO DE AMILCAR CABRAL**

Sérgio Ribeiro



### **Sobre a unidade no pensamento de Amílcar Cabral**

Sérgio Ribeiro

Interpretação de um dos temas fundamentais do pensamento de Amílcar Cabral

Prefácios de Alfredo Moura  
e Vasco Cabral

## **EL SALVADOR O caminho dos guerrilheiros**

Carlos Gil



### **El Salvador O caminho dos guerrilheiros**

Carlos Gil

Quinze dias com os guerrilheiros da Frente Farabundo Martí  
Vinte páginas de fotos da guerrilha  
A história recente da luta do povo salvadoreño  
Os principais documentos da revolução

Prefácio de  
José Cardoso Pires

## **terceiro mundo**



Conteúdo:  
História  
Geografia  
Política

Mais:  
Fotografias  
Dados Estatísticos  
de Trabalho e Política  
no Mundo

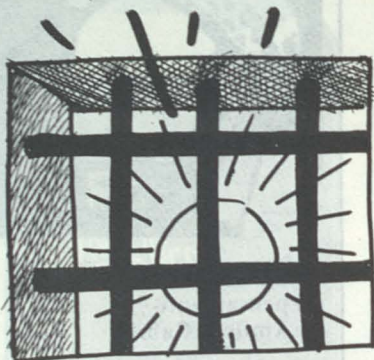
**guia do terceiro mundo 1983**

Três edições  
Tricontinental Editora

Preços especiais para assinantes



VIVA ALFONSÍN!  
VIVA LA DEMOCRACIA!  
VIVA ARGENTINA!



MAL-AGRADECIDOS! SE NÃO FOSSEM AS  
MINHAS LOUCURAS VOCÊS NÃO TERIAM NADA DISSO!







**nosso petróleo  
onde  
é necessário...**

Sociedade Nacional  
de Combustível de Angola

**ONANGOL**

rua duarte pacheco pereira, 8  
c.p. 1316 • Luanda  
telex 3148 3260



# Angola, terra da liberdade.



U  
G  
D  
L



# TAAG

LINHAS AÉREAS DE ANGOLA

Ao Serviço da Reconstrução Nacional